

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE DESPORTOS - CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**AS FUNÇÕES E ATUAÇÕES
DO AUXILIAR TÉCNICO
DE FUTEBOL**

Acadêmico: Pedro Francisco Crema

Florianópolis - SC
Dezembro / 2009

PEDRO FRANCISCO CREMA

**AS FUNÇÕES E ATUAÇÕES
DO AUXILIAR TÉCNICO
DE FUTEBOL**

Trabalho de conclusão de Curso – requisito parcial
para a obtenção da licenciatura no Curso de
Educação Física da Universidade Federal de Santa
Catarina

Orientadora: Prof^a Msc Marize Amorim Lopes

Florianópolis – SC
Dezembro / 2009

TERMO DE APROVAÇÃO

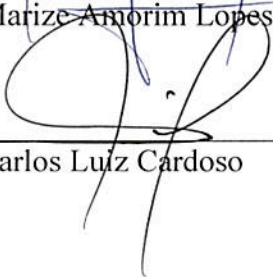
PEDRO FRANCISCO CREMA

AS FUNÇÕES E ATUAÇÕES DO AUXILIAR TÉCNICO DE FUTEBOL

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado no Curso de Educação Física, Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte Banca Examinadora:



Prof.^a Msc Marize Amorim Lopes (Orientadora)



Prof. Msc Carlos Luiz Cardoso (Membro)

Prof. Esp. João Carlos Amarante (Membro)

Prof. Ricardo Lucas Pacheco (Suplente)

Florianópolis, 04 de dezembro de 2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito a todos aqueles que, de qualquer forma, tenham me ajudado, de boa vontade, no decorrer de minha vida, deste curso, e na realização e desfecho desta Monografia.

Agradeço também a todos que lutaram pela melhoria do mundo.

Não vou cometer a injustiça de citar nomes.

Não me importo em ser repetitivo, mas sim me importaria se fosse ingrato ou injusto.

Por isso, repito, reitero e ressalto:

Agradeço muitíssimo a todos aqueles que, de qualquer forma, tenham me ajudado, de boa vontade, no decorrer de minha vida, deste curso, e na realização e desfecho desta Monografia.

Agradeço também a todos que lutaram pela melhoria do mundo.

“Pessoas que vão em busca da salvação do mundo
não são compreendidas por pessoas que não vão em
busca da salvação do mundo.”

(autoria própria)

RESUMO

TÍTULO: As Funções e Atuações do Auxiliar Técnico de Futebol - 2009

AUTOR: Pedro Francisco Crema

ORIENTADORA: Prof^a Msc Marize Amorim Lopes

A temática em análise nesta monografia é a atuação do Auxiliar Técnico de futebol, nos processos desportivos futebolísticos, incluindo suas funções e ações rotineiras, seu caráter educativo e de responsabilidade social, bem como suas relações com os demais profissionais, especialmente o Técnico ou Treinador e componentes da equipe técnica. O objetivo geral do estudo foi identificar as funções e atuações do Auxiliar Técnico futebolístico; seu perfil, formação, e papel profissional, educativo e social. Pretende-se que a presente reflexão subsidie processos de aperfeiçoamento futebolístico e processos de auto-aperfeiçoamento de quem quer que atue ou queira atuar com futebol. O estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória descritiva, com enfoque qualitativo, que buscou subsídios para compreender as funções e atuações do Auxiliar Técnico em clubes de futebol profissional. O estudo caracteriza-se por uma metodologia de natureza qualitativa de tipo exploratória descritiva, que reflete e descreve o assunto nas suas dimensões teórica e prática, valendo-se de levantamento teórico em fontes bibliográficas de referência e valendo-se também de investigação em campo, por meio de observação indireta de tipo entrevista, com uma amostragem intencional de profissionais que atuam ou atuaram no cargo de Auxiliar Técnico, de 5 clubes pertencentes a Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol 2009 e 5 clubes pertencentes a Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol 2009. Conclui-se com este estudo que o Auxiliar Técnico é um tipo de profissional que auxilia o Treinador em muitos aspectos, tem peso nas decisões, influi nos resultados futebolísticos, financeiros, midiáticos e sociais, deve possuir uma série de conhecimentos e competên, e deve ter extrema consciência ético-moral, sendo que deve atuar com extrema responsabilidade social, ética e moral, e com forte contribuição para a sociedade, não sendo assim indiferente às injustiças e sofrimentos alheios, e assim aproveitando bem a possibilidade que tem de influir intensamente na qualidade social das comunidades.

PALAVRAS CHAVE: Futebol. Auxiliar Técnico. Comissão Técnica. Funções e Atribuições. Caráter Educativo. Responsabilidade Social

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
1.1. JUSTIFICATIVA.....	10
1.2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA.....	14
1.3. OBJETIVOS.....	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1.O FUTEBOL.....	17
2.1.1. Evolução histórica.....	17
2.1.2. Conceitos.....	21
2.1.3. Componentes básicos no desenvolvimento do Futebol.....	22
2.1.3.1. A organização do Jogo de Futebol.....	23
2.1.3.2. Técnicas	24
2.1.3.3. Táticas.....	26
2.1.3.4. Sistemas de jogo / Esquemas Táticos do Futebol.....	27
2.1.3.4.1. Quanto às características físico-técnico-táticas e psicológicas jogadores.....	29
2.1.3.4.2. Quanto à ocupação dos setores.....	32
2.1.3.4.3. Posições no Futebol.....	32
2.1.3.5.Evolução dos Sistemas e Táticas.....	35
2.2. RECURSOS HUMANOS ATUANTES NO DEPARTAMENTO DE FUTEBOL DOS CLUBES DE FUTEBOL.....	37
2.2.1. Competências: Conhecimentos / Habilidades /Atitudes.....	39
2.2.2. Categorias de Recursos Humanos atuantes no Futebol.....	40
2.2.3. Comissão Técnica de Futebol e Comissão de Apoio Técnico.....	43
2.2.4. A figura do Gerente de Futebol.....	45
2.2.5. Técnico / Treinador.....	46
2.2.6. Preparador Físico.....	49
2.2.7. Preparador de Goleiros.....	51
2.2.8. Médico e Psicólogo.....	52
2.2.9. Auxiliar Técnico.....	55
2.3. INTERCOMPLEMENTARIDADE NA COMISSÃO TÉCNICA DE FUTEBOL: CONCEITOS E CONDUTAS.....	59

2.4. RESPONSABILIDADE SOCIAL	62
3. METODOLOGIA.....	67
3.1. TIPO DE ESTUDO.....	67
3.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	67
3.3. INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	67
3.4. COLETA DE DADOS.....	69
3.5. ANÁLISE DOS DADOS.....	69
4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DOS ESTUDOS E ANÁLISES.....	71
4.1. CARACTERÍSTICAS DA TRAJETÓRIA / PERFIL DOS AUXILIARES TÉCNICOS ENTREVISTADOS.....	71
4.2. FORMAÇÃO IMPORTANTE PARA O BOM EXERCÍCIO PROFISSIONAL DE UM AUXILIAR TÉCNICO FUTEBOLÍSTICO	73
4.3. CONHECIMENTOS IMPORTANTES PARA O BOM EXERCÍCIO PROFISSIONAL DE UM AUXILIAR TÉCNICO FUTEBOLÍSTICO.....	74
4.4. COMPORTAMENTOS, HABILIDADES E REQUISITOS DOS AUXILIARES TÉCNICOS	75
4.5. FUNÇÕES E ATUAÇÕES DOS AUXILIARES TÉCNICOS	77
4.5.1. Plano / Preparo para o jogo	78
4.5.2. Treino	78
4.5.3. Desenvolvimento da prática	80
4.5.4. Avaliação / Realimentação, e Organização da Informação	81
4.5.5. Inteiração de visão contextualizada e globalizada da situação em foco	81
4.5.6. Interação com o Técnico	82
4.5.7. Condutas e estratégias didático-pedagógicas	83
4.6. O PAPEL EDUCATIVO DO AUXILIAR TÉCNICO.....	84
4.7. A RESPONSABILIDADE SOCIAL DO AUXILIAR TÉCNICO.....	88
4.8. ALGUNS ASPECTOS GERAIS – COMPLEMENTARES.....	92
4.9. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	93
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94

REFERÊNCIAS	96
--------------------------	-----------

MATERIAL ANEXO.....	100
----------------------------	------------

- Apêndice 1: Itens da Entrevista semi-estruturada.....	101
---	-----

- Apêndice 2: Características da Trajetória/Perfil dos Auxiliares Técnicos Entrevistados....	102
--	-----

- Anexo 1: Organograma de Comissões Técnicas.....	105
---	-----

- Anexo 2: Modelo de Equipe Técnica no Futebol Brasileiro.....	106
--	-----

- Anexo 3: Organograma da Diretoria de Futebol.....	107
---	-----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Competências básicas e específicas importantes no desenvolvimento profissional no futebol.....	39
---	-----------

Quadro 2: Departamento de Futebol – Área Técnica:

Fluxograma Equipe Principal.....	41
---	-----------

Quadro 3: Aspectos da trajetória e perfil dos Auxiliares Técnicos entrevistados.....	72
---	-----------

Quadro 4: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:

Plano / Preparo para o Jogo.....	78
---	-----------

Quadro 5: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:

Treino.....	79
--------------------	-----------

Quadro 6: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:

Desenvolvimento da prática.....	80
--	-----------

Quadro 7: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:

Avaliação / Realimentação, e Organização da Informação.....	81
--	-----------

Quadro 8: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:

Inteiração do Contexto e da Situação Geral.....	81
--	-----------

Quadro 9: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:

Interação com o Técnico	82
--------------------------------------	-----------

Quadro 10: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:

Condutas e estratégias didático-pedagógicas.....	83
---	-----------

1. INTRODUÇÃO

1.1. JUSTIFICATIVA

O futebol, incluindo sua prática e a reflexão crítica a seu respeito, certamente que serve de orientação, referência, exemplo, e contribuição para a formação de milhões de pessoas que o apreciam. Formação cultural, valorativa, técnica, tática, psicológica, cognitiva, etc. É comprovado e evidente que o futebol exerce influência nas pessoas, em suas mentalidades, atitudes, opiniões, crenças, cultura, hábitos, finanças, planos, sonhos, esperanças, psicologia, saúde, educação, vida, e até princípios de ética, moral, cidadania e responsabilidade. É um fenômeno dos mais impactantes na sociedade atual. O futebol influencia, educa, forma, transforma, move, habitua, as pessoas, interfere nas pessoas e no mundo, e muito. O futebol altera as pessoas e o mundo diariamente, constantemente, a todo instante.

Vive-se hoje numa sociedade que oferece poucas opções de entretenimento e lazer saudáveis e socialmente responsáveis acessíveis à população. Por esta e outras razões, o futebol influencia muito os sonhos, esperanças, e cultura das pessoas. Provavelmente seja o esporte mais assistido, e também o preferido pelas pessoas, seja de qual idade for, seja de qual região do mundo for, seja de qual classe sócio-econômica e política for. Ele se faz presente na tela de televisores, em rádios, em campos de várzea, em estádios, em clubes, em escolas, em universidades, em pátios, em casas, em ruas, enfim: no dia-a-dia de pessoas de todas as classes sócio-econômicas e políticas.

Para Coimbra (2001,p.15)

“o futebol continua sendo o esporte das multidões em todo o mundo... Apesar do avanço tecnológico e do exagerado comércio que envolve clubes, jogadores, empresas, empresários e federações, o futebol mantém o prestígio, por (...) ainda contar, principalmente, com a paixão dos torcedores, (...) na expectativa do resultado final. Sua importância é tão acentuada que a FIFA congrega mais filiados que a ONU”.

Drubsky (2003, p.21) afirma que é impossível viver sem influência direta do futebol.

Apesar de tudo isso, o futebol, em seus diferentes aspectos, ainda não foi totalmente elucidado, estando longe disto, carecendo de mais e muitos estudos a seu respeito para que possa ser compreendido melhor sob os mais diversos enfoques, como a Fisioterapia do Futebol, a Medicina do Futebol, a Nutrição do Futebol, a Ética aplicada ao Futebol, a Psicologia do Futebol, a Preparação Física do Futebol, a Sociologia do Futebol, a Economia

do Futebol, a Filosofia do Futebol, a Administração do Futebol, a relação da Política com o Futebol, entre outros.

O futebol brasileiro na visão de Drubscky (2003, p-17), “apesar de vitorioso e de exibir um sem-número de excelentes jogadores, se esforça para se impor como escola tática de valor no cenário internacional”.

As pessoas que atuam no futebol, sejam como dirigentes, preparadores físicos, técnicos, auxiliares técnicos, sejam como professores de educação física, etc, necessitam de padrões de referência para avaliar e orientar os jogadores nas diferentes posições que existem no futebol. Avaliações que ocorrem quando convoca-se um jogador, quando escala-se um jogador, quando educa-se um jogador, nas aulas, nos treinamentos, em seu desempenho, na decisão de substituir um jogador, contratar um jogador, punir um jogador, e até mesmo expulsar ou demitir um jogador em situações moralmente justificáveis. Não se tratam de atitudes subjetivas, há que se ter bons critérios para realizá-las. Esta é uma questão básica. Pois todos estes atos envolvem muita responsabilidade, são atos em que o aspecto ético deve ter muita importância e ser muito considerado. Portanto, a pessoa que está com a função de realizar a avaliação diagnóstica (antes), formativa (durante), e somativa (depois) do jogador, precisa estar muito bem informada, ter senso de justiça, discernimento, ética, desenvolvida capacidade de julgamento, ter muitos conhecimentos de várias áreas do conhecimento, além de clareza de parâmetros e referenciais.

No contexto funcional da grande maioria dos clubes de futebol, as relações operacionais dos especialistas se dão de maneira “*independente, desorganizada, fragmentada e distante dos objetivos e das etapas do treinamento aplicado*” (CARRAVETTA, 2001,p.42).

Em geral, o foco de atuação e disponibilidade dos profissionais da área de apoio técnico volta-se ou está comprometida predominantemente com a sua especialidade e com os jogos, sem a busca centrada do desenvolvimento sistemático e global dos futebolistas. O futebolista deveria ser bem formado, instruído, orientado, trabalhado, e desenvolvido nos aspectos físicos, médicos, táticos, psicológicos, culturais, éticos, morais, de bom uso de seus rendimentos, de intervenção social, de ser bom cidadão e exemplo para a sociedade, entre outros. Há um imediatismo e uma visão reducionista da problemática, da dimensão e grau de abrangência da atuação dos recursos humanos agentes e sujeitos do fenômeno futebolístico. E isso faz com que a formação, instrução, orientação, trabalho, e desenvolvimento dos jogadores tenha perdas, seja prejudicada: a fragmentação, separação que há entre as áreas do conhecimento, e entre os profissionais das diversas área, trás sérios prejuízos.

Na constatação de Carravetta (2001, p.42), muitos atletas apresentam “*dificuldades de adaptação e recuperação, deficiências físicas e técnicas, desequilíbrios emocionais, enfermidades, insegurança, lesões, desequilíbrios de forças metabólicas, carências nutricionais, desvios comportamentais, problemas familiares, dificuldades de aprendizagem*” dentre outros.

Além disso, os atletas apresentam, também, dificuldades diretamente relacionadas ao desempenho específico como jogador de determinada zona ou posição.

O contato entre a comissão técnica e as áreas específicas deve ser frequente, na busca da interação no que se refere à identificação e à resolução dos problemas, para, dessa maneira, manter socializadas e sintonizadas as informações sobre necessidades de encaminhamentos e procedimentos para a progressão técnica dos atletas.

Os integrantes das comissões de apoio técnico precisam, por sua vez também, em interação com a comissão técnica, estabelecer um mecanismo funcional de atendimento para suprir a demandas referentes a problemas dos jogadores de futebol e encaminhar procedimentos organizados que preservem e restabeleçam o rendimento.

Embora nem sempre as equipes muito preparadas tenham um desempenho exemplar, é correto afirmar que dificilmente as equipes pouco preparadas chegam aos resultados excelentes. E isso vale tanto para os resultados desportivos, quanto os resultados físicos, psicológicos, financeiros, sociais, etc. Então, há que se aprofundar a compreensão dos fatores determinantes envolvidos nos processos futebolísticos que obtiveram sucesso, de modo a resgatar e otimizar os fatores e processos das outras equipes futebolísticas, para que estas possam ir em direção à excelência nos desempenhos e resultados, nas consequências.

E para saber fazer isso, há que se preparar. Seja nos cursos de formação de treinadores, de atletas, de dirigentes, de professores, seja de forma auto-didata, entretanto permanentemente e abrangendo várias áreas do conhecimento.

Seguindo nesta linha de raciocínio, destaca-se a necessidade de se analisar e refletir sobre a atuação dos recursos humanos futebolísticos.

No futebol, o técnico é o principal responsável por uma série de decisões referentes à equipe, incluindo-se aí decisões a respeito de aspectos técnicos, táticos, físicos, estratégicos, organizativos, de planejamento e programação, e até mesmo de aspectos psicológicos, contratuais, logísticos, nutricionais e médicos. Ele poder vir a ser auxiliado por uma série de profissionais, mas suas decisões são muito influenciadas pelo suporte que o Auxiliar Técnico lhe dá.

Neste sentido, a partir da presente contextualização, o foco de estudo nesta monografia é a atuação, as funções e atuações, do Auxiliar Técnico de futebol profissional, tendo-se decidido estudar e investigar os “afazeres” e competências do auxiliar técnico nos clubes de futebol, por se considerar que se trata de profissional de relevância na dinâmica do futebol, na relação com o treinador e atletas, e na sociedade, pois sua função é também educativa, e interfere na sociedade.

Ao se realizar inicialmente, levantamentos junto à Biblioteca Universitária e outras fontes, foi possível verificar que há na literatura científica uma incipiente abordagem a respeito do Assistente/Auxiliar Técnico de Futebol; no Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina, a abordagem desta temática é praticamente inexistente. Este fato, dificultou a pesquisa do assunto, mas não inviabilizou-a, pois encontrou-se muitas informações correlatas ou sobre os próprio auxiliares técnicos, por meio de diversas fontes.

Esta monografia realizou, do ponto de vista teórico, uma reflexão acerca dos papéis / funções e competências dos recursos humanos que atuam em diferentes níveis, mas prioritariamente do Auxiliar Técnico futebolístico, na perspectiva de subsidiar o trabalho deste profissional. Também teve como propósito permitir a discussão desta temática no âmbito da universidade, mais diretamente através do curso de licenciatura em Educação Física, de onde muitas vezes, saem os profissionais que vão atuar, ou na formação de atletas ou na formação de seus formadores.

A abordagem teórica dos processos técnicos, táticos do futebol, embora contemplada de forma breve, teve por objetivo compreender e contextualizar as funções do auxiliar técnico, cuja atividade é muito importante na estrutura do Futebol e também para reunir a partir da literatura, sistematizações sobre o futebol.

O presente estudo objetivou, ao mesmo tempo que sistematizar conhecimentos já materializados, porém dispersos, sobre a especificidade da função de auxiliar técnico, também confrontá-los / complementá-los com aquilo que realiza e pensa o Auxiliar Técnico atuante em Clubes de Futebol profissional. O intuito maior foi, pois: conhecer, sistematizar, analisar e refletir sobre sua atuação, mapeando seu perfil, formação, papel profissional, educativo e social.

Entende-se o trabalho desse profissional de futebol como muito relevante pelo grau de responsabilidade e de intercomplementaridade com que se caracteriza.

A monografia está organizada em cinco capítulos ou partes. No primeiro – **O CAPÍTULO INTRODUTÓRIO**, se introduz o tema, justifica-se o estudo, se delimita o

problema e a pergunta norteadora, e se indica os objetivos. No segundo capítulo, denominado **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**, desenvolve-se uma reflexão a partir de teóricos que abordam o tema, discorrendo sobre os seguintes tópicos – títulos: Sub-título 2.1, FUTEBOL, onde aborda-se: Evolução histórica, Conceitos, Componentes básicos no desenvolvimento do Futebol, A organização do Jogo, Técnicas, Táticas, Sistemas de jogo / Esquemas Táticos, Características físico-técnico-táticas e psicológicas dos jogadores, Ocupação dos setores, Posições no Futebol, Evolução dos Sistemas e Táticas. No sub-título 2.2, RECURSOS HUMANOS ATUANTES NO DEPARTAMENTO DE FUTEBOL DOS CLUBES DE FUTEBOL, aborda-se: Competências, Conhecimentos/Habilidades/Atitudes e Aprender o Saber /Fazer/ Conviver / Ser, Categorias de Recursos Humanos atuantes no Futebol, Funções da Comissão Técnica de Futebol e Comissão de Apoio Técnico: A figura do Gerente de Futebol, Técnico / Treinador, Preparador Físico, Preparador de Goleiros, Médico e Psicólogo, Auxiliar Técnico. No sub-título 2.3, reflete-se sobre a INTERCOMPLEMENTARIDADE NA ATUAÇÃO DA COMISSÃO TÉCNICA DE FUTEBOL. E no sub-título 2.4. discorre-se sobre **RESPONSABILIDADE SOCIAL**. No capítulo três, **METODOLOGIA**, explicita-se a metodologia usada, incluindo o Tipo de Estudo, a População e Amostra, o Instrumento de Pesquisa, a Coleta de Dados, a Análise dos Dados. No capítulo quatro, efetua-se a **APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS DOS ESTUDOS**. No quinto e último capítulo oferece-se **CONSIDERAÇÕES FINAIS** acerca das funções e atuações do auxiliar técnico de futebol. Confronta-se analiticamente a literatura com as entrevistas em diferentes aspectos de sua atuação, estabelecendo-se a relação com os objetivos pretendidos e a pergunta problema. Em apêndice, coloca-se o roteiro da entrevista semi-estruturada, e características da trajetória / perfil dos auxiliares técnicos entrevistados. Em anexo, coloca-se alguns modelos de organogramas do Departamento Técnico de Futebol.

1.2. DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

O questionamento maior da presente pesquisa é saber sobre a atuação do Auxiliar Técnico Futebolístico. E deste, decorrem questões específicas como:

- Quem é o Auxiliar Técnico, seu perfil, sua formação, sua vinculação profissional?
- Qual o papel do Auxiliar Técnico no Futebol ?

- Quais as atividades do Auxiliar Técnico futebolístico no plano e preparo para o jogo, no treino, no dia do jogo: no pré jogo, durante, no intervalo e pós jogo, na organização e transmissão da informação obtida no contexto?
- Qual o nível de interação e intercomplementaridade das funções específicas do Auxiliar Técnico futebolístico com as funções específicas do Técnico ?
- Que condutas e estratégias didático-pedagógicas adota?
- Como se manifesta a sua responsabilidade social e educativa enquanto Auxiliar Técnico futebolístico?

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. **Objetivo Geral:** Identificar as funções e atuações do Auxiliar Técnico futebolístico, seu perfil, formação, e caráter profissional, educativo e social, para subsidiar processos de aperfeiçoamento futebolístico e processos de auto-aperfeiçoamento de quem quer que atue ou queira atuar com futebol.

1.3.2. Objetivos Específicos

1.3.2.1. Reunir, a partir da literatura, sistematizações sobre o futebol.

1.3.2.2. Levantar aspectos do perfil dos Auxiliares Técnicos futebolístico entrevistados, acerca da formação, trajetória no futebol e caracterização vinculativa profissional.

1.3.2.3. Identificar as funções e atuações de Auxiliares Técnicos de futebol, atuantes em clubes pertencentes à série A ou B do campeonato brasileiro de futebol.

1.3.2.4. Identificar as competências e habilidades inerentes à função de Auxiliar Técnico.

1.3.2.5. Identificar a opinião dos Auxiliares Técnicos futebolísticos se um Auxiliar Técnico futebolístico e/ou um Treinador de futebol pode(m) ser considerado(s) um professor e/ou um educador.

1.3.2.6. Identificar o caráter educativo para a formação e atuação profissional de auxiliares

técnicos futebolísticos.

1.3.2.7. Identificar entre os Auxiliares Técnicos futebolísticos, seu posicionamento em relação à responsabilidade social e à função social do trabalho de um Auxiliar Técnico.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1.O FUTEBOL

A atuação do Auxiliar Técnico no futebol passa necessariamente, pela compreensão deste esporte em seu contexto histórico, sua organização, características e funcionamento. Então, neste capítulo, que denominou-se Futebol, disserta-se sobre alguns aspectos de sua história, seus conceitos, seus componentes básicos, sua organização, sistemas de jogo, esquemas tático-técnicos, posições e sistemas em evolução.

Entendendo-se que esta monografia poderá, potencialmente, oferecer subsídios aos processos de aperfeiçoamento desportivo futebolístico e processos de auto-aperfeiçoamento de quem quer que atue ou queira atuar com o futebol, a presente abordagem se justifica.

2.1.1. Evolução histórica

A história do esporte é muito complexa se comparada à história do futebol; o que se traz aqui é uma breve abordagem sobre o tema esporte na sociedade, desde o surgimento no velho continente até a introdução do mesmo na América, mais precisamente no Brasil.

Insere-se, a partir daí, alguns dos principais momentos do surgimento do futebol.

Duarte (1997,p.3-9) descreve a evolução do jogo coletivo assim:

“a árvore genealógica do futebol”, afirmando que desde a antiguidade e Idade Média existiam jogos parecidos com o futebol. Na China, em 2.600 a.C., inventou-se o KEMARI. Nele participavam oito (08) jogadores de cada lado e o campo era delimitado por um quadrado de quatorze (14) m de lado, com duas estacas fincadas no chão e a altura delimitada por um fio de seda. Bola redonda, com 22 cm de diâmetro (cheia de cabelos e crinas). Os jogadores a conduziam com os pés e tinham por objetivo passá-la entre e além das estacas.

Na Grécia, praticava-se o EPYSKIROS, com regras desconhecidas. Os romanos tinham o HARPASTUM com bola e algumas regras. Na França o SOULE, na Itália (Florença), o CÁLCIO. Na Idade Média, a Inglaterra jogava o “futebol”, sem limite de jogadores, e considerado selvagem pela sua brutalidade. Comenta-se que na Itália ocorreu um jogo com a presença de 500 jogadores de cada lado. Em 1660 começaram surgir algumas regras, especialmente limitando o número de participantes e tamanho do campo (80 por 120 m). Surgiram os gols. Dois postes distantes um metro um do outro e chamados ARCOS. O gol valia se a bola passasse entre os dois postes”.

A Organização do futebol coube aos ingleses, mas sua origem perde-se no tempo.

“O futebol mais parecido com o que se conhece hoje nasceu em 1863, quando os ingleses impuseram algumas regras ao jogo. Era preciso disciplinar e diferenciá-lo de outras modalidades que também nasciam e se misturavam ao “jogo com os pés”. A partir de 1871, “o futebol”, que já era jogado com onze componentes em cada equipe, passou a ter no “espectador”, ou goleiro, o único elemento que poderia usar as mãos. Os dez jogadores de linha, a partir de então, teriam de atuar com os pés”. (DRUBSCKY,2003, p.113)

Aos poucos, as regras foram se aperfeiçoando; foram mais ou menos 140 anos de muitas transformações no futebol em suas técnicas e táticas.

“De puramente ofensivo e sem grandes elaborações táticas, chegou aos tempos modernos envolto na atmosfera de pensamentos e ações estratégicas para se chegar ao gol adversário. Naquele tempo, o jogo consistia em partir “sem dó” para cima do espectador adversário com quase todo o time. O principal objetivo, assim como até hoje, era colocar a bola dentro do gol contrário, mas com “goleiro e tudo” se fosse preciso, o que não é permitido há muitos anos. Essa era a jogada espetacular da época”. (DRUBSKY, 2003, p.113)

Pela análise de Betti (1997), na Europa, o esporte de campo era a forma de lazer da aristocracia inglesa, mas esse panorama foi se modificando no século XIX com a proliferação do esporte até então elitista, em outras camadas sociais e sua institucionalização em órgãos diretivos.

(...) Com o passar do tempo, a burguesia emergente tomou emprestado padrões de comportamento refinados e educados que deram posteriormente origem ao *fair play* (jogo limpo): das classes populares, algumas formas esportivas rudimentares como o futebol e da aristocracia os jogos de campo.

(...) Paralelamente a isso, intensificou-se a relação entre o aumento do tempo de lazer e a difusão do esporte entre a população operária e urbana; esse processo porém, contou com a resistência da burguesia, que não admitia a presença da classe operária nos esportes considerados de elite.

(...) No século XIX o movimento esportivo inglês estava pronto para ser exportado, vindo a confirmar significativamente, o ressurgimento dos jogos olímpicos.

(...) Já no século XX o esporte virou um fenômeno de expansão mundial, dado que pela sua origem lúdica, atingia o âmago da natureza humana, sendo quase sempre uma paixão.

(...) A competição entre os indivíduos pela vitória, um princípio da ideologia do liberalismo do século XIX, era estrategicamente estimulada.

Bracht (2003, p.9), define a expansão do esporte no mundo: “Tão rápido e tão ‘ferozmente’ quanto o capitalismo, o esporte expandiu-se pelo mundo todo e tornou-se a expressão hegemônica no âmbito da cultura corporal do movimento”.

Referindo-se ao esporte no Brasil, mais especificamente o Futebol, Mauro Betti (1997) diz que o mesmo é uma reinvenção brasileira, adquirindo novas características próprias da cultura brasileira.

Duarte (1997, p.5) relata que o futebol chegou aqui, primeiramente por intermédio de marinheiros ingleses, holandeses e franceses, na segunda metade do século XIX. Eles jogavam nas praias do Rio de Janeiro, na parada dos navios e quando iam embora levavam as bolas.

Zenatti (2008, p. 23-26), ao abordar “o começo de tudo do futebol no Brasil”, resume que surgiu concretamente através de Charles Miller, filho de um cônsul britânico de São Paulo e de mãe brasileira. Nascido em 1874, Miller foi estudar na Inglaterra, de 1884 a 1894,

onde o futebol já estava regulamentado. Lá, aprendeu a jogar, era hábil e profundo conhecedor das regras, chegando inclusive a atuar pela Seleção do Condado de Hampshire. Em outubro de 1894, de volta ao Brasil, trouxe sua experiência, as regras do jogo, duas bolas, a agulha e uniforme para a implantação do novo esporte.

Na percepção de Filho (apud CAMPOS, 1998,p.16), na verdade, o futebol trazido por Miller era um esporte universitário inglês e burguês que, no Brasil, assim permaneceu durante os dez primeiros anos de sua chegada, sendo pouco praticado. Era restrito à elite, composta majoritariamente por ingleses e alemães. Além disso, era utilizado como recreação nos colégios de classe alta do Rio de Janeiro e de São Paulo.

“Praticado apenas pela elite, principalmente por estrangeiros, não demorou muito para sua prática começar a ser imitada por jovens brasileiros das camadas superiores. Surge então, a primeira equipe brasileira, composta por alunos do Mackenzie College de São Paulo, que fundaram um time com o mesmo nome do colégio”, prossegue o mesmo autor.

De acordo com Betti (1997), os primeiros clubes surgiram no estado de São Paulo, ao final do século XIX, ligados às companhias de gás, ferrovias e bancos ingleses instalados no Brasil; despontam a partir daí, pois, os primeiros clubes brasileiros, inicialmente nas camadas altas da sociedade e depois nas médias. O autor acrescenta que:

(...) “Posteriormente, apaixonou os jovens que enxergaram que este esporte, o futebol, era o mais completo do ponto de vista educativo e psicodinâmico.

(...) Lentamente, o povo iniciava a sua participação nas famosas peladas dos meninos pobres e ao mesmo tempo aparecia as crises políticas das federações que respondiam a um conflito de classes.

(...) No Brasil, as escolas eram as mais estimuladoras da prática do futebol, diferente da Inglaterra, onde este era jogado escondido nos colégios, e os jovens que se destacavam procuravam depois os clubes para melhor formação. Enquanto foi cultivado pelas camadas superiores, o futebol conservou seu caráter amador”.

No relato de Reis (1999, p.120), em dezembro de 1901, foi criada a Liga Paulista de Futebol, a primeira Federação Estadual surgida no País. Cinco anos mais tarde, em 1906, surge a Liga Metropolitana de Futebol e sua respectiva federação. Essas duas entidades foram as responsáveis pelo advento da Seleção Brasileira, sendo São Paulo e Rio de Janeiro os principais centros do futebol.

Coelho reitera e complementa:

No início do século XX foi fundada a liga paulista de futebol, e também vários clubes foram fundados em outros estados, principalmente no Rio de Janeiro. Esses clubes que surgiram na cidade Fluminense, tinham como pano de fundo o remo, considerado esporte de elite, sendo assim eram chamados clube de regatas, tais como: Clube de Regatas Flamengo; Clube de Regatas Vasco da Gama; Botafogo de Futebol e Regatas; e São Cristóvão de Futebol e Regatas (COELHO, 2006).

Betti (1998), registra um fato importante: à medida que a popularidade do futebol aumentava, atraía um público crescente, gerando interesses financeiros maiores, forçando os clubes a terem um desempenho melhor de suas equipes futebolísticas, fator este que levou a incorporação de jogadores de camadas sociais mais baixas.

Após a criação de vários clubes, já era possível perceber, de acordo com a narrativa de Betti (1998), as discrepâncias sociais, pois existiam os clubes da classe alta.

(...) Ao transformar-se em espetáculo das massas, a profissionalização do esporte no Brasil tornou-se realidade. (A recíproca também é verdadeira). Enquanto o futebol tornava-se popular, nos clubes aumentava a necessidade de ganhar, e isto dependia do bom desempenho de seus times.

(...) Neste sentido, os clubes, como instituições sociais e também esportivas, utilizavam-se do futebol de vitrine para interesses financeiros cada vez maiores.

(...) Essas instituições passaram a investir, então, em jogadores negros, mulatos e brancos da classe pobre. Esses jogadores que não tinham condições de estudar e sem profissão começaram a enxergar no futebol um modo de ascensão social.

(...) O processo de profissionalização do futebol, foi iniciado por volta de 1910. Nesse momento, enquanto os jogadores viviam em meio a dificuldades financeiras, os clubes tornavam-se uma indústria cada vez mais poderosa, lucrando com o futebol.

(...) Com a profissionalização, os jogadores puderam dedicar-se exclusivamente ao esporte, tendo tempo para maior aprimoramento da técnica e, conseqüentemente, proporcionando um jogo de melhor qualidade no campo, o que lotava os estádios.

(...) A consolidação do futebol como o principal esporte de preferência dos brasileiros ocorreu na segunda metade do século XX. Isso porque foi conquistado o vice-campeonato mundial de 1950 e ocorreram as vitórias nas Copas de 1958, 1962 e 1970, as quais colocaram o futebol brasileiro como o melhor do mundo. A partir daí, a procura pelo esporte aumentou e junto, a necessidade de acompanhar de perto os principais acontecimentos.

O futebol tornou-se então, “paixão nacional”. Homens e mulheres acompanham seus times, lotando estádios, ouvindo-os pelo rádio e assistindo-os pela televisão.

Na análise histórico-crítica de Padovan, no prefácio do livro “Futebol em Zona”, de Accame (1994, p.9), da segunda metade dos anos oitenta em diante, o futebol converteu-se em um culto. Primeiro, por estar ligado a êxitos; segundo por ser possível assisti-lo pela televisão e, sendo esse meio de abrangente divulgação, poder contar com o entusiasmo e por conseqüência com o reconhecimento constante do público; e em terceiro lugar, por desencadear uma reflexão científica sobre seus postulados físico-biológicos.

Assim, com o decorrer dos anos e com muitas transformações, chegou-se ao estágio atual do futebol.

2.1.2. Conceitos

Várias são as formas de conceituar o Futebol, porém a essência permanece.

“O futebol, como qualquer outro jogo, tem códigos e conceitos individuais ou coletivos que estão antes de qualquer tática ou sistema”.(CAPP, apud CÁRDENES,1999, p. 22)

No Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio (2008, p.259), o futebol é definido como “jogo esportivo disputado por dois times, de 11 jogadores cada um, com uma bola de couro, num campo com um gol em cada uma das extremidades, e cujo objetivo é fazer entrar a bola no gol defendido pelo adversário”.

De uma maneira abreviada, Duarte (1997, p. XIII) define o futebol como “um espetáculo com movimentação e gols...”. “Um pontapear a bola com um significado especial para a espécie humana...”, no analisar de Morris (1981,p.7).

“O futebol é um esporte praticado com os pés, exercido pelos músculos, articulado pelos ossos e dominado pelo cérebro” (CASTRO,1994, p.9).

Goldgrub (1990, p.13) concebe futebol como um espetáculo composto de “dribles e tabela, lançamentos e piques, ou seja, lances de habilidade, rapidez, (...) e, às vezes, acrobacia (como as famosas bicicletas ou chilenas)”.

“O **futebol** (em inglês *Football* ou *Soccer*) é o esporte coletivo mais praticado no mundo. É disputado num campo retangular por duas equipes, de onze jogadores em cada lado, que têm como objetivo colocar a bola dentro das balizas adversárias, o que é chamado de *gol* (Brasil) ou *golo* (Portugal) - ambos os termos derivam da palavra inglesa "goal". Não é permitido o uso das mãos, exceto pelos goleiros e nas cobranças dos lançamentos laterais, (onde o jogador deve lançar a bola para dentro do campo com as duas mãos)". (WIKIPEDIA)

Cruz Cárdenes (1999,p.19), afirma que “O jogo de futebol é uma atividade em equipe, na qual existem muitos elementos de colaboração. (...) É fundamental saber os porquês e conhecer os segredos do futebol”.

“O futebol é um desporto que ao não ser sistemático como outros, produz inúmeras interpretações sobre uma mesma questão” (CRUZ CÁRDENES,1999, p.19).

A definição de Castelo ([1995],p.5), vem completar todos estes conceitos: “O jogo de futebol é um desporto coletivo no qual os intervenientes (jogadores) estão agrupados em duas equipes numa relação de adversidade – rivalidade desportiva, numa luta incessante pela conquista da posse da bola (respeitando as regras do jogo), com o objetivo de a introduzir, o maior número de vezes, na baliza adversária e evitá-los na sua própria baliza, com vistas à obtenção da vitória”.

Numa análise crítica, e de modo metafórico, Morris (1981, p.15-29), aborda as múltiplas facetas - evidentes, falsas ou ocultas - do futebol e o concebe não apenas um jogo,

mas um acontecimento simbólico e algo complexo, permeado de desafios. O resumo de suas concepções é o seguinte:

A primeira dessas diferentes faces do futebol seria a imagem de “caçada ritual”, uma caçada disfarçada, em que a arma torna-se bola e a presa transforma-se em baliza; onde “os jogadores atacam e a bola é disparada contra a baliza”. Uma caça sem sangue e sem animais, e muito instigante.

A segunda face, a de “batalha estilizada”, embute um elemento guerreiro, onde existe um vencedor e um vencido. O futebol retrataria dessa forma, uma dissipação inofensiva de sentimentos de violência.

A terceira faceta do futebol reporta-se à sua exibição de “posição social”, onde são evidenciados status, supremacia, reconhecimento, premiação etc. para aqueles que estão na frente, em vantagens; a sublimação de tudo.

Uma posição política do desafio do futebol expressa o improvável disfarce de “uma droga”:

“o desenvolvimento do futebol moderno é uma conspiração burguesa – capitalista para manter o espírito dos operários preso à glória do trabalho duro afastado da revolta política. Em outras palavras, a natureza competitiva, enérgica do futebol cuida da primeira função, e os momentos de excitação comunitária associada à lealdade do clube, encarregam-se da segunda” (p.25).

Uma quinta face mostra o desafio do “futebol como um grande negócio”; como uma indústria, não um desporto.

O futebol em uma sexta face é desafiado como uma “representação teatral”: um entretenimento de massa com todo o aparato do espetáculo. Possui grandes estrelas, atuações de virtuosos, galas, clubes de fãs etc. “Ao expectadores de um jogo de futebol podem ser adeptos leais, mas, à semelhança de uma platéia de teatro, são também clientes que pagam, sem os quais a tribo do futebol morreria”. Para muitos uma religião.

Na concepção de Morris, portanto, o futebol é um desafio por ser permeado de dimensões, interesses e ideologias.

2.1.3. Componentes básicos no desenvolvimento do Futebol

Pode-se considerar como componentes básicos no desenvolvimento do futebol: organização, técnicas, táticas, sistemas de jogo, esquemas tático-técnicos, interligados e interdependentes.

2.1.3.1. A organização do Jogo de Futebol

Em sentido geral organização é o modo como se organiza um sistema. É a forma escolhida para arranjar, dispor ou classificar objetos, documentos e informações.

Em Administração, organização tem dois sentidos:

1. Combinação de esforços individuais que tem por finalidade realizar propósitos coletivos.
2. Modo como foi estruturado, dividido e sequenciado o trabalho.

Organizar compreende atribuir responsabilidades às pessoas e atividades aos órgãos (unidades administrativas). A forma de organizar estes órgãos chama-se de departamentalização.

As organizações são compostas de estrutura física, tecnológica e pessoas.

Segundo Montana (2003, p. 170) organizar é o processo de reunir recursos físicos e humanos essenciais à consecução dos objetivos de uma empresa.

Sintetizando Montana (2003), percebe-se que uma organização é formada pela soma de pessoas, máquinas e outros equipamentos, recursos financeiros e outros. A organização então é o resultado da combinação de todos estes elementos orientados a um objetivo comum.

Uma organização é uma combinação de esforços individuais que tem por finalidade realizar propósitos coletivos. Por meio de uma organização torna-se possível perseguir e alcançar objetivos que seriam inatingíveis para uma pessoa. Uma grande empresa ou uma pequena oficina, um laboratório ou o corpo de bombeiros, um hospital ou uma escola, um clube de futebol, são todos exemplos de organizações

De acordo Bilhim (2006) "a organização é uma entidade social, conscientemente coordenada, gozando de fronteiras delimitadas que funcionam numa base relativamente contínua, tendo em vista a realização de objetivos comuns"

A estrutura de uma organização é representada através do seu organograma.

Segundo Bartle (2008, p.1) , “ a organização é um fator que contribui para o fortalecimento, capacitação ou empoderamento em uma organização; por sua vez, o nível de eficácia da organização determina a capacidade de um grupo, agência ou comunidade”

O autor usa como ilustração alternativa de organização de um time de futebol o se transcreve a seguir.

“Vamos usar um time de futebol como exemplo: Se você tem dois times de futebol com o mesmo número de jogadores que possuem as mesmas habilidades, condições físicas e tecnologia (i.e. qualidade das chuteiras), eles, os times, são iguais (possuem o mesmo valor). Agora, pense em um time que não é organizado; em que não há divisão de tarefas, nenhuma coordenação ou estrutura social. E um outro time, que é organizado, tem um treinador com autoridade, com diferentes papéis de ataque, defesa, artilharias de esquerda e de direita, centro-avante e outras divisões de tarefas”.

Para Teodorescu (1984) a organização reflete: a cooperação, pois os elementos da equipe agem conjuntamente, juntando os seus esforços para atingirem um fim comum pré-estabelecido; e, a racionalização, já que os elementos da equipe optam consciente e adaptadamente em função dos objetivos pretendidos.

“A noção de organização que deriva da estrutura (lógica) do jogo”, evidencia, no entender de Castelo ([1995], p.123), “três planos de análise fundamentais:

I. Consubstancia de imediato e simultaneamente duas invariantes independentes e complementares: a) a disposição da base da equipe, e, b) a escolha dos meios, para que os jogadores concretizem os objetivos do jogo, ou os objetivos táticos momentâneos da equipe;

II. Orienta continuamente a atividade dos jogadores no jogo, tendo neste sentido, um caráter de processo não casual, mas pré-ordenado. Com efeito, a disposição da base, e a escolha de meios efetua-se de acordo com uma esquemática refletida, pré-estabelecida e formulada, na procura de uma forma geral da equipe, isto é, de uma lógica racional e funcional, através do conhecimento monográfico das particularidades das situações momentâneas do jogo; e por último

III. É submetida a um constante processo de otimização, isto é, de melhoria funcional da estrutura da equipe, logo, implica uma melhor adaptação e ajustamento, ao adversário e aos objetivos pré-estabelecidos”.

Também segundo Castelo ([1995],p.123), considerando o nível de formação de uma equipe, esta reflete, uma organização elementar que permite e demonstra:

- A execução de um complexo de procedimentos técnico-táticos;
- Uma coerência de movimentação e uma ocupação racional do espaço de jogo;
- Uma resolução temporária das situações táticas de jogo; e,
- As soluções estereotipadas das partes fixas do jogo.

Imperativos de ordem técnica e tática, física, psicológica e social, levam a equipe a organizar e a optar pelo mais racional, ditados por coordenadas lógicas.

No sentido dinâmico do termo, a organização conjuga simultaneamente: o sistema de jogo e o método de jogo.

2.1.3.2. Técnicas

Técnica é definida no Dicionário da Língua Portuguesa Aurélio (2008,p.466), como o “conjunto de processos de uma arte ou ciência”.

Há diferença entre técnica e estilo, que Santos Filho (2000. p. 159), assim distingue:

“Técnica é a forma racional, ideal e eficiente de se executarem os movimentos úteis à modalidade em questão, com uma economia de esforços e energia”. Estilo “é o modo particular e pessoal que cada jogador dá ao movimento”.

Para Carravetta (2001,p.92-93), “as técnicas envolvem, em combinação com as regras do jogo, um conjunto de práticas motoras específicas que vão desde os fundamentos básicos

de contato com a bola aos movimentos complexos de tomada de decisão, de controle e de execução, sempre com a finalidade de atingir o máximo rendimento”.

A técnica em futebol, lembra a forma mais eficiente de executar o plano de jogo visando alcançar o objetivo; o processo de desenvolvimento das jogadas; é a habilidade do jogador em movimentar a bola: controlar, recepcionar, conduzir, passar, driblar, chutar, cabecear. Implica ainda o deslocamento produtivo no ataque, no meio de campo ou na defesa.

“A técnica inclui os elementos que deverão ser treinados durante toda a vida atlética do futebolista, seguindo os princípios da sistematização, repetição e adaptação... É necessário deixar sedimentar a aprendizagem de elementos que são específicos para o futebolista: passes, controle, condução, chute, domínio, finta, desarme, proteção, drible, cabeceio, cruzamento e finalização”. (CARRAVETTA, 2001, p.93)

O futebol exige do jogador diversas técnicas, com destaque para o passe e domínio de bola; condução de bola e dribles; chutes e cabeceios; faltas, pênaltis e escanteios; atuação nas posições de atacante, meio-campo, defesa e goleiro; preparação física do jogador; e sobretudo, domínio dos fundamentos do futebol.

Viana & Rigueira (1990,p.299) mostram que “a preparação técnica a ser desenvolvida pelo jogador de futebol exige treinamento de:

1. Movimentos sem bola.
2. Movimentos com bola”

Por sua vez, a preparação através dos movimentos sem bola se “realiza através de corrida do jogador; mudanças de direção e saltos do jogador”; e os movimentos com bola “desenvolvem as habilidade fundamentais ao jogador, quais sejam :

- Controle ou domínio de bola;
- Recepção ou amortecimento;
- Condução;
- Passe;
- Drible;
- Chute;
- Cabeceio;
- Movimentos de ataque e defesa do goleiro”.

Em suma, o jogador necessita desenvolver as técnicas básicas de futebol, como:

- Técnicas de recepção, controle e domínio da bola;
- Técnicas de condução da bola;
- Técnicas de drible/finta.

“A aprendizagem dos elementos técnicos poderá ser treinada, em uma primeira etapa, analisando as fases do movimento, e em uma segunda etapa, globalizando as ações em combinação com a tática individual em ambiente de jogo”. (CARRAVETTA, 2001, p.94)

2.1.3.3. Táticas

Táticas de jogo estão ligadas à disposição da equipe e a tudo que engloba o trabalho de campo.

“A tática é, antes de tudo, uma estática com alguma dinâmica em torno. Quer dizer, designa lugares que os jogadores ocuparão em campo e o seu raio de ação, na maioria das circunstâncias previsíveis” (GOLDGRUB, 1990, p.56).

Segundo Carravetta (2001, p.96), o jogo de futebol é realizado através de um conjunto complexo de ações, em situações diversificadas e indeterminadas, de oposição e cooperação, onde os componentes táticos exercem um papel decisivo no rendimento competitivo das equipes.

“Para a estrutura do treinamento dos componentes táticos, deverá ser mantido uma grande coerência e interação com as etapas do desenvolvimento dos componentes físicos, técnicos e cognitivos.

A tática abrange a concatenação e o direcionamento de todos os processos técnicos que os futebolistas utilizam no jogo com a finalidade de superar o oponente.

Atuar taticamente no jogo implica em estar capacitado para a coordenação das ações, recuperação, conservação e progressão da bola, para sobrepor as dificuldades do jogo e produzir espaço para finalização e marcação de gol.

(CARRAVETTA, 2001, p.96)

Por tática futebolística portanto, entende-se “um jogo planejado de modo racional no qual se tira proveito de todas as situações favoráveis para dominar o adversário e, conseqüentemente, conseguir a vitória” (VIANA & RIGUEIRA, 1990, p.393).

Para Drubsky (2003, p.19), “tudo é tática em futebol. A maneira de pensar e agir tem características próprias e, às vezes místicas, o que confere ao tema uma atmosfera de constantes procedimentos táticos”.

Também Drubsky (2003, p.112), considera que “as evoluções táticas que o futebol experimentou desde sua origem, chegaram num ponto que se estabilizaram e deixaram como herança um estilo novo de jogar – muita competitividade e disputa pelos espaços do campo”.

A escolha da tática está condicionada a alguns fatores segundo Viana & Rigueira (1990, p.393):

- a) Condição física da equipe;
- b) Condição técnica da equipe;
- c) Grau de conhecimento e capacidade de assimilação das táticas;
- d) Circunstâncias decorrentes da partida;
- e) Aproveitamento das habilidades individuais dos atletas.”

2.1.3.4. Sistemas de jogo / Esquemas Tático-técnicos do Futebol

Na relação entre Treinador e Auxiliar Técnico há que se considerar os pressupostos a seguir percorridos, sobre visão sistêmica, pensamento sistêmico e sistemas:

De acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou sistema vivo, são propriedades do todo que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes.

O pensamento sistêmico é abordado por Capra (1996) em cinco pontos fundamentais, de acordo com um novo paradigma sistêmico:

1°. **Mudança das partes para o todo:** as propriedades das partes podem ser entendidas somente a partir da dinâmica do todo. Todas as propriedades das coisas fluem de suas relações. Desse modo, a única maneira de entender a parte é entender a sua relação com o todo. Essa é a ordem do pensamento dos ecologistas.

2°. **Mudança de estrutura para processo:** cada estrutura é vista como a manifestação de um processo subjacente. Toda a teia de relação é intrinsecamente dinâmica.

3°. **Mudança da ciência objetiva para a ciência epistêmica:** o que se vê depende da maneira como se olha. Há uma realidade, mas não há coisas, não há árvores, não há pássaros; esses padrões são aquilo que se cria.

4°. **Mudança para construção para rede enquanto metáfora do conhecimento:** a metáfora do conhecimento enquanto construção substituída pela metáfora do conhecimento enquanto rede – uma teia na qual tudo está interligado. Não há um acima e um abaixo; não há hierarquia; não há algo que seja mais fundamental do que qualquer outra coisa.

5°. **Mudanças de descrições verdadeiras para descrições aproximadas:** as propriedades de qualquer parte surgem da maneira como elas estão relacionadas com as propriedades das outras partes.

De acordo com esse novo paradigma sistêmico, "tudo está vinculado com todas as outras coisas. As explicações aproximadas significam que se está levando em consideração algumas das interconexões, mas não todas. Faz-se progresso incluindo cada vez mais coisas, mas nunca se obtém o quadro completo" (CAPRA, 1996).

Nesta linha de raciocínio, é necessário que se conceitue Sistema: o conjunto de elementos relacionados entre si, organizados para a obtenção de um objetivo comum.

Todo sistema, partindo de uma fundamentação teórica básica, objetiva proporcionar o seu funcionamento na prática. Princípios gerais e movimentação complementam o sistema.

"Sistema esportivo é uma estrutura externa – formada por partes intercaladas e organizadas em hierarquia intencional de funções" (CARRAVETTA, 2001,p.152).

Para Leal (2001,p.33), sistema de jogo é entendido pela "distribuição dos jogadores de um time em campo, em estrutura organizada, coordenados e unidos por princípios de interdependência, com funções definidas que se complementam e que se movimentam, visando, com o menor esforço possível, alcançar a melhor produção e resultado".

Sistema de jogo “é a forma preestabelecida de atuação da equipe com a distribuição adequada dos atletas em campo, quando são obedecidas formas definidas de atuação. Exemplo: sistema 4.2.4, 4.3.3 etc” (VIANA & RIGUEIRA, 1990,p.393).

Castelo ([1995],p.127) afirma que

“o sistema de jogo ou o dispositivo tático, representa o modo de colocação dos jogadores sobre o terreno de jogo. Esta colocação de base fundamental, restabelece a ordem e os equilíbrios nas várias zonas do campo, servindo de ponto de partida para os deslocamentos relativos dos jogadores e para a coordenação das ações individuais e coletivas”.

Em outras palavras, significa um plano de jogo concebido racionalmente, implicando e condicionando a coerência e a eficiência estrutural.

O sistema de jogo é fundamentado para três objetivos básicos, na concepção de Castelo ([1995],p.127):

- a) Racionalização do espaço de jogo: através da distribuição dos 11 jogadores da equipe no terreno de forma coerente e homogênea, consubstanciando paralelamente a constituição de setores (defensivo, médio, e ofensivo) formados por vários jogadores que exercem a sua ação de forma concentrada.
- b) Racionalização das potencialidades dos jogadores: através da distribuição de um conjunto de tarefas e missões táticas específicas, com função dos objetivos táticos da equipe e do conhecimento mais ou menos pormenorizado das particularidades da equipe adversária.
- c) Estabelecimento de ordens orientadoras das atitudes e dos comportamentos técnico-táticos individuais e coletivos, tanto no processo ofensivo como ao processo defensivo.

Melo (2001, p.11) afirma que sistema é a forma de distribuição dos jogadores no terreno de jogo, de forma que possam ocupar de maneira racional todos os setores do campo.

“O futebol, por natureza, é dinâmico, daí deverem ser criadas as condições de conhecimento, treinamento e aperfeiçoamento do sistema pelos atletas do time, de forma que, sem descaracterizá-lo, se dê a necessária liberdade, mobilidade e confiança de criação, além, é claro, de capacitar o elenco a executar sistemas alternativos dentro das mesma partida ou de um jogo para outro, tornando-se mais defensivo ou ofensivo, de acordo com as circunstâncias”.

No futebol, sistema de jogo ou esquemas táticos (ou formações) são as formas de um treinador escalar sua equipe dentro de campo. As duas posições são: goleiro (ou guarda-redes) e os jogadores de linha. Mas, com o desenrolar da história desse esporte, foram criados vários tipos de posições, e conseqüentemente, esquemas táticos, alguns mais ofensivos, outros mais defensivos e com diferentes formas de se tornar equilibrado (atacar e defender com a mesma eficiência).

Todos os esquemas possuem diferenças em sua configuração (principalmente no meio-campo), e também na forma de como cada jogador é orientado.

O conteúdo do jogo pode ser comparado a um sistema aberto, admite Castelo ([1995],p.19), pois “é constituído por um conjunto de elementos em interação dinâmica organizados em função de um objetivo pré-estabelecido”.

“Esse sistema, todavia, deve ser enquadrado na plenitude da sua complexidade, devido ao grande número de elementos (jogadores) com missões táticas específicas. Assumindo atitudes e comportamentos em situações em constante mutação num quadro de relações e interrelações coerente e conseqüente de ataque e defesa.. Esse fato leva à necessidade do estabelecimento de uma organização interna da equipe cooperação determinando conseqüentemente um elevado número de ações e interações não lineares (aciclicidade comportamental) que combustanciam a dificuldade de previsão dos comportamentos técnicos individuais e coletivos em cada momento do jogo”.

Neste sentido Toffler (apud Castelo, [1995], p.19) alerta que “...quando o sistema é composto por um grande número de subsistemas, o que tende a dominar é o menos estável”.

O sistema de jogo pois, significa, considerando o que diz Castelo (1995,p.123),

“o conjunto concebido racionalmente, implicando e condicionando a coerência e a eficiência estrutural. Isto pressupõe um dispositivo de base em que os jogadores ocupam o terreno de jogo, estabelecendo as linhas de força unitárias e homogêneas, que constituem o quadro referencial de redes de comunicação, ou de intercepção das ligações dos adversários.

(...) Como decorrência e paralelamente, firmam-se as missões específicas e precisas, que traduzem em última análise, um conjunto de linhas orientadoras, em virtude das quais os jogadores orientam as suas atitudes e comportamentos técnico-táticos individuais e coletivos, ou seja, uma “linguagem comum” a partir da qual se desenvolve a expressão tática da equipe”.

O método de jogo, segundo Castelo (1995,p.123),

“exprime a forma geral de organização das ações dos jogadores tanto no ataque como na defesa, estabelecendo princípios de circulação, e de colaboração no seio de um dispositivo de base (sistema de jogo) previamente estabelecido.

(...)Também como decorrência, paralelamente, firmam-se os meios de base que os jogadores, tanto individual como coletivamente, acionam na fase do ataque ou defesa, implicando um processo de percepção e análise, solução mental (raciocínio), solução motora (execução), adaptado às situações momentâneas de jogo”.

O sistema de jogo é concebido por Leal (2001,p.34-36),de acordo com dois fatores: pelas características físico-técnico-táticas e psicológicas dos jogadores e pela ocupação dos setores em que se costuma dividir o campo de jogo.

2.1.3.4.1.No primeiro fator de concepção do sistema de jogo apontado por Leal (2001, p. 34-35), as **características físico-técnico-táticas e psicológicas dos jogadores**, é possível conceber o sistema de jogo em: defensores, armadores e atacantes.

Leal (2001) contribui para os esclarecimentos sobre as funções de cada posição do jogador de futebol. De acordo com sua organização, as linhas de defesa no futebol, envolvem: o quarto zagueiro, os laterais e o primeiro e segundo volantes.

A principal função do quarto zagueiro é marcar os atacantes, evitando que estes criem possibilidades de gol. Os laterais ocupam a linha de defesa, juntamente com os zagueiros. Os laterais têm o dever de apoiar nas jogadas de ataque, ocupando a região lateral do campo e jogando bolas cruzadas (altas ou baixas) para a área adversária ou iniciando jogadas de ataque pelos lados vindo de trás.

Frequentemente, quando um lateral avança, o outro compõe a linha de defesa com os zagueiros. Se ambos avançarem, é provável que o volante acompanhe os zagueiros atrás. O jogador ala tem a função de compor a lateral a partir do meio-campo, diminuindo sua preocupação com a marcação. O volante é a posição do futebol, onde o jogador atua à frente dos zagueiros, protegendo a entrada da área e fazendo a ligação entre a defesa e o meio-campo. Normalmente seu trabalho principal é o da marcação.

Cabe aqui discorrer um pouco sobre esta tática.

“Marcação é o ato de controlar, de vigiar o jogador adversário para impedir que atue livremente durante a partida de futebol” (LEAL, 2001).

A forma de marcação determina os tipos de marcação, que poderão ser realizados; mista: é a variação de dois ou mais tipos de marcação utilizados no mesmo jogo por uma mesma equipe; individual: é quando o jogador marca um determinado jogador adversário quase o tempo todo; o sistema de marcação por zona: que consiste em atribuir a cada jogador da equipe uma zona definida de defesa com a incumbência de ocupá-la e defendê-la.

Leal (2001), adverte que o sistema de marcação é de máxima importância para a obtenção de bons resultados, e por isso a equipe precisa treinar muito para minimizar os erros de marcação.

A marcação deve sempre ser feita sob pressão bem na frente. Se a bola passar, deve haver um combate forte no meio-de-campo. Isso tira a sobrecarga na defesa.

b) Armadores

“São os que atuam no meio-de-campo, geralmente, os de melhor qualidade técnica, boa visão de jogo, passes mais corretos, bons no controle da redonda e do jogo, além de assistentes e finalizadores. (...) Também possuem qualidades de marcação e desarme.

Do ponto de vista da aptidão física, os de grande capacidade orgânica, resistentes, coordenados e ágeis. São capazes de percorrer, nos dias de hoje, mais de onze quilômetros em diferentes ritmos, por partida. (...)

Sob o prisma psicológico, atuam no meio do campo os determinados, perseverantes, altruístas, organizados e inteligentes, futebolisticamente falando.”
(LEAL, 2001, p.35)

As linhas de meio campo, isto é, as funções, as movimentações e distribuição dos meias fazem a diferença entre as escolas futebolísticas. Sua função principal é estabelecer uma ligação entre a defesa e o ataque. Ajudam na defesa e criam oportunidades para os atacantes avançarem com a bola e tentarem atingir o gol.

Os jogadores meio-campistas são: meias de contenção (combate o adversário, ajudam a defesa), meias rotativos (fazem lançamentos) , criativos (armação de jogadas) e ofensivos (aproxima-se dos atacantes).

c) Atacantes

“São (...) bons fintadores e dribladores, boa condução de bola em velocidade, destacando-se, sobretudo, pela capacidade de finalizar.” (LEAL, 2001, p.35)

Linhas de ataques são aquelas que têm a função de agredir o adversário para marcar os gols de seu time. Atacante, é, no futebol, “o jogador da linha de ataque; avante; dianteiro”.

A tradição brasileira manda dividir a categoria entre ponta e vários ordinais: primeiro, segundo e até terceiro atacante. Ou: centroavante, ponta de lança, ou atacante de velocidade.

A linha de ataque ocupa o espaço mais avançado do campo para facilitar a chegada ao gol do adversário.

Leal (2001, p.35), complementa que os atacantes, em geral, possuem bom cabeceio ofensivo; alguns são especialistas nisso e quase somente assim fazem seus gols.

No aspecto psicológico “costumam ser vaidosos, têm certa necessidade de aparecer e se exibir; irreverentes.” (...) “Quase sempre egoístas, por caber-lhes, na maioria das vezes, a definição das jogadas”(…) “Com a experiência, entendem que é necessário ajudarem os companheiros nas ações defensivas e servir-lhes quando melhor colocados”.

“Principalmente os ponteiros, atacantes que atuam próximos da linha lateral do campo, tão raros hoje em dia, e que (...), devido ao desgaste em cada participação, pelo dispêndio de energia da potência exigida, precisam de maior período de recuperação. Isso levou os treinadores modernos a usarem em seus lugares jogadores com características de meio-campistas, a fim de (...) manter ao máximo a posse de bola, mesmo em prejuízo da beleza do espetáculo, sem a eficiente habilidade dos extremos (...), suas fintas, (...), dribles e arrancadas pelas laterais do campo, que faziam e ainda fazem a festa e alegria dos torcedores.” (LEAL, 2001, p.35)

2.1.3.4.2. O outro fator que se pode considerar para definir um sistema de jogo, ainda segundo Leal (2001, p.35-36) é **quanto à ocupação dos setores** em que se costuma dividir o campo de jogo, a saber: zona defensiva, intermediária e de ataque.

- a) Zona Defensiva: O primeiro terço do campo, visto longitudinalmente, onde os zagueiros se concentram para proteger a baliza;
- b) Zona Intermediária: Contígua à zona defensiva, é o segundo terço do campo. É delimitada pelas duas linhas intermediárias (imaginárias entre a linha do meio-campo da linha frontal da grande área).
- c) Zona de Ataque: Setor mais próximo da baliza adversária, onde os gols devem ser preparados e consignados. Nela, são posicionados os maiores responsáveis pelas investidas à baliza do oponente e, por conseguinte, aos gols, que fazem do esporte futebol o melhor do mundo.

Como se vê, o sistema de jogo estrutura-se a partir de três características de jogadores e ocupação dos setores: os jogadores que defendem, ou seja, que atuam na zona defensiva, os que armam e se situam atuando na zona intermediária e os que atacam e atuam na zona de ataque.

A dinâmica do sistema de jogo evoluiu para melhor no decorrer do tempo, resultado das observações, estudos e criatividade dos técnicos.

2.1.3.4.3. Posições no Futebol

Conforme se vem discutindo, quando da abordagem das características físico-técnico-táticas e psicológicas dos jogadores e sobre a ocupação dos setores do campo de futebol, ao entrar em campo, o jogador levará suas habilidades individuais e também terá uma missão a cumprir durante o jogo, ocupando uma posição para contribuir no desenvolvimento do esquema ou plano tático do jogo.

As posições no futebol designam os jogadores que vão realizar uma determinada função no campo, buscando explorar suas principais características, normalmente associadas ao esquema tático utilizado.

Sintetizando-se, e para poder dissertar sobre elas neste item, são posições no futebol, segundo Duarte(1997), Carravetta (2001), entre outros : goleiro ou guarda-redes, zagueiros, laterais (direito e esquerdo), volante ou cabeça de área ou trinco, alas (direito e esquerdo), meio-armador ou meia-de-ligação, meio-campista, ou meia esquerda / direita, meia atacante ou meio ofensivo, ponta de lança/extremo ou segundo atacante e centroavante ou avançado centro.

Apresenta-se a seguir, considerações objetivas sobre as posições dos jogadores ocupadas num jogo de futebol, extraídas das obras dos autores acima.

I. Goleiro ou Guarda-redes

Um time deve ter goleiro, embora ele não precise ficar preso em sua área. O goleiro é um jogador como os demais, com a vantagem de poder colocar a mão na bola, dentro da área, para as defesas necessárias. Por ser igual aos demais jogadores, do ponto de vista da responsabilidade em campo, o goleiro pode cobrar laterais, escanteios, faltas e penalidades máximas.

O goleiro ou guarda-redes é o único jogador em campo que pode tocar a bola com as mãos e agarrá-la, desde que esteja dentro dos limites da "grande área". Seu objetivo é evitar os gols adversários. É exigido dele grande flexibilidade e reflexo.

Segundo Duarte (1997, p.17), a Regra III atual – que trata do número de jogadores – determina que *“a partida será disputada por duas equipes, composta cada uma de onze jogadores, no máximo, um dos quais jogará como goleiro”*; afirmando que o futebol é para onze (11) jogadores e uma equipe deve ter sempre um goleiro.

Carravetta (2001,p.50), lembra que, com muita frequência, o goleiro assume a responsabilidade e ocupa uma posição dominante na partida, precisamente porque o resultado final depende de seu desempenho e de sua qualidade.

II. Zagueiro

O zagueiro ou central ocupa a região da grande área defensiva. Nessa posição, costuma-se ver jogadores com grande força e resistência em detrimento das técnicas de drible, típicas de jogadores mais ofensivos, já que a sua função é primariamente a de bloquear as proximidades da grande área, mesmo em frente ao guarda-redes.

III. Laterais (direito e esquerdo)

Os laterais são jogadores que atuam pelo lado do campo, oferecendo a ligação entre a defesa e o meio-de-campo. Os laterais são jogadores resistentes e com velocidade, uma vez que têm a missão de apoiar o ataque, por uma das faixas laterais por todo o campo, além de realizarem cruzamentos, ou até tentando a finalização. Cabe-lhes também a função de defender os avanços adversários pelos lados.

IV. Volante, Cabeça de área ou Trinco

A posição do volante, trinco ou médio defensivo tem a missão de fazer a ligação entre a defesa e o ataque; é inserido ora no grupo defensivo, ora no grupo do meio-campo, já que faz a "ponte" entre ambos. Funciona como o responsável pela marcação dos meias-de-ligação do adversário, anulando as jogadas ofensivas contra sua equipe e como um distribuidor do jogo

de contra-ataque. Deve ser um jogador com boa capacidade de marcação e com algumas qualidades ofensivas, para partir para o contra-ataque. No futebol brasileiro, a posição é dividida entre o primeiro e o segundo volante. Aquele que ocupa a frente dos zagueiros é chamado cabeça-de-área.

V. Alas (direito e esquerdo)

Os alas nada mais são do que os laterais transportados para o meio-campo, sendo portanto mais livres para atacar. Aparecem geralmente em formações com três zagueiros. É muito similar ao lateral, e muitos laterais já jogaram como alas, e vice-versa.

VI. Meia-armador, meia de ligação

O meia-armador ou meia-de-ligação são considerados os jogadores mais importantes de uma equipe, já que são responsáveis pela criação de lances ofensivos dos times. Geralmente, os jogadores dessa posição recebem a camisa 10.

Diferenciam-se dos volantes por ter o costume de avançar sobre a defesa adversária. Têm como características gerais o passe, a habilidade com a bola, capacidade de driblar e, em alguns casos, um bom chute à distância.

VII. Meio campista lateral (direito e esquerdo) ou Meia esquerda / direita

O meio-campista lateral é comum na adoção de esquemas que se utilizam de uma linha de jogadores no meio, criado na Europa no início do século XX. Ligam pelos lados as defesas laterais e com o trinco, permitindo a progressão lateral do jogo rumo ao ataque. Assim, os médios-laterais percorrem frequentemente cerca de dois terços do campo e constituem uma peça fundamental do jogo ofensivo. Os meias-laterais costumam ser rápidos, ter uma forte arrancada (aceleração) e, também, bom drible, além de terem que realizar cruzamentos e remates a gol. São uma espécie de ala desempenhado por jogadores mais habilidosos, normalmente capazes de desempenhar funções de ataque pelo meio-campo e sem ter grande técnica de marcação. No futebol moderno, é necessário que esses jogadores recuem no terreno para ajudar a defender.

VIII. Meia atacante ou meio ofensivo

Numa posição intermediária entre o meio-campo e o ataque, encontram-se os meias-atacantes. Ao contrário dos armadores, cuja função principal é criação, os meia-atacantes se dividem entre criação e ataque com mais efetividade, uma vez que atuam mais próximos aos

atacantes. Também costumam receber a camisa 10. Acredita-se que esta posição foi desenvolvida na Itália, onde recebe o nome de *trequartista*. Na Argentina, é conhecido como *enganche*. São representados nos esquemas táticos pelo "1", antes dos atacantes, como em 4-3-1-2, sendo assim chamados vulgarmente no Brasil também como *o um*.

IX. Ponta de lança extremo ou segundo atacante

Os pontas-de-lança, ou extremo, ou ainda segundo atacante, são os atacantes que tipicamente manipulam e culminam a jogada. São os avançados que se movem pelo gramado, buscando possibilidades de penetrar na defesa. Tem como características a velocidade, o domínio de bola, o drible, o passe, a finalização e também o cruzamento, apesar de que em muitos casos, são raros os jogadores que dominam todos esses aspectos. Este é o atacante que, em algumas situações, pode voltar para ajudar na marcação.

A função do ponta-de-lança, que atuava prioritariamente pelas pontas (recebendo inclusive este nome abreviado), entrou em desuso devido à evolução dos esquemas táticos, porém, ainda pode-se notar sua presença em algumas equipes. O segundo atacante, comum aos tempos de hoje, costuma "flutuar" por todos os lados e pelo centro.

X. Centroavante ou Avançado-Centro

O centroavante é o jogador que recebe a função de finalizar as jogadas, isto é, marcar os gols. Este jogador costuma não se movimentar muito, ficando muitas vezes isolado no ataque com o zagueiros e goleiro adversários. Suas características de jogo são o chute, o cabeceio e a colocação dentro de área. Geralmente, este jogador recebe a camisa 9. Numa distribuição abrangente do jogo, a área de mobilidade ronda a meia-lua e "grande área" do adversário.

As posições dos jogadores proporciona o desenvolvimento do jogo de forma mais eficiente se obedecer o esquema táticos estabelecido pelo técnico e pelas circunstância do jogo. Normalmente os esquemas ocupam espaços dentro do campo de jogo, estabelecendo sistema de jogo por setor.

É importante que todos os jogadores sejam dedicados à marcação, isto é fundamental no futebol; facilita bastante o trabalho dos volantes para explorar mais a parte ofensiva. O uso de três zagueiros libera os volantes rumo ao ataque.

2.1.3.5. Evolução dos Sistemas e Táticas

Vários fatores contribuíram para a evolução dos sistemas e táticas utilizado no futebol; as dimensões do campo e as mudanças nas regras foram os principais.

Na análise do futebol mundial, cinco ou seis modelos táticos se enfrentam nos gramados de todo o mundo e, por um motivo ou outro, têm a preferência das escolas e dos seus técnicos. Na opinião de muitos estudiosos do futebol, no entanto, ele regrediu como espetáculo, pelo fato de ter passado de um jogo extremamente ofensivo e cheio de gols para o de grandes disputas de meio-campo.

Conforme Melo (2001, p.27 - 33) os sistema de jogos mais recentes são:

WM, 4-2-4, 4-3-3, 3-5-2, 4-4-2, 4-5-1, aos quais passa-se a caracterizar.

2.1.3.5.1. Sistema WM

Herbert Chapman, treinador do Arsenal, criou o sistema “WM”, que consistia de três defensores, quatro no meio de campo (dois recuados e dois adiantados) e três jogadores, mais à frente.

A mudança da lei de impedimento (1925), onde anteriormente um extremo era obrigado a seguir com a bola até a linha de fundo, para com isso eliminar por inteiro a possibilidade do impedimento, forçou as equipes a atuarem com três defensores em vez de dois.

A mudança da regra possibilitou uma maior agressividade, facilitando a ação dos atacantes, na tentativa de procurar o gol, o que, com a regra antiga do impedimento, era muito difícil. A partir dessa mudança, a equipe poderia colocar um jogador próximo do penúltimo defensor (o último é o goleiro).

2.1.3.5.2. Sistema 4-2-4

O primeiro esquema tático lógico foi o 4-2-4 e foi muito adotado quando se acreditava que o objetivo do futebol era marcar gols; como cada vez mais o futebol se preocupa em não sofrer gols, há muito tempo não se vê uma equipe jogando neste esquema.

O Brasil utilizou o sistema “4-2-4” em seus dois primeiros campeonatos mundiais, porque os três defensores do sistema WM tinham dificuldades de parar os três atacantes das equipes adversárias, já que, com a aproximação de um meia fazia com que sempre houvesse quatro atacantes contra três defensores, sendo que essa marcação era homem a homem, e apresentava falhas; com a igualdade de jogadores da defesa com os jogadores de ataques, estes sempre levavam vantagem. Então, foi recuado um dos elementos do meio para a defesa e outro do meio de campo para atuar mais avançado, ficando apenas dois no meio de campo. Com esse sistema, as equipes passaram a utilizar a marcação por zona, possibilitando uma cobertura mais adequada em um espaço tão grande, à frente do gol.

No sistema “4-2-4”, utiliza-se, além do goleiro, dois zagueiros centrais e dois laterais; dois meio-campistas, sendo que, quando um ataca, o outro fica mais na função defensiva, e quatro atacantes, sendo dois pontas e dois centroavantes.

2.1.3.5.3. Sistema 4-3-3

A seleção brasileira consagrou o sistema “4-3-3” na Copa do Mundo de 1970, quando foi tricampeão mundial. Este sistema é uma variação do sistema 4-2-4, com um atacante voltando para ajudar no meio de campo (no caso do Brasil, em 1970, era Rivelino que fazia essa função). Os jogadores são distribuídos em campo com um goleiro, quatro zagueiros, sendo dois laterais e dois centrais, três meios de campo, sendo um com função de proteger a defesa e dois, com função de armação e finalização das jogadas, ou podendo ser dois com função defensiva e apenas um

na armação e três atacantes, que podem ser dois pontas e um centroavante, ou um ponta e dois centroavantes.

2.1.3.5.4. Sistema 3-5-2

A maioria das equipes européias apresentam o sistema “3-5-2”, onde são utilizados três zagueiros; um deles joga atrás dos outros dois, com a função de fazer a cobertura de toda a zaga. No meio de campo, joga com dois alas, que têm a função de fazer as jogadas pelas laterais do campo, e três jogadores que se posicionam com os jogadores do meio de campo do sistema “4-3-3”, e dois atacantes, que devem movimentar-se o tempo todo, no ataque, para confundir a defesa adversária.

2.1.3.5.5. Sistema 4-4-2

No sistema 4-4-2, um dos atacantes foi recuado para o meio de campo para fazer a função, tanto de marcação, como a de atacante. Este jogador deverá possuir características físico-técnicas, de acordo com as funções inerentes à posição.

A distribuição dos jogadores em campo é composta de um goleiro, quatro zagueiros, sendo dois alas (laterais), dois zagueiros centrais, quatro jogadores no meio de campo, sendo dois com função de marcação e os outros dois com funções de armação ou finalização das jogadas e, na frente, dois jogadores avançados, podendo ser dois centroavantes ou um centroavante e um ponta.

2.1.3.5.6. Sistema 4-5-1

No Campeonato Mundial realizado na França, em 1998, o sistema 4.5.1 foi apresentado pela Noruega. Consiste em um goleiro, uma linha de quatro defensores, sendo dois laterais e dois zagueiros pelo centro da área, seguida por cinco meio-campistas e apenas um atacante, na frente. Quando perdem a posse de bola, os jogadores do meio de campo procuram congestionar esse setor do campo, para que a equipe contrária não possa construir suas jogadas de ataque, fazendo com que a equipe seja forçada a fazer ligação direta entre a defesa e o ataque, e facilitando a função de defesa, que estará sempre posicionada para ganhar a bola pelo alto.

Quando a equipe ganha a posse de bola, os jogadores do meio de campo vêm com a bola dominada até a entrada da área, para fazer a finalização ou o lançamento para o jogador mais avançado.

Estes são os sistemas que oscilam no futebol atual, sendo que alguns já foram superados como o sistema WM e o sistema 4.2.4. Melo (2001,p.21), fala que o sistema 4.2.4 começou a perder espaço (...) até que foi extinto pelos treinadores e especialistas.

2.2. RECURSOS HUMANOS ATUANTES NO DEPARTAMENTO DE FUTEBOL DOS CLUBES DE FUTEBOL

O futebol, os sistemas, as táticas, as técnicas, os jogadores, os jogos, existem porque alguém conduz e orienta.

“A complexidade e a abrangência do futebol têm levado a um crescente aumento de recursos humanos como alavancas importantes no desenvolvimento do atleta e no elevado rendimento das equipes”, afirma Carravetta (2001, p.42).

Os profissionais especialistas que integram as comissões técnicas, existem para impulsionar o desenvolvimento total do futebolista, e do próprio futebol como decorrência. E aí, claro que: desenvolvendo-se os futebolistas e o futebol, estará se desenvolvendo a sociedade, até porque o futebol e os futebolistas já são uma boa parcela da sociedade, mas também porque os futebolistas e o futebol influenciam e interferem na sociedade, tanto positivamente, quanto negativamente – pelo menos hoje em dia ainda é assim, hoje em dia ainda há interferências e influências, por parte dos futebolistas e do futebol, danosas à sociedade.

“Os profissionais que desejam proporcionar um ótimo atendimento em sua área específica, além de possuírem um qualificado domínio de sua especialidade, necessitam também de uma ampla base de conhecimento, da ciência do esporte, da estrutura técnica e cultural do futebol, e interagir com as demais áreas” (CARRAVETTA, 2001,p.41).

Uma das principais responsabilidades dos especialistas é estar disponível para o jogador que necessita de atenção e atendimento continuado e interagir sistematicamente com os profissionais de outras áreas no desenvolvimento da performance. É, pois, uma questão de, através do treinamento do futebol, adaptar e aplicar o conhecimento da ciência do esporte, desdobrada em diversas facetas e situações.

Segundo Coimbra (2001,p. 15), a principal característica do futebol é o esforço físico e mental do atleta, o que obriga técnicos e preparadores físicos a encontrarem as melhores alternativas de preparo, na tentativa de alcançar a performance ideal.

Neste título desenvolve-se uma reflexão em torno das funções e características para o desempenho do cargo de pessoas que conduzem o futebol - dirigentes e técnicos especialistas - discorrendo-se sobre conteúdos referentes aos recursos humanos atuantes na comissão técnica do departamento de Futebol dos clubes profissionais, conceitos, classificações, competências profissionais, princípios pedagógicos do trabalho técnico. Aborda-se as características do cargo e as competências necessários ao desempenho das funções da Comissão Técnica e apoio técnico, do Gerente ou Coordenador Técnico, do Técnico Principal ou Treinador, do Preparador Físico, do Preparador de Goleiros, do Psicólogo, e por último, do Auxiliar Técnico.

As funções, os conhecimentos, habilidades e atitudes do Auxiliar Técnico, quando do desempenho do cargo, é o foco maior do presente estudo, porém como se trata de uma atividade vinculada à de outros profissionais, especificamente o Técnico Principal, é importante que essas outras performances também sejam abordadas, para situar o Auxiliar

Técnico no contexto dos recursos humanos com quem co-atua e que compõem a equipe técnica do futebol profissional.

2.2.1. Competências: Conhecimentos / Habilidades / Atitudes

Chiavenato (2001,p.26), afirma que “competência significa um repertório de comportamentos que certas empresas ou pessoas dominam melhor que outras e que as torna eficazes e competitivas frente a determinada situação”.

“A competência constitui um conjunto de conhecimentos, práticas, comportamentos e tipos de raciocínio adquiridos por aprendizagem”. Na verdade, um conjunto de conhecimentos, habilidades, atitudes e interesses que diferenciam as organizações ou pessoas em seu conjunto. As competências podem ser observáveis e avaliáveis no cotidiano do trabalho. Chiavenato (2001, p.26) menciona competências que qualquer profissional necessita desenvolver. No quadro 1 abaixo, apresenta-se a maioria das competências básicas e competências específicas no desenvolvimento de uma profissão, que o autor cita. Neste quadro, sabendo-se que todas são importantes, grifa-se aquelas as quais se considera as muito importantes para o profissional que atua no futebol.

Quadro 1: Competências básicas e competências específicas importantes no desenvolvimento profissional no futebol

Competências Básicas	Competências secundárias
Conhecimento	<ul style="list-style-type: none"> - Aprender a aprender - Aprender constantemente* - Curiosidade e espírito de pesquisa* - Desenvolver conhecimento - Intercambiar conhecimentos* - Aplicar e utilizar conhecimentos
Habilidades	<ul style="list-style-type: none"> - Trabalho em equipe* - Relacionamento interpessoal* - Comunicação - Motivação - Gestão de conflitos* - Visão - Abordagem sistêmica *
Atitudes	<ul style="list-style-type: none"> - Foco em resultados, metas e objetivos - Espírito de mudança e melhoria contínua* - Inconformismo com o <i>status quo</i> * - Criatividade e inovação - Participação e envolvimento - Flexibilidade

(Adaptação do quadro original de Chiavenato)

Como é fácil de constatar, os itens apontados pelo autor Chiavenato, adaptam-se à análise da atividade futebol que se realiza, podendo-se porém reforçar alguns dos itens, aos quais se grifou e destacou com asterisco, tais como: na competência básica “conhecimento”, pode-se destacar as seguintes competências específicas: *Aprender constantemente, Curiosidade e espírito de pesquisa, Intercambiar conhecimentos*. Na competência básica “habilidades”, as competências específicas: *Trabalho em equipe, Relacionamento interpessoal, Gestão de conflitos e Abordagem sistêmica*. Na competência básica “atitudes”, destacou-se as seguintes competências específicas: *Espírito de mudança e melhoria contínua, Inconformismo com o status quo*.

São conhecimentos, habilidades e atitudes, predominantemente relacionadas ao desempenho profissional no futebol, necessários e utilizados tanto pelas comissões dirigentes/técnicas, como pelos jogadores.

Depreende-se daí, que o desempenho humano dos recursos humanos atuantes no Departamento de Futebol é, ao mesmo tempo, uma questão de competência e de educação permanente.

Os recursos humanos atuantes no futebol, “têm a obrigação de participar com regularidade de programas de educação permanente / atualizações que lhes permitam adquirir suficientes conhecimentos técnicos, teóricos ou práticos para a qualificação do cargo” (CARRAVETTA,2001,p.44).

2.2.2. Categorias de Recursos Humanos atuantes no Futebol

Diferentes autores expressam-se diversificadamente para categorizar os recursos humanos atuantes no Futebol, seja na sua administração, sua orientação, ou sua execução em campo.

Os autores referem-se às equipes que compõem os recursos atuantes no futebol, às vezes de modo coincidente, outras não.

A seguir apresenta-se as classificações de Brunoro & Afif, Morris, Carravetta,Cruz, Drubsky, Toledo, sobre a questão, observando-se em todas elas a presença do Assistente ou Auxiliar Técnico.

2.2.2.1. Morris (1981,p.228-232), indica como importantes integrantes do futebol: Presidentes e Diretores, Liga e Associações, Árbitros e Fiscais de Linha, Dirigentes e Treinadores, Fisioterapeutas e Instrutores.

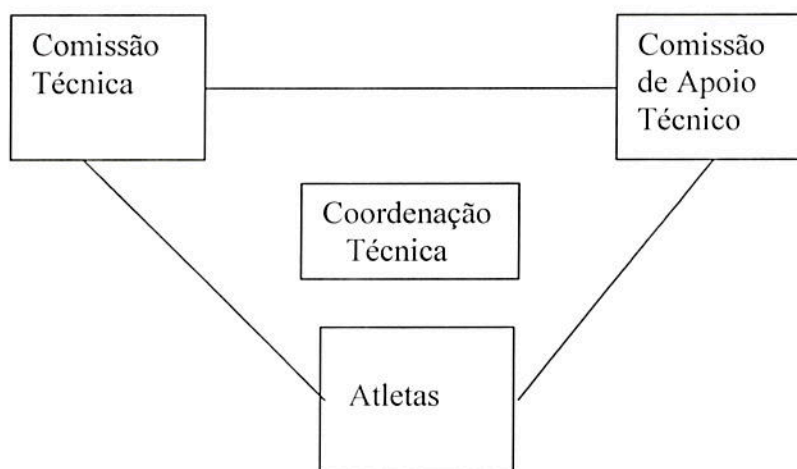
2.2.2.2. Brunoro & Afif (1997, p.60), concebem e apresentam um organograma do Departamento Técnico de um Clube de Futebol, o qual consta em anexo nº 2.

2.2.2.3. Para Carravetta (2001, p.43-68), os recursos humanos atuantes no futebol e que formam o Departamento de Futebol, são os seguintes :

- a) Comissão Técnica: Treinador, Assistente Técnico, Preparador Físico, Preparador de Goleiro
- b) Comissão de Apoio Técnico: Nutricionista, Psicólogo, Assistente Social, Fisioterapeuta, Odontólogo, Massagista e Médico.
- c) Atletas

O fluxograma de Carravetta (2001, p. 68), apresentado no quadro 2 abaixo, identifica a equipe principal e demonstra a interligação entre as categorias de recursos humanos que atuam num Departamento de Futebol .

Quadro 2: Departamento de Futebol – Área Técnica:
Fluxograma Equipe Principal



Fluxograma de Carravetta (2001, p. 68)

2.2.2.4. Dentro da visão de organização de um Clube de Futebol, Cruz (sd., p. 23.) destaca, os seguintes profissionais necessários em uma comissão técnica:

- Coordenador Técnico
- Treinador
- Supervisor
- Preparador Físico
- Auxiliar do Preparador Físico
- Auxiliar Técnico
- Treinador de Goleiros

- Médico (Clínico Geral e Ortopedista)
- Fisiologista
- Fisioterapeuta
- Massagista
- Enfermeiro
- Nutricionista
- Psicólogo
- Mordomo (Roupeiro)
- Auxiliar de Mordomo.

2.2.2.5. Pode-se dizer, conforme Toledo (2002), que atualmente existem três realidades dentro do campo esportivo: os profissionais (jogadores, técnicos, dirigentes, juízes, preparadores, médicos, etc.), os especialistas (a crônica esportiva) e o conjunto genérico de torcedores, comuns ou nomeados e reunidos em certas coletividades específicas.

2.2.2.6. Drubscky (2003, p.58), apresenta o modelo (anexo n.3) de equipe técnica no futebol brasileiro por meio de um organograma contendo a hierarquia técnica no futebol profissional, e que contém os cargos a seguir:

Diretor (Gerente) de Futebol

Assessor de Imprensa, Cinegrafista

Técnico Principal, Supervisor Técnico, Supervisor Administrativo

Médicos, Auxiliar Técnico, Fisiologista, Psicólogo

Fisioterapeuta, Preparador Físico do Técnico, Nutricionista, Assistente Social

Enfermeiro, Massagista, Treinador de Goleiros, Preparador Físico do Clube

Roupeiro.

Neste estudo, adota-se as idéias dos referidos autores para identificar e caracterizar as funções dos componentes da equipe técnica do futebol profissional, adotando-se principalmente a categorização de Carravetta.

Cabe observar nas classificações acima, que o mesmo profissional, para alguns autores, consta como componente ora da comissão técnica, ora da comissão de apoio técnico .

Neste trabalho pesquisou-se principalmente sobre a equipe que compõe a comissão técnica e com quem o auxiliar técnico tem, a princípio maior relacionamento técnico profissional, tendo-se incluído da comissão de apoio técnico o psicólogo e o médico.

Observa-se também, e isso interessa diretamente ao tema foco deste estudo, nas classificações e categorizações concebidas pelos autores acima, dois aspectos relevantes: primeiro, que em todas constata-se a figura do profissional auxiliar ou assistente técnico;

segundo, que sua atividade está vinculada, predominantemente, ao técnico principal ou treinador.

2.2.3. Comissão Técnico-Científica de Futebol e Comissão de Apoio Técnico

Comissão técnica de futebol é composta de um grupo de pessoas técnico-especializadas em futebol, no conhecimento de técnicas e táticas de jogo de futebol, ou especialistas em outros assuntos e que desenvolvem as condições para o jogador desempenhar a sua atividade futebolística.

Comissão de apoio técnico é um grupo de pessoas, especialistas em diversas ciências com a responsabilidades de otimizar a saúde física, mental e psicológica do jogador, tornando-o apto para a execução eficiente e eficaz de suas funções numa partida de futebol.

Comissão de Apoio Técnico constitui-se de um conjunto de profissionais especialistas em diversas áreas que não sejam da área técnica de futebol. São especialistas que proporcionam ao atleta condições de saúde: física, psicológica e social, e que lhes beneficiarão no rendimento em sua atividade propriamente dita - jogar futebol, e fazê-lo adequadamente.

Inclui-se na comissão de apoio, conforme Carravetta (2001, p.52-68), os especialistas: Nutricionista, Psicólogo, Assistente Social, Fisioterapeuta, Odontólogo, Massagista, Médicos (estes de diversas especialidades).

As comissões, técnico-científica e de apoio técnico do futebol, em comum acordo com a diretoria de futebol, estão à frente, na organização, planejamento, implementação, acompanhamento, avaliação, realimentação do que acontece no futebol, quando de seu desenvolvimento. Seja no preparo, no treino, na execução, no zelo, na análise, tomando sucessivas decisões.

Uma das funções básicas da comissão técnica, segundo Carravetta (2001,p.34), é o Planejamento .

Mas o que é Planejar? “Planejar é um conjunto de etapas para o melhor aproveitamento do assunto em questão”. É uma previsão, uma visão antecipada de acontecimentos futuros em seus diferentes desdobramentos.

Como Planejar ? O que fazer, como fazer, quando fazer, quem deve fazer?

Carravetta (2001,p.35), discorre sobre estes aspectos abaixo.

“O que fazer?”

O que deve ser planejado, bem como todo o processo no qual deverão constar as competições nas quais a equipe participará, indicar os locais onde serão realizados o treinamento e os jogos, supervisionar e estabelecer os padrões dos

materiais que serão utilizados, bem como definir os integrantes da Comissão Técnica e do grupo de atletas que comporão a equipe.

Como fazer?

Discutir entre todos os integrantes da Comissão Técnica e planejar, respeitando as características que a equipe possua, visando conseguir o máximo possível do potencial de todos os atletas e buscar a aprovação da Diretoria do clube.

O técnico deve possibilitar a participação de todos os envolvidos, realizando realmente um trabalho de equipe, reservando contudo o direito de decidir pelo que melhor lhe parecer, pois ele é o principal responsável e quem deve assumir a responsabilidade por problemas, imperfeições e desacertos que porventura venham a ocorrer.

Quando fazer?

Deve ser feito antecedendo o início da temporada e após profunda e meticolosa análise sobre o que foi planejado e alcançado no planejamento anterior.

Quem deve fazer?

Todas as pessoas envolvidas nas funções em dirigirem e comandarem a equipe. É bom lembrar que cada um deverá ter seu planejamento individual e setorial para depois unificar no plano global do clube”.

Cabe também à comissão técnica de futebol, as funções de Implementar, Acompanhar, Avaliar e Realimentar o plano definido para um determinado período, e mesmo um jogo.

A implementação (execução) ocorre no desenvolver das atividades que buscam alcançar os objetivos e metas propostos no plano.

A execução envolve as pessoas que assumiram a responsabilidade de sua realização, como ainda recursos físico-ambientais, sociais, táticos, pedagógicos (métodos e técnicas), bem como comportamentais, de diferentes ordens. Isso ocorre dentro de um cronograma previsto no referido plano, cumprindo-se desta forma as etapas necessárias para alcançar as metas estabelecidas.

Acompanhar a implementação do plano, significa o coordenador estar atento e observar se cada etapa do plano cumpre sua parte dentro da qualidade que se espera e no prazo pré-estabelecido (pelas pessoas e tarefas necessárias).

Avaliar é verificar se está ocorrendo dentro do esperado: resultado e prazo previsto, isto é, comparar objetivos e metas com as realizações e alcances. Quando essa relação entre o pretendido e o atingido não acontece, é necessário realimentar, ou seja, corrigir e apoiar atividades que eliminem a defasagem ocorrida entre o resultado real e o esperado.

Para tal devem ser considerados os princípios da administração de otimização das qualidades potenciais e restrição das situações de risco ou insucesso.

2.2.4. A figura do Gerente de Futebol

Uns chamam de Gerente de Futebol, outros de Coordenador Técnico, entendendo-se pelo “profissional com especialização em Ciências do Esporte, incumbido de orientar, harmonizar, planejar, integrar e coordenar os trabalhos das comissões técnicas e de apoio técnico. Racionaliza meios para que os especialistas das diferentes áreas ligadas ao departamento de futebol possam preparar um conjunto de ações coordenadas entre si, que concorram para a obtenção de determinados objetivos. E exerce a função de mediador entre a diretoria, os integrantes das comissões técnicas, de apoio técnico e de atletas (CARRAVETTA, 2001, p.68).

Para Brunoro & Afif (1997, p.59), o gerente de futebol é o elo de ligação com a diretoria, cabendo a ele a responsabilidade do cumprimento das metas do setor e o entrosamento com o departamento administrativo para que não aconteça nenhum tipo de problema que possa afetar a equipe.

A exemplo de outras ciências, a administração evolui constantemente e, por si mesmo, o profissional que atua nesta área precisa acompanhar todas as transformações. Caso contrário, seu desempenho será afetado negativamente. Um dos conceitos básicos da administração é a busca de resultados específicos. Cabe ao administrador adaptar o seu conhecimento às necessidades que surgem frequentemente nos clubes de futebol.

O responsável por grupo de pessoas que buscam atingir um objetivo deve ter, como norma pessoal, o uso de princípios éticos e profissionais, seja para solucionar conflitos, seja para auxiliá-los no processo de decisão. O administrador deve preocupar-se em valorizar as pessoas que compõem o seu departamento, buscando formas de motivação” (BRUNORO & AFIF, 1997, p.48).

“No futebol, o passado conta muito pouco, pois o que vale são os resultados que estão sendo obtidos no presente. Um profissional que esteja atuando nessa área não pode acreditar que as vitórias que obteve sejam suficientes para o sucesso do futuro. O espírito vencedor sempre deverá nortear esse indivíduo. Além do conhecimento e da experiência, o executivo de futebol precisa ter qualidades que outras pessoas não possam oferecer. Ele precisa estar preparado para aceitar riscos e eventuais insucessos. Por isso, um vencedor não pensa e não age como a maioria. Para uma pessoa que exerce esse tipo de função, modernidade significa estar a par de tudo aquilo que passar por um processo de transformação: teorias administrativas, avanços tecnológicos, tendências do mercado de jogadores no Brasil e no exterior etc. Para isso, um administrador competente não pode parar no tempo. Deve ficar “atenado” com o mundo. É inadmissível que um indivíduo, só porque atua no futebol, leia apenas o caderno de esportes dos jornais. O aprendizado é algo que nunca termina.” (BRUNORO & AFIF, 1997, p.49).

Carravetta (2001, p.71), completa o pensamento acima argumentando sobre a conduta básica na condução das atividades: “interessar-se pelas comissões e não utilizar as mesmas para seus interesses pessoais; falar o necessário, para realmente ajudar as comissões a funcionar; tornar brandos os deveres difíceis; (...) ter equilíbrio e mantê-lo mesmo em

situações complicadas; estar disponível sempre que preciso; não permitir omissão; ser otimista; enfrentar as dificuldades (...)”.

Sintetizando, Brunoro & Afif (1997,p.59) apresentam as seguintes responsabilidades do gerente de futebol:

- a) Coordenar a execução do plano do departamento;
- b) Participar do planejamento do departamento junto com os diretores e a comissão técnica;
- c) Contatar com jogadores em vista e negociar quando disponíveis;
- d) Manter contato permanente com as categorias de base do clube, visando descobrir novos atletas;
- e) Estar ao par de toda a despesas necessário para a execução do plano;
- f) Cobrar do departamento a regularização de atletas para inscrição na federação;
- g) Participar das reuniões do departamento técnico;
- h) Levar ao conhecimento do diretor executivo problemas de maior gravidade.

O coordenador técnico do clube ou gerente é o homem de auxílio e relacionamento entre diretoria de futebol, elenco profissional e comissão técnica, com a principal função de acompanhamento técnico do futebol, deixando as exigências administrativas e novos contratos à diretoria.

2.2.5. Técnico / Treinador

Alguns autores discorrem sobre o Treinador de Futebol a partir de estudos e reflexões e / ou de atuação junto ao desporto.

“(...) Então nasceu o técnico, com a missão de evitar a improvisação, controlar a liberdade e elevar ao máximo o rendimento dos jogadores, obrigados a transformarem-se em atletas disciplinados” (GALEANO, 1995,p.12).

“O diretor Técnico, que aqui no Brasil é tratado simplesmente como Técnico, é o profissional responsável pelo comando do time. Além de orientar taticamente os jogadores nos treinos e nas partidas, ele deverá criar um ambiente favorável ao entrosamento entre os técnicos das categorias de base com o objetivo de descobrir novos talentos que possam ser aproveitados no time profissional” (BRUNORO & AFIF,1997,p.59).

Elio Carravetta (2001,p.46) define o treinador como “o especialista mais próximo dos jogadores. Pela multiplicidade de funções que desempenha – técnico, educador, organizador, conselheiro, estrategista e líder – exerce uma significativa influência no comportamento dos atletas”.

Para o autor, o treinador é um componente indispensável para o desenvolvimento e a progressão técnica e tática da equipe. O trabalho de base que executa consiste em organizar e

liderar o treinamento do time em função de suas possibilidades, de seus resultados e de seus objetivos.

É imprescindível que o Técnico seja organizado e que valorize os aspectos pedagógicos e metodológicos em suas proposições técnicas e táticas, respeite as regras morais e éticas em suas relações esportivas e esteja comprometido com o desenvolvimento do futebol.

Carravetta (2001, p. 44), acrescenta que “a coerência, a segurança, a ética e a autoridade do treinador são referências fundamentais para o equilíbrio das relações com o grupo, para o desenvolvimento técnico da equipe e para a formação integral do futebolista”.

E o mesmo autor, Carravetta (2001,p.46), enfatiza que o Técnico precisa tomar decisões; e que sejam adequadas, oportunas.

Santos Filho (2000,p.157), embora tenha escrito sobre o esporte futsal, desenvolve os dez mandamentos do Técnico, que podem ser transposto para a situação do futebol de campo: são:

1. Conhecer as regras do jogo, seus fundamentos, táticas, regulamentos e, principalmente, ter vivência na modalidade esportiva;
2. Saber conduzir os treinamentos de uma forma progressiva e evolutiva, sem saltos, não devendo nunca passar para outro tema ou jogada sem ter consolidado o anterior;
3. Procurar elaborar um plano de trabalho que aproveite ao máximo o potencial dos atletas que a equipe possui;
4. Conseguir fazer com que seus atletas se conscientizem da importância do treinamento, ou seja: O que faz? Por que faz? E como faz?
5. Ter disciplina de trabalho e comportamento, o que contribuirá para uma ação produtiva, quer nos jogos ou nos treinamentos;
6. Procurar sempre motivar os treinamentos através de atividades que vão ao encontro do interesse dos atletas;
7. Ter consciência e estar sempre atento a tudo e a todos visando à prevenção de acidentes, não deixando que nada possa fugir ao seu controle e apreciação;
8. Incentivar e valorizar seus atletas, quando possível, sendo sempre imparcial;
9. Explicar com clareza, visando a facilitar a aprendizagem, procurando exemplos simples, de fácil visualização e sem exageros nas correções;
10. Incentivar e facilitar a criatividade, dando aos atletas poder de decisão.

Santos Filho (2000, p.156) ainda, ressalta que o Técnico e seu auxiliar devem estar atentos para três princípios pedagógicos, ou seja o ABC do técnico: Saber o que ensinar, Saber como ensinar, Saber e procurar educar.

Para o autor, uma das ações mais delicadas do Técnico é realizar a substituição correta. Para que isso aconteça de modo adequado, deve seguir critérios e procedimentos que lhe auxiliem nisso. É necessário que realize uma série de questionamentos como, por exemplo, aqueles das etapas do método científico:

- Definição do Problema: O que estaria causando problemas na equipe ?
- Identificação das alternativas: O que poderia ser feito para solucionar aquele(s) problema(s)?

- Avaliação das Alternativas: Qual ou quais atleta(s) poderia(m) solucionar o problema?
- Decisão pela melhor alternativa: optar pelo atleta que poderá resolver o problema.

O técnico terá que observar a maneira como o jogador se movimenta em campo, com ou sem a bola, e orientá-lo para que possa obter melhor rendimento.

De acordo com Carravetta (2001, p. 45), o técnico deve manter equilíbrio e energia no conjunto de suas ações e ter habilidade necessária para corrigir e criticar seus jogadores.

“As principais funções do treinador são: respeitar as características técnicas de cada jogador, dar apoio psicológico, esforçar-se para a inserção geral do atleta no grupo, a segurança individual ao atleta e à equipe, o respeito ao espírito esportivo, o controle, as intervenções e a orientação de procedimentos técnicos ou táticos.”

Como características do treinador, mais do ponto de vista da ação na condução do time para o alcance das metas, Leal (2001,p.223), apresenta, entre outras:

- “a) Estrategista
- b) Disciplinador
- c) Trabalhador
- d) Versátil
- e) Amigo
- f) Psicólogo...”

O mesmo autor (LEAL, 2001, p. 225), aborda também as muitas qualidades exigíveis para o exercício da profissão de treinador de futebol, afirmando que a maioria não se aprende na escola, e que a maioria se tratam de virtudes.

Dentre as qualidades que o autor cita, estão as seguintes:

- | | |
|-------------------------|---|
| “... | |
| -abnegação | - humildade |
| - amor | - instrução |
| - capacidade pedagógica | - integridade |
| - caráter | - inteligência |
| - caridade | - motivação |
| - companheirismo | - otimismo |
| - compreensão | - paciência |
| - comunicação | - perseverança |
| - conduta | - persistência |
| - conhecimento | - preparo |
| - consciência | - respeito |
| - criatividade | - responsabilidade |
| - detalhismo | - sensibilidade |
| - dinamismo | - senso de justiça |
| - disciplina | - versatilidade |
| - espírito de justiça | - visão prospectiva |
| - honestidade | (pesquisar, perquirir, descobrir, compreender, querer saber, interpretar)...” |

2.2.6. Preparador Físico

A preparação física de uma equipe é um fator primordial para o sucesso do desempenho, desde que, sempre acompanhada de estado psíquico adequado (FERNANDES, 1994,p.46).

“Torna-se muito difícil ou impossível determinar onde termina a condição física e onde começa a condição mental, bem como conhecer exatamente a influência que o estado físico do jogador exerce sobre sua atitude mental e vice-versa. Apenas existe certeza de uma inter-relação entre os dois fatores e nunca se pode esquecer de um em benefício do outro.”

O preparador físico, ao longo da história, teve que superar certas contradições no desempenho de suas funções.

“Embora esse profissional na Grécia antiga desempenhasse um relevante e destacado papel, junto aos atletas, permaneceu por muito séculos relegados a planos inferiores, talvez pela ignorância do valor que representava para o esporte, por parte dos promotores das atividades esportivas.

No futebol, não houve exceção à regra, esses profissionais também não eram valorizados, o que favoreceu um afluxo de aventureiros, que desenvolviam uma preparação ineficiente e até medíocre, sem um planejamento consciente ou fundamentado numa estrutura básica sólida, contribuindo assim para a confirmação dessa marginalização” (VIANA, & RIGUEIRA,1990,p.5).

Existiu um tempo em que o futebol foi chamado de “romântico”, constata Fernandes (1994, p. 45), onde prevalecia a técnica, a habilidade e plasticidade de movimentos. Essa situação porém, era privilégio de alguns países em que essas qualidades se sobressaíam. Alguma coisa precisava ser feita para que as condições de disputa fossem igualadas e até sobrepujadas por aqueles que, naturalmente, não possuíam tais requisitos.

“Com a evolução das técnicas e táticas e dos sistemas de jogo, diminuíram os espaços para os jogadores mostrarem suas habilidades. Os jogadores de uma equipe marcam seus adversários em todos os setores do campo, tirando-lhes praticamente todos os espaços, não lhes dando tempo, para que dominem a bola.

Para sair desse tipo de marcação e encontrar algum espaço para trabalhar a bola, são necessários, além do talento, muita disposição física e um estado psíquico adequado para suportar o grande desgaste que a situação provoca durante uma partida. Assim, as estratégias modernas exigem mais capacidades físicas e mentais, bem como mais resistência dos jogadores; exigências que possivelmente não decrescerão em futuro muito próximo” (FERNANDES, 1994, p.45).

Fernandes (1994,p.46) ainda, considera que o primeiro passo para o treinamento físico é definir o planejamento a ser utilizado para se chegar aos objetivos. Esse planejamento deve levar em consideração dois importantes requisitos: a avaliação específica e a periodização a ser utilizada na temporada.

As qualidades físicas são o fator que determina o tipo de trabalho para o condicionamento físico do jogador e seu consequente desempenho.

As qualidades físicas a serem consideradas na preparação física dos atletas, segundo Fernandes (1994, p.47) são:

- “- Resistência: aeróbica, anaeróbica e mista;
- Velocidade: cíclica, acíclica, de reação e antecipação;
- Força: máxima e explosiva;
- Flexibilidade: mobilidade de articulação ativa e passiva;
- Coordenação: agilidade e habilidade”.

Cada uma destas qualidades físicas apresenta, em geral, uma relação com as ações e cargas específicas do futebol.

Um importante objetivo da preparação física é dar condições aos jogadores de desempenhar qualquer tipo de função tática que o técnico determinar para a equipe. Isso ocorre pela programação de treinamentos, previamente estipulada pelo preparador físico (BRUNORO & AFIF,1997,p.99).

É importante o cuidado com a dosagem da carga de treinamentos, pois é necessário que o time mantenha bom condicionamento físico até o final da temporada.

Cada vez mais os preparadores físicos precisam ampliar seus conhecimentos, tornando-os mais abrangentes, principalmente nas inovações das áreas de fisiologia e fisioterapia.

Os treinamentos físicos são divididos em três fases:

- a) Treinamento aeróbico e de força;
- b) Treinamento anaeróbico: Resistência de velocidade; resistência em distâncias não muito longas; Resistência de velocidade em distâncias mais curtas.
- c) Lapidação (testes de velocidade, impulsão, agilidade e potência).

(BRUNORO & AFIF,1997,p.99)

Viana & Rigueira (1990,p.5), advertem do problema da presença ainda hoje em dia, de preparadores físico que utilizam métodos ultrapassados, expondo atletas a sérios riscos, uma vez que a intensidade de esforços é totalmente absurda.

Os autores Viana & Rigueira (1990,p.5), ainda, entendem que o preparador físico é hoje representado pelo professor de Educação Física, tornando-se responsável pelo desenvolvimento e melhoria das qualidades físicas e habilidades motoras necessárias à prática desportiva. A dimensão da linha de atuação do preparador físico junto aos atletas não se limita apenas ao desenvolvimento físico-atlético, mas também é uma ação educadora. É condição implícita, devendo fazer-se presente em toda oportunidade. Por se tratar de um professor de Educação Física, por definição, deverá realizar a ação educativa.

Compete-lhe, portanto, avaliar, programar e exercer o controle de todas as atividades físicas executadas pelos atletas. É de sua responsabilidade a elaboração de um programa de treinamento (VIANA & RIGUEIRA, 1990,p.5).

Ainda, é de responsabilidade e competência do preparador físico, segundo os autores acima:

- “1.Verificar onde serão realizados os treinamentos;
- 2.Relacionar o material a ser utilizado pela equipe, durante os treinamentos;
- 3.Elaborar planos de avaliação física, orgânica e motora. Essas avaliações serão realizadas na fase inicial dos treinamentos e repetidas durante a temporada;
- 4.Alimentação – contribuir para a elaboração de um cardápio diário, baseado nas necessidades calóricas dos atletas. Esse cardápio, além de necessário, durante o período do treinamento, assume capital importância para a alimentação dos atletas às vésperas, nos dias das competições e após elas.”

(VIANA & RIGUEIRA, 1999, p.6)

Como se vê pelo que os autores dizem acima, o preparador físico deve buscar fatores que possibilitem um relacionamento adequado para as atividades cotidianas, sendo o diálogo a forma oportuna de acesso à personalidade de cada um.

Muitas atitudes tomadas em situações adversas, poderão ser explicadas e compreendidas, a partir do relacionamento entre professor e atletas, sem, contudo, permitir excessos ou abusos de liberdade. Sua sensibilidade deverá estar voltada para as dificuldades e limitações naturais de cada atleta, cabendo-lhe ainda a conscientização destes para tais deficiências, sem torná-las barreiras intransponíveis.

Em síntese, é preciso que o atleta confie plenamente no preparador físico e o respeite, estabelecendo com ele um relacionamento de amizade, em que a valorização mútua da responsabilidade que cada um exerce na equipe seja o ponto fundamental para o coroamento e êxito do trabalho em conjunto.

Com o técnico, seu entrosamento é fundamental, pois juntos definirão a programação em função do calendário e dos meios disponíveis. Lado a lado, é preciso que atuem em sincronia, fazendo com que o trabalho se complete com o esforço particular de cada um.

2.2.7. Preparador de Goleiros

O preparador de goleiros exerce uma função de importância relevante, já que a vitória ou a derrota em muitos jogos depende diretamente da atuação de seus discípulos (DUARTE, 1997,p.17).

Carravetta (2001, p.50), defende que

“o preparador de goleiros não deve dissociar suas funções do resto da comissão técnica. Muito pelo contrário, tem que buscar uma estreita relação funcional com o treinador principal e os demais colaboradores, para compreender com mais detalhes as características individuais dos jogadores, o plano tático da equipe e as estratégias de jogo. Deve, também, orientar os jogadores que estão sob seu comando sobre as particularidades técnicas do grupo, estimulando assim o espírito coletivo.”

Outro enfoque importante para o exercício da função é o “conhecimento intenso e abrangente das qualidades requeridas para o desenvolvimento técnico do goleiro: aspectos físicos (velocidade de reação e agilidade), técnicos (coordenação geral e específica) e

comportamentais (concentração, coragem, decisão, vigilância e dinamismo)” (CARRAVETTA, 2001, p.51).

Como atributos do treinador de goleiros, destacam-se

“a proficiência para utilizar os recursos e procedimentos para a aprendizagem das técnicas específicas; os componentes de coordenação geral, fundamentação e o desenvolvimento dos elementos técnicos; a percepção de dados significativos do jogo; a orientação tática e os treinamentos de interceptação e de reposição de bola”.

Num plano técnico-pedagógico, observa-se pelo que o autor discorre, que o preparador deve ser metódico e atencioso, sendo capaz de ajudar os jovens atletas a vencer o temor, oferecer segurança nos treinos e jogos, ser paciente com os erros, e ter sensibilidade para mantê-los confiantes mesmo após a vivência de situações de fracasso.

Concorda-se com Carravetta (2001, p.51) que, na relação do treinador de goleiro com os atletas, potencialmente emerge o fomento à auto-estima, o afeto, a orientação motivacional para a aprendizagem, as intenções táticas com variações, o incremento de exercícios acrobáticos e, o desenvolvimento das qualidades físicas e morais, e manter respeito aos princípios da transparência, da ética e de atitudes irreprováveis.

2.2.8. Médico e Psicólogo

Apesar dos profissionais médico e psicólogo pertencerem à comissão de apoio técnico, considera-se importante refletir sobre suas participação no trabalho de preparação do jogador de futebol para o desempenho de sua atividade profissional.

Brunoro & Afif (1997,p.88) citando Victor Matsudo, afirmam que “muita gente pensa que o ser humano é máquina. No futebol, especificamente, o exemplo é dramático em virtude do calendário, que obriga os atletas a disputar setenta, oitenta e até noventa partidas num ano. Supertreinamento é mais que treinar muito. É subir muito rapidamente o nível de treinamento, afetando, inclusive, a mente das pessoas. O primeiro sinal são as lesões articulares. O supertreinamento leva o atleta a baixar o nível de rendimento”.

A atividade da medicina esportiva é ampla, exigindo diversos especialistas; o setor de medicina esportiva estará bem atendido quando abrange no clube “três grandes categorias: clínica, ortopédica e fisiológica” (CARRAVETTA,2001, p.65).

Em seguida, o mesmo autor, passa detalhar as tarefas de cada área, objetivando o atendimento do atleta:

“...O clínico controla anomalias cardiovasculares, as dificuldades com o desenvolvimento físico e o histórico clínico do atleta, abarcando os antecedentes pessoais, os exames radiológicos, laboratoriais, fisiológicos, ergométricos e os ecocardiogramas.

Na área ortopédica, o médico regula todos os tratamentos cirúrgicos e preventivos no que diz respeito aos ossos e às articulações. Realiza, com periodicidade, avaliações do aparelho locomotor, o diagnóstico de lesões e a condição circulatória e neurológica do membro.

Na área fisiológica, realiza o acompanhamento individual do desenvolvimento da performance dos futebolistas, estabelece os protocolos e as metodologias de avaliações fisiológicas, interpreta, orienta e esclarece os preparadores físicos sobre os resultados das avaliações, assim como a respeito das complexidades fisiológicas nas etapas de treinamento”. (CARRAVETTA,2001, p.66-67)

O desempenho satisfatório do setor de medicina esportiva, envolve diversos especialistas a trabalhar de forma interdisciplinar; como diz Carravetta (2001,p.65): “as exigências do esporte moderno e o avanço da ciência esportiva passaram a exigir dos especialistas da área de saúde uma conduta interdisciplinar, com atitudes dinâmicas e intervencionistas”

Sabe-se também, muitos atletas de outros esportes que não o futebol, reconhecem a importância do domínio emocional para atingir os objetivos.

No futebol ainda há pouco reconhecimento dessa necessidade e são poucos os clubes e técnicos que dão importância à psicologia.

A principal barreira que o psicólogo encontra hoje é o fato de as pessoas imaginarem que ele só trabalha com terapia ou apenas com pessoas desequilibradas, o que não é verdade.

O jogador antes de mais nada, é um ser humano, sujeito a interferências emocionais a todo o momento. A prioridade do técnico é orientá-lo na parte técnica e tática; a prioridade do preparador físico é condicionar fisicamente o jogador; o médico, que fica encarregado das questões clínicas; nada mais coerente que ter um psicólogo, pois quando um jogador entra em campo ele precisa estar bem nos aspectos técnico, tático, físico, clínico e também psicológico.

“A importância da psicologia no futebol é mais visível quando uma equipe passa a reconhecer que o trabalho desenvolvido ao longo da temporada resultou em fatos positivos, como o título do campeonato, a recuperação de atletas desmotivados, por meio do resgate de sua autoconfiança e outros valores, a diminuição de casos de indisciplina (dentro e fora de campo) e, não menos importante, a compreensão dos jogadores em relação ao trabalho em equipe, mostrando que todos têm de formar um conjunto harmonioso e unido, em que cada um tem seu próprio papel a ser desempenhado dentro do time, e que o individualismo e o estrelismo não podem suplantar o espírito coletivo.

Quando uma equipe considera a estrutura emocional algo que influenciará nos resultados, ela passa a dar maior atenção à psicologia.”

(BRUNORO & AFIF, 1997,p.106).

Assim, constata-se que muitos psicólogos estão começando a orientar o treinamento das habilidades mentais no futebol. Avaliações psicológicas têm como finalidade conhecer o estilo cognitivo dos atletas, suas habilidades, atitudes e características. Só assim poderá diagnosticar, classificar, e intervir.

Para Carravetta (2001,p.53),

“o psicólogo estuda a origem e as implicações dos acontecimentos psíquicos que os atletas apresentam durante os treinamentos e competições. Procura otimizar o rendimento das equipes com a implantação de programas de psicologia aplicados ao futebol.

A conduta do jogador é observada nos períodos de treinamentos e nos jogos; avalia a depressão, a agressividade, a ansiedade, as percepções de diferentes componentes que constituem o ambiente do futebol, a dinâmica de personalidade e os estados emocionais. Estuda também o perfil do estado de humor e a atenção concentrada ou difusa de cada um.

Na conformação do grupo, realiza a análise sociométrica para identificar as lideranças, as preferências, os isolamentos, as simpatias e a coesão do grupo.

Orienta a conduta que deve ser empregada pelos integrantes das comissões técnicas e de apoio técnico, com a finalidade de prevenir o aparecimento de distúrbios psicológicos e emocionais que possam interferir negativamente na execução das atividades do treinamento desportivo”.

No entender de Brunoro & Afif (1997, 107), “a preparação psicológica ainda não está totalmente assimilada pelas pessoas que militam no futebol, pois não existem métodos específicos à realidade desse esporte. Por isso mesmo, vários profissionais, inclusive os técnicos, realizam trabalho de mentalização com os jogadores com seus próprios métodos. Atualmente, as técnicas aplicadas no futebol são oriundas de outros esportes e até da psicologia convencional, empregada por grandes empresas para motivar seus funcionários”.

Os atletas que conseguem atingir seus objetivos, na maioria das vezes, constatado por seus depoimentos, procuram o equilíbrio emocional para nortear suas decisões.

Está evidenciado, que as equipes que apresentam maior preparo emocional e mental conseguem atingir melhor desempenho técnico, tático e físico. Esse fator acaba se tornando um diferencial competitivo. De outra maneira, quando não estão bem emocionalmente, elas não conseguem jogar tudo o que sabem. Onde isso se revela? No momento do jogo, dentro do campo. Principalmente em jogos decisivos.

Para alcançar o equilíbrio emocional, psicólogos utilizam-se de programas específicos para esse propósito; já existem exercícios e técnicas para alcançar o equilíbrio das energias psíquicas, conforme indicadas por Brunoro & Afif (1997,p. 109):

- Controle da raiva e do nervosismo;
- Superação de limites, ansiedade e medo;
- Melhora do nível de concentração para diferentes momentos da partida;
- Aumento do espírito de equipe, confiança, respeito, coragem, determinação, persistência, paciência, etc.”

Estes elementos podem influenciar um lance, contribuir para o clima do jogo, decidir uma partida e até um campeonato.

2.2.9. Auxiliar Técnico

Finalmente, dentre os componentes da equipe técnica de futebol, aborda-se o Auxiliar Técnico, objeto e sujeito deste estudo. Por último, não por ser o menos importante, mas para se dar o devido e necessário destaque e também porque seu trabalho, de certo modo, está atrelado ao de outros profissionais nas comissões técnicas de futebol, muito especialmente ao do técnico principal ou treinador, abordados propositalmente antes, para que se pudesse, aqui neste tópico, realizar as necessárias articulações com as atividades daqueles.

Na revisão de literatura que se realizou para a elaboração desta monografia, especificamente no tocante ao profissional do futebol o auxiliar técnico, os autores quase que unanimemente, o contemplam como um recurso humano importante, indispensável, para atuar junto ao técnico ou treinador.

Recorrendo primeiramente aos dicionários da Língua Portuguesa, encontram-se definições que podem desencadear uma reflexão sobre o sentido do cargo de auxiliar ou assistente técnico. Luft, (1990,p.66) afirma que “Auxiliar significa ajudar, socorrer (auxílio / subsídio)” e “Assistente é que(m) assiste, ouve, adjunto, auxiliar”. No dicionário AURÉLIO (2008,p.93), por sua vez, afirma-se que “Assistente é quem dá assistência (Adjunto ou auxiliar de professor)” e lembra-se que “assistir quer dizer auxiliar, socorrer, proteger, acompanhar visualmente,ver, acompanhar para dar auxílio”. Ainda, na mesma fonte (p.99), registra-se que “Auxiliar é quem auxilia, presta auxílio, socorre, ajuda, ampara, protege”. Ao que se deduz: o auxiliar assiste; o assistente auxilia.

Autores especializados e de muito boa formação e experiência, abordam as características e funções do auxiliar ou assistente técnico, dentre eles Carravetta (2001), Leal (2001), Drubsky (2003), conforme se apresenta abaixo.

Reitera-se a figura do auxiliar técnico como muito ligada à do técnico principal e praticamente indissociável. “É um auxiliar direto e indispensável do treinador principal e que tem que ter a sua confiança, aprovação e respeito”.

“O assistente técnico é indispensável para o treinador principal, uma vez que se ocupa de todas as particularidades dos treinamentos, da análise individual do comportamento técnico e tático dos atletas, além de determinar as necessidades para que eles possam estruturar o ambiente de acordo com essas necessidades” (CARRAVETTA, 2001, p47).

Drubscky (2003,p.62), enfatiza que o auxiliar técnico “é, ao lado dos preparadores físicos e do treinador de goleiros, o profissional que mais se estreita na relação com o técnico principal”.

Atualmente o auxiliar técnico tem função; não é mais aquele indivíduo que ronda o campo com uma prancheta nas mãos, aparentemente sem função.

Hoje, os verdadeiros auxiliares dos técnicos são aqueles que vão ao campo ministrar treinamentos, colhem e filtram informações sobre os adversários, organizam teipes de jogos, fazem a ligação técnica entre os departamentos de base e profissional; enfim, participam intensamente do dia-a-dia de trabalho. É, de fato, o assessor do Técnico principal.

Observa-se pois, que o auxiliar técnico é o profissional técnico de futebol, que atua como apoio, junto ao técnico principal na orientação da equipe de futebol em todas as atividades de competência do titular que o mesmo lhe solicite e ou delegue e ou que são necessárias ao bom andamento do setor.

Para Leal (2001, p.211), o auxiliar técnico, como qualquer treinador, está envolvido numa “imensa gama de responsabilidades e, por isso mesmo, toda a sua formação deve ser de alto nível”.

Dentre seus atributos / atribuições destaque-se

“o conhecimento da metodologia do treinamento técnico e tático, competência para orientar esses treinamentos, noções das etapas de planificação e suas variações dentro de determinadas fases do trabalho, ter informações sobre as características das equipes adversárias, banco de dados dos jogadores, contatos com pessoas vinculadas ao futebol de outras regiões, equilíbrio e atitude no contato com a equipe” (CARRAVETTA, 2001,p.47).

Em face das exigências que lhe são impostas, infinitas e de todos os tipos, a par da dimensão que é dada ao futebol, o conhecimento, a cultura geral, e as formas de expressão e comunicação do treinador são de fundamental importância para sua carreira, assim como a imagem que dele se forma.

“Deve ter uma boa formação escolar, cultural e familiar, a embasar-lhe a personalidade. Precisa cuidar-se com grande desvelo, a fim de manter-se atualizado, lendo e estudando muito, mantendo correspondência com editoras, inclusive as estrangeiras, se possível, que se refiram a esporte ou dele tratem. Frequentar cursos voltados para o futebol, simpósios, palestras, congressos e cursos pós-graduação, é obrigação impostergável.” (LEAL, 2001, p.211)

Necessita acompanhar o desenvolvimento do futebol em todos os níveis, local, regional, nacional e internacional.

A postura ética é também um atributo necessário ao assistente técnico; através de sua liderança, deve transmitir a idéia de correção, responsabilidade e intervenção social. Deve difundir estas idéias e ações. Tanto para os jogadores, quanto para os torcedores. A imagem que ele passar as outras pessoas, o conceito que a sociedade emitirá a seu respeito terá relevância e consequências, no entretanto o que será mais importante, fundamental, será a essência do caráter do auxiliar técnico: seu verdadeiro caráter a correção verdadeiros é que importarão de fato.

Ao que se constata, o assistente técnico contribui para o fomento da interação com os especialistas e integrantes da comissão técnica, é o responsável pelas observações dos times adversários e mantém com o treinador informações reservadas sobre questões táticas e técnicas da equipe.

“O técnico principal tem dúvidas que, às vezes, apenas algumas palavras solidárias e comprometidas de um dos seus auxiliares já seriam capazes de resolvê-las. As funções do auxiliar técnico dependem muito da importância que representa para o técnico principal. Se for da sua confiança, como requer o modelo ideal, poderá ajudar na escalação, nos treinamentos de campo, além de várias outras missões.” (DRUBSCKY, 2003, p.62)

O assistente procura estar atento a todos os detalhes da relação do técnico com a equipe. Realiza intervenções individuais qualificando os canais de comunicação treinador-atleta, e utiliza alternativas pedagógicas para o desenvolvimento técnico e tático através de treinamentos personalizados.

“É também responsável pela elaboração da estatística dos jogos e pelo repasse de informações técnicas e táticas nos intervalos dos jogos / partidas” (CARRAVETTA, 2001, p. 47).

“O futebol moderno exige muita atenção aos detalhes, que são treinados separadamente, segundo a importância que merecem em cada equipe. O treinador auxiliar pode atuar efetivamente neste ponto trabalhando os pequenos, mas importantes, detalhes técnicos e táticos nas estruturas da equipe. O auxiliar técnico também atua nas preleções dos jogos e durante os 90 minutos. Nos jogos, geralmente eles estão nos locais diferentes aos dos treinadores, mantendo-se em contato por meio de rádios comunicadores e trocando impressões a todo momento com algum membro da comissão técnica que está à beira do campo” (DRUBSCKY, 2003, p.62-63).

Constata-se na prática, que no futebol atual é quase unânime a adoção do rádio como meio de comunicação entre os integrantes da equipe técnica. Há que se ressaltar no entanto, para o cuidado no uso desse instrumento durante o jogo de futebol para que o mesmo não tire o protagonismo da participação do técnico principal à beira do campo, pois quando ligado diretamente ao ouvido do técnico principal, poderá diminuir a sua concentração para o jogo.

Como muito bem alerta Drubsky (2003,p.63):

“Se isso acontecer, a tarefa deverá passar para um dos auxiliares do banco de reservas, que filtraria as informações, transmitindo ao técnico somente o necessário e nos momentos certos. Por experiência própria, posso afirmar que a adaptação ao uso do rádio durante os jogos depende basicamente da capacidade do técnico de focar sua atenção nesse recurso e da confiança que deposita em quem está do outro lado da linha. Já nos intervalos e após os jogos, a troca de idéias entre técnico principal e auxiliares é providencial”.

Ao que se vê, o auxiliar técnico deve, para o desempenho do cargo, também ser possuidor de habilidades e atributos fundamentais como: compreensão, paciência, comunicação, disciplina, capacidade pedagógica, versatilidade, conhecimento, inteligência, preparo, conduta, caráter, companheirismo, humildade, instrução, consciência, senso de justiça, respeito, e responsabilidade.

As atribuições do assistente técnico não são poucas. Além destas, ele ainda, segundo Carravetta (2001,p.48):

- “- Utiliza alternativas pedagógicas para o desenvolvimento técnico e tático, através de treinamentos personalizados;
- Reforça frequentemente os procedimentos de ensino-aprendizagem orientados pelo treinador;
- Participa na elaboração de padrões e estratégias de jogo;
- Colabora na adoção do plano tático para a equipe;
- Recomenda jogadores que possam suprir as necessidades técnicas do grupo;
- Elabora relatórios;
- Participa na dispensa de jogadores e na observação de atletas das categorias de base;
- Observa jogos das equipes adversárias;
- Procura estar atento a todos os detalhes da relação do técnico com a equipe;
- Realiza intervenções individuais qualificando os canais de comunicação treinador-atleta;
- Elabora a estatística dos jogos;
- Repassa as informações técnicas e táticas nos intervalos das partidas / dos jogos;
- Ocupa-se de todas as particularidades do treinamento;
- Analisa o comportamento técnico e tático individual dos atletas;
- Determina as necessidades para que os atletas possam estruturar o ambiente de acordo com as mesmas;
- E, até, substitui o treinador na direção técnica da equipe em situações especiais”.

Carravetta (2001. p. 47), alerta que nas situações especiais em que substitui o treinador na direção técnica da equipe, “tem o dever de respeitar os procedimentos desse, assim como a sua filosofia de trabalho, evitando a contradição”.

Quando observa jogos das equipes adversárias, em decorrência, elabora relatórios e os reproduz na equipe reserva, explicitando a mecânica de jogo fundamentada em suas observações. A aplicação se dá nos treinos coletivos em confronto com a equipe principal.

O trabalho do auxiliar técnico, também é educativo.

Ele reforça frequentemente os procedimentos de ensino-aprendizagem orientados pelo treinador, participa na elaboração de padrões e estratégias de jogo e colabora na adoção do plano tático para a equipe. Recomenda jogadores que possam suprir as necessidades técnicas do grupo, participa na dispensa de jogadores e na observação de atletas das categorias de base.

Necessariamente, o auxiliar técnico é um profissional que precisa saber, saber fazer, saber conviver, saber ser. Deve ter uma sólida educação, pois.

2.3. INTERCOMPLEMENTARIDADE NA ATUAÇÃO DA COMISSÃO TÉCNICA DE FUTEBOL: CONCEITOS E POSTURAS

Busca-se hoje excelente desempenho em diversos setores da vida, sendo que no futebol procura-se melhorar o desempenho individual e coletivo, o que diminui as probabilidades de erros e obtenção de resultados e consequências negativos, e aumenta as probabilidades de acerto e de obtenção de resultados e consequências positivos.

O inter-relacionamento entre integrantes da Comissão Técnica, principalmente o inter-relacionamento entre o técnico e o auxiliar técnico, e jogadores, é necessário e indispensável para o alcance dos objetivos comuns, que incluem bom desempenho em campo e a vitória.

O cargo de cada um tem sua especificidade, porém, considerando que o objetivo geral de todos que atuam na comissão técnica do futebol é comum, é necessário que ocorra uma integração na realização dos objetivos específicos de cada integrante da comissão técnica.

Conceitos de multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e intercomplementaridade devem fazer parte das ações de todos para possibilitar a convergência de princípios, interesses, esforços, estratégias e metas.

Neste sentido, cabe definir multidisciplinaridade, interdisciplinaridade como princípios pedagógicos que regem a articulação, de saberes, de disciplinas, de especialidades.

Ivani Fazenda uma das grandes estudiosas da questão da interdisciplinaridade (apud GARCIA,2008), faz uma das distinções básicas entre os dois princípios: “Uma equipe multidisciplinar tem diferentes profissionais que trabalham dentro de sua especificidade de forma complementar, sem permuta de saberes ou práticas, sem áreas de intersecção; a equipe interdisciplinar tem diferentes profissionais que trabalham juntos, mantendo suas atuações específicas, com troca de informações dentro de áreas de intersecção, o que permite a construção de novos saberes”.

Apesar de a interdisciplinaridade não possuir um sentido único e estável e, ainda, que haja inúmeras distinções para o termo, de acordo com Fazenda (1995), o princípio

interdisciplinar, é sempre o mesmo, cuja característica está relacionada com a “intensidade das trocas entre especialistas e pela integração das disciplinas num mesmo projeto (...)”.

Uma equipe, verdadeiramente multidisciplinar, se auto-constrói aos poucos, e cresce como um conjunto harmonioso e verdadeiramente interessado, não só no sucesso do time, mas também na melhoria, em todos os sentidos, dos colegas que “juntos” constituem esse grupo de trabalho.

A intercomplementaridade é, como o nome diz, a complementação do trabalho de um especialista para com o trabalho do outro a continuidade, a coerência, a seqüência: no caso do futebol, o *continuum* das atividades realizadas por exemplo pelo Técnico e Auxiliar Técnico.

A respeito de princípios pedagógicos do trabalho técnico, Cruz (sd. p. 23) faz uma reflexão sobre a relação entre Treinador e sua Comissão Técnica, afirmando que “...quando um clube inicia uma nova temporada, deve ter a preocupação na montagem de sua Comissão Técnica, desde os profissionais técnico-administrativos até os que irão trabalhar com todos os atletas.

Em toda equipe multidisciplinar há uma hierarquia e posterior distribuição de funções no sentido de que todos contribuam em prol dos objetivos comuns.

“O treinador assume papel importante e decisivo nesse contexto, pois comandará diariamente não só os atletas, mas também a equipe responsável pelo planejamento e a execução do trabalho, participando na indicação e posterior contratação de todos”, complementa Cruz (s.d. p. 24).

Partindo-se desta premissa, obtém-se uma relação mais harmoniosa e profissional entre todos os componentes da equipe, onde atuam decisivamente proporcionando um ambiente de confiabilidade e fidelidade.

“Profissionais do clube próximos do treinador, e que diariamente auxiliam na condução do plano de treinamento e jogos são fundamentais no processo de trabalho. São eles: Auxiliar-Técnico, Preparador Físico, Treinador de Goleiros, Supervisor, Coordenador-Técnico - que com o passar dos anos existirá em todos os Clubes, pois faz a ligação entre a comissão técnica e a diretoria executiva, participando decisivamente, por exemplo, na contratação de jogadores.”

(CRUZ, s.d., p.24).

A comunicação entre todos que compõem uma equipe multidisciplinar / interdisciplinar é fundamental, pois é no somatório geral de todos os esforços que se obtém os resultados futebolísticos, físicos, financeiros, sociais, psicológicos etc.

Cruz (s.d. p. 24). chama atenção ao seguinte:

“Todos esses profissionais são complementados pelos cargos técnico-administrativos, tão necessários e fundamentais no andamento do processo;

havendo a necessidade, nos clubes transformados em empresas, da presença de profissionais nos cargos diretivos (presidente, vice-presidente, diretor de futebol, etc) recebendo remuneração adequada a sua função.

Caminhamos hoje para uma profissionalização total no futebol, sendo imprescindível uma melhor preparação técnica, acompanhada de atualização formativa específica e cultural, possibilitando a cada um uma contribuição decisiva no planejamento e na execução da filosofia de trabalho implantada no clube”.

FREIRE, (2003.p.8-11) por sua vez, apresenta alguns princípios didáticos para o trabalho do treinador e do auxiliar técnico:

1º) Ensinar futebol para todos

É prática comum, tanto no futebol de várzea ou de rua, como nos clubes ou escolinhas, dar atenção somente àqueles que, por algum motivo, apresentam maiores habilidades. As experiências anteriores vividas, talvez fatores genéticos, quem sabe ambas as coisas, permitiram fazer com que apresentassem mais facilidade que outros na prática de futebol. Portanto, dão pouco trabalho; não é preciso ensinar-lhe quase nada. É só deixá-los jogar e se desenvolver. Os adeptos de tal pedagogia gostam de acreditar que é tudo uma questão de genética; ou seja, esses privilegiados teriam nascido para jogar futebol...

...Não desprezo a importância dos fatores genéticos, mas esses fatores não podem impedir a aprendizagem de quem quer que seja. Não podemos manipular geneticamente a formação do conhecimento, mas podemos interferir na aprendizagem. De modo que aqueles que já sabem jogar futebol devem ser orientados para aprender a jogar melhor; aqueles que sabem muito pouco ou nada de futebol devem receber toda a atenção até que aprendam, no mínimo, o suficiente.

2º) Ensinar futebol bem a todos

Não basta ensinar; é preciso ensinar bem. A tarefa de quem ensina futebol não é ensinar qualquer coisa. Temos que ensinar cada aluno, não importa o nível de habilidade com que inicie, com as melhores técnicas, com o maior cuidado, de modo que possa, ao longo do tempo, expressar habilidade para jogar futebol de qualidade, alguns em menor tempo, outros com maior demora. Não importa; todo processo pedagógico exige paciência.

3º) Ensinar mais que futebol a todos

Além de ensinar futebol a todos e ensinar bem, a tarefa educacional supõe preparar sempre para algo mais que a atividade específica da escola. Quem aprende futebol pode desenvolver um acervo de habilidades bastante diversificado, podendo aproveitar essas habilidades em muitos outros esportes. Além disso, poderá estar aprendendo a conviver em grupos, a construir regras, a discutir e até a discordar dessas regras, a mudá-las, com rica contribuição para seu desenvolvimento moral e social. Deve fazer parte da pedagogia do esporte conversar sobre os acontecimentos da aula, colocar o aluno em situações desafiadoras, estimulá-lo a criar suas próprias soluções e a falar sobre elas, levando-o a compreender suas ações.

4º) Ensinar a gostar do esporte

...se ensinarmos com brincadeiras, com diversão, com carinho. Com atenção, com liberdade, possivelmente isso ficará para sempre, sem precisarmos enganar os alunos com promessas de um futuro glorioso. Antes de qualquer ensinamento, o aluno precisa aprender a gostar do que faz. Ora, é fácil deduzir que a gente costuma gostar mais daquilo que nos dá prazer que daquilo que nos causa sofrimento.

Em trabalho publicado pela Fundação Darcy Ribeiro (2008), sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (Parecer CEB/CNB no. 15/98, instituídas pela

Resolução nº. 4/98), entre os princípios pedagógicos que estruturam as áreas de conhecimento destaca-se: a contextualização, a interdisciplinaridade, bem como os princípios da identidade, diversidade e autonomia, articulados por eixos conceituais amplos.

Seria ideal que no futebol houvesse também tal embasamento, já que há muito em comum entre o que se faz numa escola e o que se faz em um clube de futebol profissional.

Será necessário pois, um planejamento conjunto que possibilite a eleição de um eixo integrador, que pode ser um objeto de conhecimento, um projeto de intervenção e, principalmente, o desenvolvimento de uma compreensão da realidade sob a ótica da globalidade e da complexidade, numa perspectiva holística.

De todo o exposto, é possível resumir dizendo que o trabalho do departamento de recursos humanos de futebol, da diretoria, da comissão técnico-científica, da comissão de apoio técnico, enfim, deverá necessariamente, ser alicerçado pelos princípios da multidisciplinaridade, da interdisciplinaridade e da intercomplementaridade. A competência coletiva passa por princípios dessa ordem.

2.4. RESPONSABILIDADE SOCIAL

Nos últimos cinquenta anos, o tema responsabilidade social tem, cada vez mais, despertado o interesse e o debate nos meios acadêmico e empresarial.

Vive-se hoje num processo de mudanças paradigmáticas de várias ordens. Uma das tendências e transformações da sociedade moderna, apontada pelo relatório “*CLICK-16 tendências que irão transformar suas vidas, seu trabalho e seus negócios no futuro*”, das americanas Faith Popcorn e Marigold Lys (1997), apontam para o “tudo pelo social”; as ONGs; o voluntariado, etc.

Existe pois, uma valorização do social, dos produtos, dos serviços, das políticas sociais, das idéias das grandes causas (preservação da natureza; combate à fome, à miséria e à violência; reciclagem), enfim.

Surge assim, uma "nova ordem social" afirma o sociólogo alemão Claus Offe (apud BALDO, MANZANETE e GIACOMINI FILHO, 2003, p.2), e essa tem sua principal base na estruturação e funcionamento do Terceiro Setor, que ao lado do Estado e do mercado, tem características como:

- mudanças profundas nas relações do cidadão com o governo;
- surgimento de uma nova concepção de Estado;
- substituição da prevalência dos interesses corporativos pela

- hegemonia do interesse social;
- surgimento de novas instituições sociais;
- abertura de novos canais de reivindicações sociais;
- emergência de redes de solidariedade social.

Alguns dos principais vetores da responsabilidade social de uma empresa e que direcionam o processo de gestão empresarial para o fortalecimento da sua dimensão social, são:

- V1 – apoio ao desenvolvimento da comunidade onde atua;
- V2 – preservação do meio ambiente;
- V3 – investimento no bem-estar dos funcionários e seus dependentes e num ambiente de trabalho agradável;
- V4 – comunicações transparentes.

Está cada vez mais difundida, nos vários setores da sociedade, a idéia de que a atual situação do mundo requer atenção especial das empresas, profissionais e cidadãos para a sua dimensão social.

A questão da responsabilidade social da empresa está posta e é de fundamental importância.

A responsabilidade social de uma empresa não se resume a tão somente apoiar o desenvolvimento da comunidade e preservar o meio ambiente, mas inclui também investir no bem-estar dos seus funcionários e dependentes, e num ambiente de trabalho saudável, promover comunicações transparentes, ter ética, etc.

A Obrigação Social corresponde àquilo que a empresa faz pelo social que está previsto em lei, desde o pagamento de impostos até a utilização de filtros nas chaminés de fábricas (CORRÊA e MEDEIROS, 2001,p.3).

O Instituto Ethos de Empresas e Responsabilidade Social (2000), considera a empresa socialmente responsável quando esta vai *“além da obrigação de respeitar as leis, pagar impostos e observar as condições adequadas de segurança e saúde para os trabalhadores”*

Oliveira (1984,p.205) diferencia a responsabilidade social da obrigação social:

o simples cumprimento das obrigações legais, previamente determinadas pela sociedade, não será considerado como comportamento socialmente responsável, mas como obrigação contratual óbvia, aqui também denominada obrigação social.

A ótica da responsabilidade social pressupõe que a empresa considere as metas econômicas e sociais nas suas decisões, e vá além dos limites da legislação (CORRÊA e MEDEIROS, 2001, p.3).

O objetivo da responsabilidade social é

assegurar o desempenho ético correto e o desempenho ambiental adequado da empresa, melhorar a qualidade de vida de seus funcionários e dependentes, usar o poder e a realização da empresa com seus fornecedores e concorrentes para mobilizá-los a serem socialmente responsáveis (por exemplo, não comprar de nenhum fornecedor que usa trabalho infantil), implementar normas de respeito ao consumidor e mobilizá-lo para atos de solidariedade, utilizar todos os espaços de comunicação para transmitir valores e informações de interesse da comunidade, etc. (MELO NETO E FRÓES, 1999, p. 32)

Todos estes conceitos aplicam-se ao futebol.

Aquilo que se aplica no social, na educação, tem em geral um retorno mais lento, uma visibilidade gradual – pois está sujeito a fatores de várias ordens, dentre elas questões éticas e de competência – mas, na mais das vezes, é certo e compensador.

“O futebol é um trabalho para influenciar positivamente, exemplarmente na sociedade, na ocupação dos jovens e desenvolvimento humano do jogador; como em todos os segmentos da sociedade” (Auxiliar Técnico entrevistado, 2009).

O futebol tem uma série de problemas, assim como a sociedade. A sociedade tem uma série de problemas como: tragédias, fome, sofrimento, mortalidade infantil, suicídios, atendimento precário e desumano na área de saúde, desemprego, problemas extremos na educação, indiferença, descaso para com os sofrimentos e injustiças sociais, desigualdades, criminalidade, guerras, acidentes de trabalho, acidentes de trânsito, sistema de saúde sobrecarregado, consumo difundido e aceito de entorpecentes das faculdades morais e senso de justiça e julgamento moral, consumo de drogas como o álcool e a maconha, irresponsabilidade no trânsito, músicas e propagandas que fazem apologia ao uso de drogas como o álcool, inversão de prioridades governamentais, asfaltamento de ruas já pavimentadas como prioridade municipal, corrupção e descaso por parte de eleitores, governantes que não se importam com as conseqüências de seus atos na vida e felicidade das pessoas, eleitores que não se importam com as conseqüências de seus atos na vida e felicidade das outras pessoas e própria, imposições ideológicas por veículos de imprensa, novelas que propagam a indiferença e o consumismo, programas televisivos fúteis, programas televisivos com a intenção de tornar o telespectador um fã dos atores-atrizes e novelas da emissora, eleitores que não percebem que seu voto influi no seu trânsito-educação-saúde-emprego-lazer-família-vizinhança-bairro-lazer-cidade-lazer-país-vida-morte, e muito mais.

O futebol também tem uma série de problemas, como brigas entre jogadores, ações irresponsáveis de jogadores, comemorações irresponsáveis, brigas entre torcedores, mau comportamento de torcedores, problemas de arbitragem, erros de arbitragem, julgamentos

precipitados, punições injustas, bairrismos, conivência com atitudes erradas, impunidade, manipulação de resultados, corrupção de juízes, corrupção de jogadores, corrupção de dirigentes, politicagens, divergências extremas de cotas televisivas entre clubes, imposições advindas de opressão político-econômica, mídia irresponsável e que não faz sua parte para intervir de forma positiva na sociedade, tolerância ao que não deve ser tolerado, valorização de pessoas e instituições imorais, maus exemplos, heroizações, estrelismos, maus valores, ignorância de jogadores, egoísmo de jogadores, provocações entre jogadores, aprovação de alcunhas, crueldade de treinadores, negligência de treinadores e médicos com a saúde e integridade física de jogadores, sobrecarga física e psicológica extrema, faltas violentas, negligência e imprudência de jogadores com relação à integridade física de jogador que não si próprio, humilhações, crueldade de torcedores, zombarias, desrespeitos ao torcedor, sócio-torcedor sem direito de voto em clube, preços caríssimos em relação à condição econômica da maioria da população, justiça desportiva corrupta, injusta e desproporcional, legislação desportiva muito pouco desenvolvida, sistema de arbitragem insuficiente e errôneo, federações locais, nacionais, continentais e mundiais geridas com negligências, incompetência, corrupção, politicagens, e muito mais.

Os problemas da sociedade pioram os problemas do futebol, e os problemas do futebol pioram os problemas da sociedade. Claro que muitos dos problemas do futebol causam estão difundindo problemas na sociedade. Claro que a sociedade esta sendo “estragada” por muitos dos problemas do futebol. Se os problemas do futebol fossem combatidos e sanados, a sociedade não receberia tantas influências negativas do futebol, mas sim apenas as boas influências. E isso é perfeitamente possível, pois não são problemas inerentes ao futebol, mas sim são problemas de caráter, moral, ética, valores, e também um pouco são problemas de ignorância, despreparo, desconhecimento, imperícia, e até mesmo problemas de inteligência, que deve sempre ser desenvolvida pela educação, e aí se inclui a educação física, para que os problemas do futebol e da sociedade sejam minimizados ou evitados. A interligação entre o futebol e a sociedade é evidente e muito difundida. O coletivo de autores, na obra “Metodologia do Ensino de Educação Física”(1992, p.62-63), coloca muito bem que é preciso compreender-se as relações que existem entre o jogo, o esporte (e nessas duas categorias se inclui-se o futebol), e os problemas sócio-políticos atuais, como relações sociais do trabalho, preconceitos com relação a deficientes, distribuição de solo urbano, distribuição de renda, dívida externa, ecologia, entre outros.

O futebol tem, com certeza, relação, e muita com estes temas e problemas. É preciso portanto, que os conceitos de responsabilidade social, moral e ética sejam urgentemente

aplicados por aqueles que fazem o futebol, estudam o futebol, participam do futebol, e por toda a sociedade. Urgentemente e intensamente. O ritmo e intensidade do treinamento, não podem ser apenas pouco intensos, muitas vezes têm que ser bastante intensos, caso contrário a tendência é não se alcançar os objetivos; o ritmo e intensidade do jogo da equipe não podem ser apenas pouco intensos, muitas vezes têm que ser bastante intensos, caso contrário a tendência é perder a partida; o ritmo e intensidade da participação do torcedor não podem ser apenas pouco intensos, muitas vezes têm que ser bastante intensos, para jogarem junto com o time, apoiando o time sem desprezar o adversário, e assim conseguir ajudar bastante a equipe. Da mesma forma, mas com muito mais gravidade e necessidade de intensidade, o ritmo e intensidade das intervenções e mudanças no futebol e na sociedade em termos de moralização, responsabilidade, solucionamento, e intervenção, devem, também, ter intensidade e ritmo bastante intensos, para que ocorram. Apenas em ritmo leve e intensidade pouco intensa, as vitórias não vêm, os títulos não vêm, a torcida não dá apoio que poderia ao time, e o mesmo vale para as mudanças na sociedade: as mudanças, influências e efeitos positivos não seriam suficientes para suplantar as mudanças, influências e efeitos negativos cotidianos que ocorrem no mundo atualmente, como os das milhares de imposições midiáticas imorais diárias sobre a cultura e valores da população, por exemplo. Por todo o exposto, portanto, é de fato preciso que os conceitos de responsabilidade social, moral e ética sejam urgentemente aplicados por aqueles que fazem o futebol, estudam o futebol, participam do futebol, e por toda a sociedade. Urgentemente e intensamente.

O Atlas Moderno de Educação Moral e Cívica (1971) contribui dizendo que:

Para a boa formação do caráter, o jovem deve ser orientado em relação a vários pontos fundamentais como: saber escolher entre o bem e o mal, assumir responsabilidade, cultivar a inteligência e a vontade, ter firmeza de convicção, etc.

O bem é a perfeição moral que torna um ato proveitoso para o próximo, ao passo que o mal é a negação do bem que contraria as regras da moral. Uma vez que o bem e o mal não se confundem e os atos podem ser pesados pela moralidade existente no íntimo de cada um de nós, podemos dizer que os nossos atos podem ser julgados. Esse juízo que formulamos sobre moralidade do que praticamos, permite-nos decidir o que devemos fazer ou não denomina-se consciência.

Chama-se responsabilidade a propriedade que o homem possui em responder por seus atos, uma vez que estes são voluntários e livres.

Uma vez que os atos humanos são voluntários e livres, o indivíduo pode praticar hábitos denominados virtudes e vícios. As virtudes são hábitos bons que levam o indivíduo a agir bem, moralmente. Os vícios, em oposição às virtudes, são hábitos maus, os quais levam o indivíduo a contrariar o bem.

3. METODOLOGIA

3.1. TIPO DE ESTUDO

O estudo se caracteriza como uma pesquisa exploratória descritiva, com enfoque qualitativo, que buscou subsídios para compreender as funções e atuações do Auxiliar Técnico em clubes de futebol profissional.

O método de procedimento adotado foi, de um lado, a pesquisa bibliográfica e documental, valendo-se das técnicas de revisão crítica de literatura, e levantamento de dados secundários, abrangendo obras básicas, livros, trabalhos monográficos/ dissertativos e de pesquisa, sites e também periódicos como revistas, jornais, entre outros, em autores da área futebolística.

O estudo, por outro lado, caracterizou-se também, como uma investigação exploratória de campo, para possibilitar a ampliação do alcance do estudo e o confronto / complementação dos conteúdos teóricos com a prática efetiva do profissional do futebol Auxiliar Técnico, por meio de Entrevistas.

3.2. POPULAÇÃO E AMOSTRA

Foram entrevistados treze Auxiliares Técnicos, pertencentes a 10 clubes de futebol participante, sendo pertentes a 5 clubes da Série A do Campeonato Brasileiro de Futebol 2009 e 5 clubes da Série B do Campeonato Brasileiro de Futebol 2009. Em três desses clubes, atuam mais que um Auxiliar Técnico, e optou-se por entrevistar dois auxiliares técnicos neste três clubes. Do total de 40 clubes/times pertencentes à série A e B do campeonato brasileiro de futebol (há 20 clubes na série A e 20 clubes na série B), abrangiu-se 25% da população de clubes da Série A e B do campeonato Brasileiro de Futebol, as 2 principais divisões do Futebol Brasileiro.

3.3. INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento de coleta de dados utilizado na pesquisa foi a entrevista, que se vale do recurso da fala e permite que o cientista realize uma interação humana. É a técnica que recolhe, por meio de interrogatório ao informante, dados para a pesquisa. Beltrão (apud CAMPOS, 2008) a define como a “técnica de obter matérias de interesse (...) por meio de

perguntas e respostas”. Farr (apud BAUER & GASIELL, 2002) ao referir-se a entrevistas, se manifesta dizendo que “é essencialmente uma técnica ou método para estabelecer ou descobrir os fatos além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”. É a busca da perspectiva do outro; do significado que ele dá ao fenômeno – atividade de auxiliar técnico.

O roteiro da entrevista semi-estruturada realizada (apêndice 1), permite identificar questões vinculadas a aspectos: da trajetória / perfil / dos Auxiliares Técnicos; suas concepções acerca do Futebol e da atividade inerente ao auxílio técnico; suas funções; as atividades que realiza no cotidiano do afazer; aspectos da interação profissional com o Técnico e atletas; princípios didáticos pedagógicos de que faz uso no desempenho da função de Auxiliar Técnico.

As sete temáticas/questões abordadas nas entrevistas e também na pergunta-problema foram:

- Resumo da trajetória no futebol e formação.
- Vínculo funcional do auxiliar técnico com o clube e treinador.
- Listagem de funções e atuações enquanto auxiliar técnico futebolístico.
- Conhecimentos e habilidades consideradas importantes pelo auxiliar técnico no desenvolvimento das atividades inerente ao cargo.
- Indicação dos princípios didático-pedagógicos empregados na rotina de trabalho de Auxiliar Técnico.
- Dimensão docente / instrucional e educativa assumida pelo técnico e/ou auxiliar técnico no exercício de suas funções.
- Repercussões na sociedade, funções sociais e responsabilidade ético-social da atividade do Auxiliar Técnico futebolístico.

As entrevistas exploratórias realizada com Auxiliares Técnicos futebolísticos incluíram: viagens, deslocamentos, vários telefonemas interurbanos, e entrada em contato com auxiliares técnicos que viessem atuar em jogos nos estádios dos clubes Figueirense e Avaí.

Em algumas situações a entrevista se realizou por telefone, após agendamento pessoal com o Auxiliar Técnico dos clubes que aqui estiveram, porque o tempo de estada em Florianópolis, quando da realização do jogo, não permitia espaço para tal.

3.4. COLETA DE DADOS

Todas entrevistas foram gravadas com autorização dos entrevistados. Algumas das entrevistas tiveram problemas, como por exemplo, o local, na maioria dos locais escolhidos improvisadamente pelo entrevistado não possuíam condições de silêncio e sonoridade adequados; Por exemplo: local próximo à passagem de ônibus, local próximo a construções, local próximo à saída de escola, local de grande presença de pessoas conversando, etc. Às vezes, se tratava da única opção de local. Cabe relatar aqui inclusive, que houve uma entrevista que deveria se realizar numa sala e foi na rua; houve também um outro caso do entrevistado mudar o local durante a própria entrevista, pressupondo que o problema da sonoridade do ambiente fosse sanado.

Analisando-se os limites do trabalho de pesquisa realizado, também menciona-se aqui as diferentes durações das entrevistas em função de maior ou menor disponibilidade de tempo dos entrevistados.

Por se tratar de uma primeira experiência de pesquisa – a monografia de um curso de graduação - o autor deixou de controlar, talvez, alguns problemas metodológicos, tipo os mencionados acima, a escolha de locais, de sonoridade inadequadas para a realização da entrevista, que acabaram dificultando o trabalho de resgate das idéias. Decorrente disso, nem todas as gravações de entrevistas obtiveram condições audíveis para transcrições, recorrendo-se nesses casos, a informações memorizadas e / ou anotadas num caderno de campo durante as entrevistas.

3.5. ANÁLISE DOS DADOS

Como critério de organização e tabulação dos dados coletados por meio das entrevistas, optou-se por reunir as respostas em torno de sete categorias básicas de atuação do Auxiliar Técnico cujos conteúdos estivessem desenvolvidos pelas entrevistas e conforme se trata no item 3 que é a Apresentação dos Resultados e Análise:

- I - Plano / Preparo para o jogo;
- II- Treino;
- III- Desenvolvimento da prática;
- IV- Avaliação / Realimentação, e Organização da Informação;
- V- Inteiração de visão contextualizada e globalizada da situação em foco;
- VI- Interação com o Técnico;

VII- Condutas e estratégias didático-pedagógicas.

Estas sete categorias básicas de atuação acima mencionadas, portanto, se baseiam nos dados obtidos por meio das também sete (7) grandes questões que nortearam as entrevistas, conforme listagem abaixo:

1. Trajetória/Currículo /Tipo de Auxiliar Técnico;
2. Conhecimentos Importantes para um Auxiliar Técnico;
3. Lista das Funções e Atuações;
4. Princípios Didático-Pedagógicos da atuação do Auxiliar Técnico;
5. O Técnico e/ou o Auxiliar Técnico pode ser considerado um Professor, ou um Educador?
6. Integração / Interação do Auxiliar Técnico com o Treinador;
7. Repercussões Sociais/Funções Sociais/Responsabilidades Sociais.

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS DOS ESTUDOS E ANÁLISES

Trazendo-se os Resultados dos estudos realizados por meio da Revisão de Literatura e das Entrevistas sobre o Auxiliar Técnico futebolístico, pode-se nesta etapa, estabelecer Análises relativas à atuação dos auxiliares técnicos no futebol quanto a:

- Características da trajetória / perfil dos Auxiliares Técnicos entrevistados.

Dados obtidos em grande parte por meio das perguntas de número 01 e 02 da entrevista.

- Formação importante para o bom exercício profissional de um Auxiliar Técnico Futebolístico.

Dados obtidos em grande parte por meio da pergunta de número 01, 02 e 04 da entrevista.

- Conhecimentos importantes para o bom exercício profissional de um Auxiliar Técnico Futebolístico.

Dados obtidos em grande parte por meio da pergunta de número 04 da entrevista.

- Comportamentos, habilidades e requisitos para um Auxiliar Técnico futebolístico.

Dados obtidos em grande parte por meio da pergunta de número 04 da entrevista.

- Funções e atuações do Auxiliar Técnico.

Dados obtidos em grande parte por meio das perguntas de número 03, 05, 06, 07 e 08 da entrevista.

4.1. CARACTERÍSTICAS DA TRAJETÓRIA / PERFIL DOS AUXILIARES TÉCNICOS ENTREVISTADOS

Da análise das informações obtidas através das entrevistas com os Auxiliares Técnicos de futebol profissional, pode-se indicar alguns tópicos que caracterizam, individualmente, nas informações contidas no Apêndice 2, sua trajetória profissional e aspectos de seu perfil enquanto Auxiliares Técnicos (AT) e que puderam ser obtidos mais especificamente, por meio das perguntas de 01 e 02 das questões da entrevista.

No quadro 3, a seguir, apresenta-se algumas características do perfil e da trajetória de todos os treze Auxiliares Técnicos entrevistados, captadas em suas respostas.

Quadro 03: Aspectos do Perfil e Trajetória relacionada ao futebol dos Auxiliares Técnicos entrevistados

CARACTERÍSTICA	Frequência
Formado em Educação Física	09
Formado no Ensino Superior, mas não em EF	03
Foi jogador profissional Futebol	09
Já atuou como Treinador	05
Atuou no exterior (jogador ou treinador)	04
Auxiliar Técnico fixo do clube	05
A.T. que acompanha o Treinador pelos clubes	08
A.T. que viaja com o treinador para os jogos	07

Dados obtidos em grande parte pelas perguntas número 01 e 02 da entrevista.

Ainda pode-se destacar algumas outras características desses Auxiliares Técnicos, que variaram na frequência e também de auxiliar para auxiliar, tais como:

- Possuir Pós-Graduação em Educação Física;
- Já ter dirigido o time várias vezes na ausência do treinador;
- Ter sido treinador de juniores;
- Não viajar e realizar orientação dos jogadores que não viajam;
- Viajar para observar futuros adversários;
- Atuar fora do futebol, mas sempre acompanhando o futebol, antes de se AT;
- Ter feito Curso de Treinador de Futebol (enquanto não trabalhava);
- Ter montado escolinhas de futebol, squash, tênis antes de ser Auxiliar Técnico;
- Ter sido Treinador / Dirigente da Categoria de base por 10 anos.

Analisando-se as características do breve perfil e trajetória dos Auxiliares Técnicos entrevistados pois, pode-se constatar o seguinte:

- Praticamente todos completaram um curso superior, predominantemente de Educação Física; Um Auxiliar Técnico não declarou sua escolaridade;
- A maioria foi jogador de futebol profissional antes de ser Auxiliar Técnico;
- Muitos já foram Treinadores de futebol antes de serem Auxiliar Técnico;
- Alguns deles têm experiência profissional com futebol no exterior;
- A maioria dos Auxiliares Técnicos futebolísticos acompanha o Treinador pelos clubes, enquanto que boa parte dos mesmos é Auxiliar Técnico fixo / contratado pelo clube.

A respeito deste último tópico cabe distingui-los: o tipo que acompanha o treinador pelos diversos clubes aos quais forem contratados e trabalharem por ali em determinado período de tempo; e o tipo de auxiliar técnico fixo ao clube, e que independentemente da permanência ou dispensa de treinadores que trabalhem no clube temporariamente, permanece.

Estas, entre outras, são evidências bastante positivas no que diz respeito à formação e experiência profissional dos Auxiliares Técnicos pois mostram que esses profissionais se prepararam consideravelmente para seu cargo. Foram mencionados verdadeiros diferenciais em termos de formação e trajetória, como por exemplo: experiência como jogador, experiência como treinador, experiência no exterior e experiência como preparador físico. Isto significa que o futebol do Brasil, visto por uma amostragem bastante representativa e significativa, possui profissionais bem preparados para o cargo de Auxiliar Técnico.

Essas experiências, no entanto, não são indispensáveis, até porque nem todos os profissionais entrevistados detêm todas elas. Inclusive, sabe-se que há hoje excelentes Treinadores e Auxiliares Técnicos sem experiência anterior como jogador profissional ou integrante de comissão técnica; é possível adquirir-se uma quantidade extrema de informações e conhecimentos através de livros, televisão, internet, cursos, estudos e experiências autodidatas, entre outras maneiras. Vale lembrar entretanto que, sempre que se busca informações e conhecimentos através de fontes como os meios de imprensa, é preciso ter-se senso crítico com relação às informações veiculadas, pois é possível que hajam imposições ideológicas, como por exemplo, imposição de uma visão de mundo concordante com a indiferença.

4.2. FORMAÇÃO IMPORTANTE PARA O BOM EXERCÍCIO PROFISSIONAL DE UM AUXILIAR TÉCNICO FUTEBOLÍSTICO

(Dados obtidos em grande parte por meio das perguntas de número 01, 02 e 04 da entrevista).

Da análise dos dados mencionados pelos Auxiliares Técnicos entrevistados, bem como da análise da literatura pesquisada, extrai-se as seguintes características sobre a formação que deve ter um auxiliar técnico:

- Formação de alto nível;
- Possuir boa formação, experiência e uma sólida cultura geral;
- Boa formação escolar, cultural e familiar a embasar-lhe a personalidade;
- Manter-se atualizado, lendo e estudando muito; mantendo correspondência com

editoras, inclusive as estrangeiras, se possível, que se refiram a esporte ou dele tratem;

- Frequência a cursos voltados para o futebol, simpósios, palestras, congressos e cursos de pós-graduação; obrigação imposterável;
- Necessita acompanhar o desenvolvimento do futebol em todos os níveis;

A partir dos dados sobre formação acima mencionados, vê-se que, o Auxiliar Técnico deve ser uma pessoa com considerável formação humana e técnico-específica.

4.3. CONHECIMENTOS IMPORTANTES PARA O BOM EXERCÍCIO PROFISSIONAL DE UM AUXILIAR TÉCNICO FUTEBOLÍSTICO

(Dados obtidos em grande parte por meio da pergunta de número 04 da entrevista).

Da análise dos dados mencionados pelos Auxiliares Técnicos entrevistados, bem como da análise da literatura pesquisada, extrai-se as seguintes características sobre os conhecimentos que um auxiliar técnico deve possuir para realizar bem sua profissão:

- Conhecimento da metodologia do treinamento técnico e tático;
- Domínio das etapas de planificação e suas variações dentro de determinadas fases do trabalho;
- Conhecimento do comportamento técnico e tático dos atletas;
- Conhecimento dos sistemas de jogos e sua evolução;
- Conhecimento das técnicas fundamentais usadas no futebol;
- Conhecimento das leis / regras do futebol;
- Conhecimento de didática / princípios pedagógicos aplicados ao futebol;
- Estudar várias áreas, como nutrição, psicologia e filosofia.
- Ter conhecimento e formas de expressão e comunicação adequados;
- Ter noções de psicologia aplicada aos esportes;
- Estar atento a todos os detalhes do relacionamento do Técnico com a equipe.

A partir dos conhecimentos acima mencionados, vê-se que, o Auxiliar Técnico deve ser uma pessoa portadora de uma visão geral do esporte e dos relacionamentos humanos, além de ter considerável formação humana e técnico-específica. É realmente importante que o auxiliar técnico tenha conhecimento de todas às áreas citadas pelos entrevistados, levando-se

em consideração a quantidade de assuntos com os quais um auxiliar técnico tem relação rotineira em sua atividade profissional e vida.

4.4. COMPORTAMENTOS, HABILIDADES E REQUISITOS DOS AUXILIARES

TÉCNICOS (Dados obtidos em grande parte por meio das perguntas de número 04 da entrevista).

Pela análise dos dados comportamentais e das habilidades dos Auxiliares Técnicos entrevistados, é possível detectar as seguintes características e requisitos necessários para o desempenho da função:

- Ter a confiança, a aprovação e o respeito do treinador principal;
- Atuar como apoio;
- Manter equilíbrio emocional;
- Mostrar atitudes coerentes no contato com a equipe;
- Ser observador e líder;
- Saber orientar formativamente os atletas, especialmente aos mais jovens;
- Manter lealdade ao Técnico principal e aos atletas.
- Lidar com os atletas;
- Capacidade para coordenar trabalhos de grupo;
- Atenção aguçada para observar toda a movimentação dos atletas para descobrir suas necessidades, suas aspirações e suas lideranças;
- Estar atento a todos os detalhes do relacionamento do técnico com a equipe;
- Respeitar os procedimentos, a filosofia de trabalho, evitando contradição com técnico.
- Respeitar, quando eventualmente substituir o treinador na direção técnica da equipe, os procedimentos utilizados pelo técnico, sua filosofia de trabalho, mantendo-se coerente com as posturas adotadas pelo treinador.

Analisando-se as habilidades, comportamentos e requisitos acima, vê-se que, o Auxiliar Técnico é um profissional que deve ter muita atenção ao que se passa, deve saber relacionar-se bem e respeitosamente com todos, principalmente com o técnico e com os jogadores, e deve ainda ter várias virtudes de caráter, além de muitas habilidades profissionais.

São também qualidades desejáveis a um Auxiliar Técnico, que ele deva possuir, as seguintes, com base nos depoimentos e na revisão de literatura:

- altruísmo;

- atenção;
- auto-conhecimento;
- bondade;
- consideração;
- constante auto-aperfeiçoamento ético e moral;
- curiosidade;
- criatividade;
- criticidade;
- desenvolver visão sistêmica;
- desenvolver o máximo possível de virtudes;
- estabelecer metas;
- ética;
- força de vontade;
- idoneidade;
- linguagem clara;
- melhoria contínua da capacidade de interpretação;
- melhoria contínua de sua didática;
- melhoria contínua da capacidade de julgamento;
- metodicidade;
- missão social;
- moralidade;
- não-tolerância ao que não deve ser tolerado;
- noção de relações custo-benefício;
- noção de sinergia;
- organização;
- planejamento;
- prudência;
- pedagogia;
- raciocínio;
- reflexão;
- responsabilidade sócio-ambiental;
- realizar alteração ou adaptação de metas estabelecidas;
- replanejamento;
- respectividade de consideração e tratamento;
- solidariedade;
- ter atitudes exemplares;
- ter bons valores;
- ter tolerância ao que se deve ser tolerado;
- usar exemplos nas explicações;
- valorizar a ética, a boa moralidade, e as virtudes;
- vontade de melhoria contínua;

Por outro lado, entende-se que, apesar de na literatura pesquisada e nas entrevistas realizadas não terem sido evidenciadas as características e atitudes não desejáveis a um Auxiliar Técnico, entende-se que o conhecimento destas se faz necessário a um bom auxiliar técnico. A partir deste ponto de vista, busca-se refletir sobre o tema, apresentando, uma lista

com características e atitudes não desejáveis a um Auxiliar Técnico, que um auxiliar técnico não deva possuir, tais como:

- aprovação de alcunhas;
- apego material / vaidade material;
- bairrismo;
- convivência com atitudes erradas; tolerância ao que não deve ser tolerado;
- consumismo;
- desrespeito;
- descaso;
- egoísmo;
- estrelismo;
- imoralidade;
- imprudência;
- indiferença ao sofrimento alheio;
- irresponsabilidade;
- mau exemplo;
- maus valores;
- não dar importância aos detalhes;
- punições desproporcionais;
- julgamentos precipitados;
- politicagens;
- provocações;
- ter anti-virtudes;
- tratamento injusto;
- valorização de anti-virtudes, a má moralidade, e o que é anti-ético;
- valorização de pessoas e instituições más / imorais;
- visão não-sistêmica;
- zombarias.

É importante destacar-se aqui, que estas características desejáveis e indesejáveis ao Auxiliar Técnico, deveriam ser bem estudadas e desenvolvidas ao longo da formação destes profissionais, iniciando já nos primeiros anos escolares e aprofundado nos Cursos de Educação Física e de formação de Treinadores ou de integrantes de Comissão Técnica de Futebol, mas sempre com um auto-aperfeiçoamento contínuo, através de um constante e intenso interesse no auto-aperfeiçoamento ético e moral.

4.5. FUNÇÕES E ATUAÇÕES DOS AUXILIARES TÉCNICOS

As funções e atuações do auxiliar técnico são tratadas pela maioria dos autores, na literatura revisada, de modo bastante diversificado em termos de organização. Alguns falam dessas funções e atuações ao longo do trato de outros itens, e foi necessário extrair-las desses trechos, dando-lhes uma organização lógica e objetiva.

Analisando-se as diferentes funções e atuações de um Auxiliar Técnico de Futebol nos afazeres relativas ao cargo, constata-se pelo menos sete (7) Categorias Básicas de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol, indicados abaixo, e que têm relação com grande parte das questões da entrevista, especificamente as de número 02, 03, 04, 05,06, 07, 08:

- I - Plano / Preparo para o jogo;
- II- Treino;
- III- Desenvolvimento da prática;
- IV- Avaliação / Realimentação, e Organização da Informação;
- V- Inteiração de visão contextualizada e globalizada da situação em foco;
- VI- Interação com o Técnico;
- VII- Condutas e estratégias didático-pedagógicas.

As categorias básicas de atuação se baseiam nos dados obtidos por meio das grandes questões que nortearam as entrevistas tais como:

- 1-Trajatória/Currículo / Tipo de Auxiliar Técnico;
- 2-Integrantes da Comissão Técnica com os quais Interage;
- 3-Lista das Funções e Atuações;
- 4-Princípios Didático-Pedagógicos;
- 5-Conhecimentos Importantes para um Auxiliar Técnico;
- 6-O Técnico e/ou o Auxiliar Técnico pode ser considerado um Professor, ou um Educador?
- 7-Repercussões Sociais/Funções Ético-Sociais/Responsabilidades Sociais.

Neste sentido, organiza-se os quadros 4 a 10 abaixo que identificam as funções e atuações do Auxiliar Técnico de Futebol junto às referidas Categorias Básicas de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol, e que se identificou no rol de funções e atividades mencionadas pelos autores e pelos entrevistados. A categorização abaixo e os referidos quadros foram criados nesta monografia para tabular / reunir as informações obtidas pelo estudo teórico e pelas entrevistas, bem como para organizá-las em torno de categorias da prática do Auxiliar Técnico e para facilitar a presente análise crítico-reflexiva.

Quadro 4: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol: PLANO / PREPARO PARA O JOGO

Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol	Funções e Atuações do Auxiliar Técnico no Futebol
I – PLANO / PREPARO PARA O JOGO	NA LITERATURA: - Colaborar na adoção do plano tático para a equipe; - Ajudar na escalação, nos treinamentos de campo, além de várias outras missões; - Determinar as necessidades para que os atletas possam estruturar o ambiente de acordo com as mesmas.
	NAS ENTREVISTAS: - Participa no preparo, no desenvolvimento, no acompanhamento e na avaliação do treino e do jogo; - Ajuda na escalação do time; - Ajuda o Treinador na preleção, lembrando o que tem que ser falado; - Estabelece cronogramas.

Dados obtidos em grande parte por meio da pergunta de número 03 da entrevista.

ANÁLISE: Na **Categoria Básica de Atuação “Plano / Preparo para o jogo”**, comparando-se a teoria com o relato a respeito da prática, constata-se que o Auxiliar Técnico realiza essa atividade na sua função específica. Valoriza-se o processo de previsão, o que é muito importante. O planejamento não garante o sucesso, mas aumenta suas chances e diminui as chances de insucesso.

Quadro 5: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol: TREINO

Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol	Funções e Atuações do Auxiliar Técnico no Futebol
II – TREINO:	NA LITERATURA: - Ministrando treinamentos em campo; - Ocupar-se de todas as particularidades do treinamento; - Desenvolver comportamento técnico e tático dos atletas.
	NAS ENTREVISTAS: - Participa e co-orienta o treino; - Ajuda no treino constantemente; - Ensaia cobrança de faltas, etc.

Dados obtidos em grande parte por meio da pergunta de número 03 da entrevista.

ANÁLISE: Na **Categoria Básica de Atuação “Treino”**, comparando-se a teoria com o relato a respeito da prática, constata-se que o Auxiliar Técnico participa do treino junto ao Treinador. E isso é muito coerente, afinal é uma das etapas em que a presença daquele(s) que orienta(m), ensina(m), instrui (m) é indispensável. É uma atividade das mais importantes do

processo de educação futebolística. É no treino que se aprimoram os aspectos técnicos, táticos, humano-relacionais. A orientação, seguida ou concomitante à prática / treino e a decorrente avaliação, comentário, bem como a realização repetida dos processos de jogo é função, lugar do Treinador e Auxiliar Técnico, que têm no treino uma considerável parcela de sua atividade total.

Quadro 6: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:
DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA

Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol	Funções e Atuações do Auxiliar Técnico no Futebol
III – DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA:	NA LITERATURA: <ul style="list-style-type: none"> - Participar intensamente do dia-a-dia de trabalho; - Reforçar os procedimentos de ensino-aprendizagem orientados pelo treinador; - Realizar intervenções individuais qualificando a comunicação treinador-atleta; - Substituir, eventualmente, o treinador na direção técnica da equipe em situações especiais; - Atuar nas preleções dos jogos e durante os 90 minutos de jogo.
	NAS ENTREVISTAS: <ul style="list-style-type: none"> - Desenvolve uma rotina de domingo a domingo; - No dia de jogo o AT confere tudo e permanece sempre junto com o atleta; Relacionamento grande com o atleta; - Discute muito os estudos que se faz; - Observa o adversário; - Ministra treinos; - Resolve problemas internos com jogadores; - Trabalha como psicólogo do jogador; - Escolhe músicas de acordo com o gosto dos jogadores para aliviar tensões no vestiário; - Conversa com o atleta individualmente pois este precisa atenção; - Permanece sempre perto do atleta.

Dados obtidos em grande parte por meio da pergunta de número 03 da entrevista.

ANÁLISE: Na Categoria Básica de Atuação “Desenvolvimento da Prática”, comparando-se a teoria com o relato a respeito da prática, percebe-se a participação do Auxiliar Técnico nesse contexto. E não poderia ser diferente; se ele participa do planejamento e do treino, naturalmente precisa acompanhar e participar do auge para onde convergiram todos os esforços. É para o desenvolvimento da partida que se canalizam todas as atenções e expectativas. Está “em jogo” no jogo, o alcance da meta e é preciso lutar até o fim. Assessorando, comunicando, ajudando, orientando, filtrando, visualizando, “correndo junto”.

**Quadro 7: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:
AVALIAÇÃO / REALIMENTAÇÃO, E ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO**

Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol	Funções e Atuações do Auxiliar Técnico no Futebol
IV – AVALIAÇÃO / REALIMENTAÇÃO, E ORGANIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO:	NA LITERATURA: - Elaborar relatórios; - Observar jogos das equipes adversárias; - Recomendar jogadores que possam suprir as necessidades técnicas do grupo; - Observar atletas das categorias de base.
	NAS ENTREVISTAS: - Relação harmoniosa e intercomplementar com a Comissão Técnica; - Avalia jogadores que se destaquem e transmite ao técnico / treinador; - Acompanha todo o jogo; Observar o jogo.

Dados obtidos em grande parte por meio da pergunta de número 03 da entrevista.

ANÁLISE: Na **Categoria Básica de Atuação “Avaliação / Realimentação, e Organização da Informação”**, comparando-se a teoria com o relato a respeito da prática, constata-se que muito do que o Auxiliar Técnico realiza se concentra aí. É ele quem faz a observação dirigida das pessoas, dos mecanismos, das condições, dos equipamentos, da infra-estrutura, da super-estrutura, da organização, dos sistemas, do funcionamento. E está sempre reunindo, organizando e divulgando a quem de direito dados e informações preciosas para o encaminhamento, eficiência e eficácia do futebol no qual atua. Seu papel como organizador e avaliador é também de alto valor técnico-científico.

**Quadro 8: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:
INTEIRAÇÃO DO CONTEXTO E DA SITUAÇÃO GERAL**

Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol	Funções e Atuações do Auxiliar Técnico no Futebol
V – INTEIRAÇÃO DO CONTEXTO E DA SITUAÇÃO GERAL:	NA LITERATURA: - Observar jogos das equipes adversárias; - Estudar as características das equipes adversárias.
	NAS ENTREVISTAS: - Observa todos os jogos da série A ou da B ou C; - Tem a função de olheiro.

Dados obtidos em grande parte por meio da pergunta de número 03 da entrevista.

ANÁLISE: Na **Categoria Básica de Atuação “Inteiração do Contexto e da situação Geral”**, comparando-se a teoria com o relato a respeito da prática, percebe-se a ação efetiva

do Auxiliar Técnico. Sua atenção a um panorama mais abrangente de visão, permite que visualize e se inteire da situação em seu contexto maior, o que poderá em muito contribuir. Às vezes se está tão envolvido e imerso em uma situação, que não se percebe à sua volta. E isso é normal, pois a responsabilidade do Técnico principalmente, é muito grande, e ele está concentrado, dirige todo o seu potencial de concentração na sua atividade específica, que é preparar, desenvolver e adaptar todos os sistemas para que atinjam o plano proposto. O papel do Auxiliar Técnico de trazer informações úteis de fora para dentro, é fundamental.

**Quadro 9: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:
INTERAÇÃO COM O TREINADOR**

Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol	Funções e Atuações do Auxiliar Técnico no Futebol
<p>VI – INTERAÇÃO COM O TREINADOR:</p> <p>(Dados obtidos em grande parte por meio da pergunta número 03 da entrevista)</p>	<p>NA LITERATURA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Fazer a ligação técnica entre os departamentos de base e profissional; - Manter uma relação harmoniosa e intercomplementar com a Comissão Técnica; - Trocar idéias com o Técnico principal e demais auxiliares nos intervalos e após os jogos; - Estar atento a todos os detalhes da relação do técnico com a equipe; - Contribuir para o fomento da interação com os especialistas e integrantes da Comissão Técnica. <p>NAS ENTREVISTAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Relação harmoniosa e intercomplementar com a Comissão Técnica -Preleção para o treinador que a realiza aos jogadores; - Está “ligado” 24 h; - Realiza uma troca constante com o treinador; Conversa muito sobre os jogadores; - Está junto do Treinador em todos os momentos; - Entende que cabe ao Treinador ver o geral, trabalha mais com o atleta individualmente nos intervalos; - Elo de ligação entre as situações e o treinador; - Tem a confiança do Treinador; - Estuda junto com treinador e atleta as causas da derrota; - Não se pode somente concordar com o Técnico, tem-se que questionar, criticar, perguntar; - AT procura dar ao máximo de condições para o técnico desenvolver seu trabalho.

Dados obtidos em grande parte por meio da pergunta de número 03 da entrevista.

ANÁLISE: Na Categoria Básica de Atuação “Interação com o Treinador”, comparando-se a teoria com o relato a respeito da prática, constata-se que é uma conduta altamente importante e indispensável. O Auxiliar Técnico trabalha para o Técnico, com o Técnico, pelo Técnico, e ambos, evidentemente, para o futebol; então a interação entre eles deve ser excelente e intercomplementarmente, para benefício do próprio futebol e de ambos.

Quadro 10: Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol:
CONDUTAS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

Categoria Básica de Atuação do Auxiliar Técnico no Futebol	Funções e Atuações do Auxiliar Técnico no Futebol
VII – CONDUTAS E ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS	<p>NA LITERATURA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Utiliza alternativas pedagógicas para o desenvolvimento técnico e tático, através de treinamentos personalizados; - Reforça frequentemente os procedimentos de ensino-aprendizagem orientados pelo treinador; - Explicita a mecânica de jogo, fundamentada tanto cientificamente quanto nas observações empíricas; - Os princípios pedagógicos, norteadores dos trabalhos do Técnico e seus auxiliares são: <p>1º) Ensinar futebol para todos. 2º) Ensinar futebol bem a todos. 3º) Ensinar mais que futebol a todos 4º) Ensinar a gostar do esporte;</p> <ul style="list-style-type: none"> - São princípios didático-pedagógicos da atuação do Técnico e Auxiliar Técnico, nas diferentes etapas e dimensões de seu trabalho, com vista ao desenvolvimento e aperfeiçoamento do atleta, pessoalmente e profissionalmente, os seguintes: Contextualização, Diversificação, Integração, Articulação por eixos conceituais, Autonomia, Identidade, Interdisciplinaridade, Comunicação; - Promove o aspecto educativo dos atletas; - Tira aprendizado de todas as partidas; - Demonstra conhecimento prático das técnicas (explicitar e executar), corrige as técnicas. <p>NAS ENTREVISTAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O Auxiliar Técnico é professor. Na medida do possível, ensina a fazer melhor a prática; <p>As Estratégias / procedimentos didáticos no sentido de ensinar bem ao jogador e se comunicar com o treinador são:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Cumprimento individual a cada jogador no vestiário após o jogo e estímulo pelos acertos e esforços; - Orientação como um trabalho do dia-a-dia; - Dedicação, interesse; - Uso de clareza e sinceridade; - Tira aprendizado de todas as partidas; o jogo fala, diz algo; - Mostra como fazer; - Cobra quando não é bem feito; - Contesta quando é preciso; - Reconhece e agradece quando a coisa é bem feita; - Aproximação do atleta – Carinho, atenção, diálogo; - Sensibilidade para compreender; - Reconhecimento do esforço e dos acertos; - Valoriza e promove os jogadores como pessoas humanas; - Atua junto às “panelinhas” trabalhando-as e educando-as; - Fim social: orienta-se para que fora do ambiente esportivo, se deva preservar o próprio nome, a dignidade humano e o crescimento como ser humano. Preservar a família, amigos, cidadania, iniciando já na categoria de base.

Dados obtidos em grande parte por meio das perguntas de número 05, 06 e 07 da entrevista.

ANÁLISE: Na Categoria Básica de Atuação “Condutas e Estratégias didático-pedagógicas”, comparando-se a teoria com o relato a respeito da prática, reitera-se o cuidado

pedagógico para com o atleta. Treinador e Auxiliares Técnicos assumem condutas e adotam estratégias adequadas e respaldadas nas teorias psico-pedagógicas e sociais da educação formal. Tais posturas demonstram o preparo e consciência profissional dos referidos recursos humanos. Há uma preocupação declarada com a educação permanente e isso é muito promissor. Sabe-se que a educação é a base de tudo.

4.6. PAPEL EDUCATIVO DO AUXILIAR TÉCNICO

Certamente que o Auxiliar Técnico pode ser considerado um educador, afinal de contas educa, ensina, instrui, orienta, avalia, planeja, replaneja, comunica, tem que possuir metodologia de ensino-aprendizagem, tem que ter princípios didático-pedagógicos para ensinar bem e transmitir corretamente as mensagens e conhecimentos.

A Educação é caminho para a construção da sociedade; é responsável por proporcionar às pessoas aquilo que elas necessitam para se desenvolverem individualmente, participar do desenvolvimento social e da construção da cidadania. Atuar / co-participar da educação é se comprometer consigo, com os outros e com a sociedade.

As atividades que são empreendidas na sociedade, em qualquer que seja a área, são atos sociais e geram consequências na sociedade, têm repercussões; Educar também é um ato social. Educar gera repercussões sociais, gera consequências na sociedade.

Isto significa que as Instituições, as Organizações, os Profissionais, os Empreendimentos veiculam e imprimem caráter educativo à sociedade. Todos são agentes da educação e como não há ação sem reação, e considerando a lei do retorno, também todos são sujeitos à Educação.

O Auxiliar Técnico ao educar bem a sociedade (atletas, torcedores, juízes, adversários, dirigentes, empresários, jornalistas, familiares, amigos, vizinhos, outros integrantes da comissão técnica, etc), estará fazendo uma boa sociedade, que o sujeitará a coisas boas. O Auxiliar Técnico, ao educar mal a sociedade, está fazendo uma má sociedade, que sujeitará o Auxiliar Técnico a coisas ruins, dará retornos ruins ao Auxiliar Técnico. Atuar na Educação (, como fazem o Treinador e o Auxiliar Técnico), é, de fato, comprometer-se consigo mesmo e com a sociedade.

A seguir transcreve-se algumas das respostas da pergunta número seis da entrevista com os 13 Auxiliares Técnicos, e que confirmam as idéias acima defendidas.

“Para você, um técnico pode ser considerado um professor, e/ou um educador? E para você, um auxiliar técnico pode ser considerado um professor, e/ou um educador? Por que?”

AT1

Sim, porque na maioria das vezes, o auxiliar técnico foi jogador, e hoje está passando boas coisas para o jogador, pois aprendeu na sua vida de jogador, viveu aquilo e sabe o que está passando ao jogador. Certamente pode ser chamado professor. E Tendo em vista que trabalha com pessoas e orienta profissionalmente, o Auxiliar Técnico e o Treinador são educadores. Buscam melhorar o profissional

AT2

Sim, considero que o técnico e o auxiliar técnico são professores e / ou educadores pois vivem ensinando técnicas e táticas de futebol e orientando seus jogadores para que tenham projeto de vida e saibam lidar com o dinheiro e com a fama de jogador.

AT 3

O auxiliar técnico é professor. Na medida do possível a gente ensina fazer melhor a prática. Para explicar precisa saber o que vai ensinar.

AT4

O AT ensina as técnicas e táticas de futebol. Orienta para a compreensão da vida

AT5

Sem dúvida ambos podem, tanto o técnico como o auxiliar técnico, ser considerado educadores e professores, porque o trabalho primordial é de orientação, é um trabalho de orientações, tem que passar não só nos aspectos físico-técnico-táticos, mas também valores e disciplina dentro de campo, até porque se o atleta não tem certos valores em termos de vida, você tem que passar esses valores e disciplina, dentro e fora do campo.

Por exemplo: Se um jogador perde a cabeça facilmente, e agride adversário, é fundamental que os técnicos e os auxiliares técnico tenham essa postura, que orientem neste sentido.

- Há treinadores e auxiliares que são ex-atletas não-formados em Educação e que não têm essa didática; O líder deve ser uma referência em aspectos morais, e através do convívio estar passando algo a mais, tem que ser um orientador, dar exemplo, ser uma referência de postura moral.

É claro que a gente vê que há certos ex-jogadores não formados que, por uma questão de caráter, conseguem ter isso por uma questão de caráter.

Mas eu vejo que, se o ex-jogador pudesse conciliar, ter uma formação acadêmica, seria importante.

O auxiliar técnico e o técnico tem não precisa ter o canudo, ser formado, mas tem que ter essa formação, de tratar o atleta e o torcedor com respeito fazer com que o atleta e o torcedor vejam que você está buscando o melhor para ele e pra sociedade.

AT6

-A função do professor é justamente essa: é ensinar, é orientar, é expor; A função do professor é justamente como a do treinador e a do auxiliar técnico: ensinar, orientar, expor.

Pra conseguir isso, é através do estudo, do preparo;

E nem todo auxiliar técnico é professor pois nem todo auxiliar técnico estudou; O mesmo vale para os treinadores.

Quero dizer portanto que: os treinadores e auxiliares técnicos que estudaram para o cargo podem ser considerados educadores e professores,

já o treinadores e auxiliares técnicos que não estudaram para o cargo não podem ser considerados professores.

-A palavra, professor, é uma palavra é muito importante e muitas vezes as pessoas não têm consciência disso.

A palavra professor é muito forte. Eu estudei 8 anos para ser professor.

O jogador olha pra qualquer um e chama de professor. Muitas vezes as pessoas falam a palavra professor, mas não sabem do que estão falando.

Eu tive que estudar 8 anos pra ser chamado de professor; E aí tu vê jogador chamando de professor o juiz, que às vezes tem apenas o 2o grau!

-Todo auxiliar técnico tem o dever de passar as coisas, mas tem o dever de passar as coisas com conhecimento e propriedade, e isso só vem com o estudo.

Há que se buscar muito conhecimento, e o conhecimento só vem com o estudo, com a formação.

-E eu particularmente devendo a tese de que deve-se obrigar-se que apenas os professores de educação física possam trabalhar como auxiliar técnico.

Há pessoas que tem facilidade de aprender as coisas com a prática, mas tudo está alicerçado no conhecimento teórico.

Há muitos inúmeros exemplos de pedreiros que conseguem construir uma casa, e há casos de engenheiros que não conseguem.

Mas eu tenho muito mais segurança de morar numa casa que tenha sido construída por um engenheiro do que por um pedreiro.

Eu como preparador físico trabalhei com treinadores formados e trabalhei com treinadores que havia apenas feito curso de radialista,

e asseguro que há muita diferença, a formação em Educação Física faz muita diferença.

-Sou a favor de que o auxiliar técnico deve ter um fim social, mas é importante ter competência e preparo pra isso; Deve ter responsabilidade social e até ética, mas é importante se ter estudo pra isso; Então eu acho que é um dever de qualquer pessoa no futebol você ter o estudo.

Não existe mais espaço pra pessoas não capacidade nessa área

Não se pode dar a responsabilidades tão grandes, como a de instruir jovens e adultos, a um profissional não tenha preparo e competência pra isso

Sou muito a favor de que se dê essa responsabilidade e essa missão para uma pessoa que se preparou, e não a uma que não se preparou.

E infelizmente sabe-se que nosso cargo é um cargo para o qual a maioria não está preparado, então que não se dê essa responsabilidade a esses profissionais despreparados.

- Trabalhar com o futebol é um trabalho que possibilita à pessoa ter um crescimento em todos os sentidos, na questão profissional, na questão psicológica, na questão financeira, na questão pessoal, na questão social, da noite pro dia.

O auxiliar técnico é, a nível de comissão técnica, quem tem um relacionamento humano maior com os jogadores, é ele que faz o contato humanístico:

imagine se ele não estar preparado para isso? Por exemplo, para instruir um jovem que está chegando do Junior para o profissional, que conselhos ele dará?

- É por isso que eu entrei para a área técnica, eu quero conseguir expor tudo isso pras pessoas.

Hoje em dia o futebol se tornou uma coisa muito séria.

-Acréscimo ainda que tudo isso não se aplica somente ao auxiliar técnico e ao treinador, mas se aplica a muitos outros profissionais do futebol

AT7

Com certeza. Todo treinador é gestor de pessoa. Tem o um cunho de carinho, dedicação no trabalho educacional do jogador.

AT8

Através da conversas com os jogadores, orientações técnicas e táticas, orientações para a vida pessoal (ética, moral, bom uso dos seus rendimentos salariais, importância da família na vida particular e profissional, como lidar com a fama) mostra que o Auxiliar Técnico e o Técnico são professores e educadores.

AT9

Sou aluno constante do treinador.

Sou professor para o atleta, pois constantemente passo técnica, tática, conduta de vida.

O treinador solicita que eu esteja sempre com o atleta e conversar sobre família, clube, política, interrelacionamento, profissionalismo, ética, etc .

Um Sr. após um treino me chamou e deu parabéns para mim e para o Giba pela forma de proceder, modo humilde de trabalhar.

AT10

Não considero o Auxiliar Técnico como professor. A gente aperfeiçoa o trabalho do jogador, Professor é cultura do povo brasileiro, mas não gosto do termo.

AT11

Sim. Pois treinar, não deixa de ser um curso prático de futebol. Ensino prático de jogadas, cobranças de faltas.

Também há a preocupação da formação humana do atleta: honestidade, responsabilidade profissional, uso adequado dos seus rendimentos financeiros, valor da vida familiar etc.

AT12

AT é educador com certeza. Sempre orientando os mais jovens, e os mais velhos às vezes tem problemas em casa e é necessário orientar.

Orientar sobre uso do dinheiro, necessidade de fazer seu pé de meia, valor da família na vida do atleta, saber escolher uma mulher que pode ajudá-lo (muitas mulheres tem interesse em jogador porque acha que ganha muito), vida de jogador termina rápido.

AT13

Tanto o treinador quanto o auxiliar podem ser considerados professores, mas principalmente educadores;

O auxiliar é um treinador também; Por isso temos uma responsabilidade muito grande na formação do indivíduo, principalmente com atletas de categoria de base;

Com os profissionais, nós devemos passar princípios éticos e até de cidadania, e devemos também procurar influenciar positivamente na visão que as pessoas e os profissionais têm do mundo e da vida, por exemplo conscientizando-os;

Vejo o treinador como um educador, que educa por exemplo em questões táticas e de movimento;

O auxiliar técnico tem que ter muitas habilidades de professor, para, por exemplo, conseguir lidar com o grupo inteiro de jogadores, tendo a consciência que são pessoas de níveis culturais bem distintos.

Como se vê, pelas declarações dos Auxiliares Técnicos acima descritas, confirma-se a hipótese de que tanto um Técnico, quanto um Auxiliar Técnico, podem ser considerados um educador ou um professor, pois atuam como educadores no dia a dia, nos processos de treinamento e jogo, atos sociais, e acontecimentos relativos ao futebol. Dão orientações aos jogadores a respeito de muitos aspectos, contribuem com a formação e cultura dos jogadores e até mesmo dos torcedores. E esta corroboração vem principalmente a partir dos depoimentos

de profissionais atuantes como Auxiliares Técnicos, portanto depoimentos que retratam experiências práticas cotidianas, o que reforça e comprova ainda mais esta tese.

4.7. A RESPONSABILIDADE SOCIAL E A FUNÇÃO SOCIAL DO AUXILIAR TÉCNICO

Você considera que o auxiliar técnico é um profissional cujas ações causam repercussões na sociedade, incluindo-se aí efeitos benéficos ou maléficos na sociedade e no mundo. Você considera que o auxiliar técnico tenha que ter funções sociais, intervenções sociais, responsabilidades sociais, e obrigações ético-morais em sua atuação profissional?

A resposta à pergunta de número 7 da entrevista com os 13 Auxiliares Técnicos, acima transcrita, leva a uma reflexão.

Primeiramente cabe considerar que hoje em dia muitos empresários e profissionais estão aderindo às práticas socialmente responsáveis.

Há, cada vez mais, a necessidade de demonstrar à sociedade que não se progride sem a pureza do ar, a preservação das florestas e a dignidade da população.

Responsabilidade social da empresa é definida por Oliveira (1984, p.205), como “*a capacidade de a empresa colaborar com a sociedade, considerando seus valores, normas e expectativas para o alcance de seus objetivos*”.

Por fazer parte do cotidiano, o futebol é o esporte mais popular no Brasil e também no mundo. O futebol é como uma escola, pois veicula paradigmas, modelos, valores – tanto valores éticos/morais, quanto valores anti-éticos/imorais, danosos à sociedade e ao mundo - que são seguidos, que influenciam, e que têm repercussões diversas, intensas e que perduram por muito tempo na sociedade e no mundo.

Apresenta-se a seguir depoimentos que os Auxiliares Técnicos expressaram sobre esta questão:

AT1

A atuação do Auxiliar Técnico visa melhorar a performance do jogador de futebol, inculcando princípios éticos e morais, desenvolvendo valores humanos. Isto beneficia não só o indivíduo, mas também a comunidade que participa. Isto demonstra responsabilidade social do indivíduo e/ou do grupo de jogadores.

AT2

Certamente que sim, pois o que se passa para os jogadores espera-se que influencie na sua família e no seu ambiente social.

AT 3

Fim social, para o nosso grupo de trabalho. Se dá orientação para que fora do ambiente esportivo, deve preservar seu nome, sua dignidade humana e crescer como ser humano.

AT4

- O auxiliar técnico, e todo e qualquer integrante de comissão técnica, deve sempre ter como objetivo orientar as pessoas.

A Gente procura sempre conversar com os jogadores no sentido das responsabilidades sociais, como o fato de que eles são exemplos a serem seguidos.

O auxiliar técnico é uma pessoa pública, que tem a sua vida exposta; A gente nota isso quando acontece algum fato; Faz alguma coisa errado pra ver se não vão expor! Por exemplo, se o auxiliar técnico discutir com algum jogador, ou fizer algo de errado, isso já estará exposto, no outro dia, em sites da internet, em vários jornais, na mídia.

- Como o futebol se tornou o que se tornou, a grande maioria tem consciência disso: de que são exemplo a serem seguidos, de que eles são pessoas pública e toda pessoa pública tem a vida pessoal dela um pouco mais exposta.

Então se os jogadores e profissionais de comissão técnica fazem alguma coisa de errado eu tenho certeza que não é por falta de conhecimento ou consciência, não é por falta de conhecimento destas questões, não é por não-conhecimento/desconhecimento que eles podem estar passando mal exemplo, coisas ruins para crianças, para outras pessoas.

- O auxiliar técnico tem que esforçar-se para melhorar a estrutura social da sociedade;

-Hoje em dia cada vez mais a gente vê os outros profissionais melhorando seu grande conhecimento, consciência, e preparo;

Entretanto com relação aos auxiliares técnicos, vê-se que há muitos auxiliares técnicos que não se preparam, não buscam crescimento profissional.

Enquanto auxiliares técnicos temos que fazer com que a profissão seja melhor reconhecida,

há que se conscientizar a todos os auxiliares técnicos da importância e responsabilidade do cargo, e que se preparem pra ela, pois o futebol é uma coisa séria!

AT5

-Considero sim que tanto o auxiliar técnico, quanto o técnico,

tenham que ter funções sociais, intervenções sociais, responsabilidades sociais, e obrigações ético-morais em sua atuação profissional, eu acredito muito nisso.

Enquanto cidadão você deve estar fazendo a sua parte e fazendo o bem.

E se tiver uma autoridade, tiver um certo poder influenciar pessoas, como têm o auxiliar técnico e o técnico.

-Às vezes você consegue melhorar a vida de um jogador problemático,

que não tinha uma facilidade de inserir-se positivamente no seu meio, e tu consegue isso, através do futebol, dos exemplo, da tua disciplina.

Você pode conseguir que ele assimile algumas questões de regra, de convivência, de disciplina.

Os jovens tem que ter bom um referencial para sua formação;

De repente você pode inclusive estar influenciando bem a formação moral de um jogador que futuramente venha a ser uma referência nacional, ou até mesmo mundial.

- Gosto muito de vários projetos em relação a isso; Por exemplo, num certo clube que eu trabalhei, implementei uma biblioteca dentro do clube;

trazia uns livros de casa, e fazia com que os jogadores lessem os livros e repassassem pros demais, para que eles desenvolvessem a leitura, a fala, a articulação;

Hoje em dia, anos depois disso, alguns ex-atletas meus daquela época ainda comentam como acharam interessante esse tipo de trabalho que a gente fazia. Então eu vejo como fundamental. Pode ser um fator de diferença em termos de mudança de pensamento e de encaminhamento diferente em termos de futuro.

- Se o técnico ou o auxiliar técnico conseguirem fazer com que mude o pensamento e a mentalidade dentro do clube, dentro do bairro, e dessa cidade, seria excelente. E isso vale para todos integrantes da comissão técnica, que têm influência nos jogadores, na mídia, e nos torcedores.

- O técnico e o auxiliar técnico podem e devem influir na sociedade, naquele bairro e cidade onde o clube se insere.

Tendo essa autoridade, ele não podem negligenciar isso. Ele não pode deixar de usar isso para o bem, para o bem comum.

Pelo menos eu acho que a gente está aqui pra isso, pra realmente fazer as coisas acontecerem, e poder fazer o melhor possível para as pessoas.

Por isso volto a dizer: essa autoridade que o auxiliar técnico e o técnico têm, tem que ser usada de forma positiva.

Então, se você puder influenciar, e usar isso como referência para as pessoas, você tem o dever fazer isso.

O auxiliar técnico e o técnico têm que usar essa condição que têm, pra fazer o melhor possível, para encaminhar bem os jogadores e a sociedade.

AT6

Existe uma responsabilidade sobre a função do auxiliar;

Procuro ter muita responsabilidade nas minhas ações;

Tenho o cuidado de, por exemplo, não incluir nos vídeos, cenas que mostrem agressões, provocações, etc;

Há que se ter prudência e responsabilidade ao mexer com o emocional dos jogadores, isso pode gerar um comportamento violento em campo,

que inclusive pode ser passado para a torcida;

Por isso, em decisões e clássicos tenho que ter muito cuidado ainda neste sentido.

- Muitas coisas que eu faço tem influência positivas nos jogadores;

Procuro, por exemplo, através de vídeos, disseminar valores como família, apoio, e união: mostro mensagens de apoio de familiares, mostro cenas de amizade entre o grupo de jogadores;

Ainda em termos de responsabilidade social, também fazemos vídeos em creche ou instituições de caridade, indo com os jogadores até creches, e instituições de caridade.

-E também ajudo os jogadores dentro e fora de campo, se eles estiverem com problemas, procuro auxiliar os jogadores, prestando apoio e solidariedade;

AT7

Vive-se o dia a dia na sociedade. Então de uma forma ou de outra influencia a sociedade.

AT8

Todos os ensinamentos através do dialogo e do exemplo de conduta, espera-se que melhore o procedimentos dos jogadores e dos que o rodeiam. Isso certamente repercutirá na comunidade / sociedade em que cada um vive.

AT9

Contribuição social: manutenção da família unida, (Infelizmente hoje não é mais aquela coisa sagrada; é só relacionamento e está muito vulnerável)

O futebol é um trabalho para influenciar positivamente, exemplarmente na sociedade, na ocupação do jovens e desenvolvimento humano do jogador. (como em todos os segmentos da sociedade).

AT10

Não só Auxiliar Técnico, mas todas as pessoas deveriam agir para aperfeiçoar a sociedade. Eliminar a lei do Gerson. Eliminar a cultura da vantagem pessoal, egoísmo.

AT11

Concordo, que todos os membros da Comissão Técnica tem responsabilidade social, pois o trabalho de cada um visa a transformação de conduta pessoal além da técnica a se desenvolver pelo indivíduo.

AT12

Com certeza este profissional tem responsabilidade social quando orienta seus atletas a serem bons cidadãos além de ser um profissional responsável e bom jogador de futebol.

AT13

Todos nós enquanto profissionais temos uma responsabilidade social grande, principalmente trabalhando no futebol, trabalhando num esporte de massa, num clube de massa;

Temos atrelados a nossas funções algumas questões sociais;

Quanto se a ação do treinador influi na ação do torcedor;

Penso que "o time faz a torcida", porque quando o time está bem, jogando um bom futebol e vencendo, o torcedor vai estar presente e vai atuar de uma forma mais tranquila do ponto de vista de comportamento;

Mas claro que hoje em dia as torcidas organizadas promovem um espetáculo muito grande, muitas vezes chega a se dizer que a torcida do nosso time empurra o time, mas eu considero que quem acaba fazendo a torcida é o time;

Neste sentido, as nossas atitudes contam muito;

Pegue por exemplo um menino, um jogador jovem, que já seja um ídolo da torcida;

O que ele faz pode ser recebido pela sociedade de uma forma boa ou não, e aquilo para os mais jovens pode servir de exemplo, e se for um coisa negativa, certamente não vai ser bom, vai ser danoso.

A responsabilidade é grande, e está vinculada diretamente à função e à profissão que a gente escolheu, que é trabalhar com o futebol.

Acredito sim, que várias de minhas ações e dos auxiliares técnicos têm efeito na sociedade, efeitos benéficos ou maléficos.

Por exemplo, dependendo da declaração que tu dá, tu podes incitar a torcida à violência, dependendo da declaração que tu dá porque tu tens o poder da mídia, tu estás aparecendo, e no caso do meu time, represento 50% da torcida do estado: vá saber o que passa na cabeça das pessoas uma declaração que tu dá num jogo, que também da mesma forma pode refletir primeiramente nos jogadores e posteriormente refletir na atitude da torcida.

As concepções a respeito da função social e responsabilidade social que um auxiliar técnico deve ter expressas nas declarações dos Auxiliares Técnicos, são, tal qual os princípios teóricos mencionados no início deste item 3.7, e também tal qual os princípios mencionados no item 2.4, são bastante contundentes, confirmando também a hipótese do presente estudo de que a atividade futebol tem elevada responsabilidade social e obrigações ético-morais, e deve cumprir com funções sociais.

O auxiliar técnico tem que ter responsabilidade social, atuar de forma positiva e transformadora na sociedade, pois ele tem o poder de influenciar pessoas, está exposto na mídia e é conhecido pelos torcedores, e influencia os jogadores e o treinador, cujas ações

também geram muitos efeitos na sociedade. Como tem este poder, passa a ter uma responsabilidade social forte.

4.8. ALGUNS ASPECTOS GERAIS – COMPLEMENTARES relativos à atuação, concepções do Auxiliar Técnico sobre sua função no futebol, também podem ser extraídos das entrevistas, por meio das sete perguntas, conforme depoimentos reunidos abaixo, e que reiteram e ilustram muito do que foi exposto nesta monografia:

- *“Hoje todo treinador tem seu auxiliar técnico”;*

- *“A TV mostra só partes do futebol que dêem IBOPE, que aumentem a audiência, melhor a transmissão televisiva do futebol é muito restrita com relação por exemplo aos bastidores do futebol, e os problemas envolvendo dirigentes, empresários, e até políticos dentro do futebol.”*

- *“O auxiliar técnico para a mídia não existe, não aparece / a mídia, os torcedores, os jornalistas não dão valor ao auxiliar técnico”;*

- *“Os clubes são os padrões, eles é que dão as diretrizes do trabalho do Técnico e Auxiliar Técnico”;*

- *“Como é Auxiliar Técnico de Técnico, quando este é demitido ou se demite, também ocorre com o Auxiliar Técnico”;*

- *“As comissões técnicas e de apoio técnico variam muito quanto ao número de pessoas, dependendo das condições de cada clube”;*

- *“Temos que de nos atualizar constantemente”*

- *“Como Auxiliar Técnico sou aluno constante do treinador”;*

- *“Somos professor para o atleta, pois constantemente passa-se técnica, tática e conduta de vida”;*

- *“Auxiliar Técnico é educador com certeza”*

- *“O futebol é um trabalho para influenciar positivamente, exemplarmente na sociedade, na ocupação dos jovens e desenvolvimento humano do jogador”.*

4.9.DISSCUSSÃO DOS RESULTADOS

De todo o exposto e de todas as reflexões efetivadas, concluindo esta análise sobre a atuação do Auxiliar Técnico de Futebol, realizada nesta monografia, considerando os estudos na literatura e as falas dos entrevistados, pode-se dizer o seguinte:

Especificamente, através das entrevistas, pôde-se concluir que:

A maioria dos Auxiliares Técnicos é auxiliar que acompanha algum treinador (em vez de ser fixo a um clube), possui formação em Educação Física, faz uso de princípios didático-pedagógicos em sua rotina diária, acredita poder ser considerado um professor e um educador, pois sua função tem características informativas e formativas.

A maioria dos Auxiliares Técnicos entrevistados também, pensa que este profissional deve ter fortes responsabilidades ético-morais e sociais e cumprir funções sociais, concordando que sua profissão tem repercussões sociais e que o mundo e o futebol possuem uma série de problemas e imoralidades que não podem ser esquecidas, repetidas, negligenciadas e tratadas com indiferença e descaso. Os Auxiliares Técnicos declaram ter consciência da responsabilidade de seu cargo.

Todos os Auxiliares Técnicos entrevistados relataram interagirem com muitos integrantes da comissão técnica de futebol, como treinador, preparador físico e preparador de goleiros; relataram também desempenharem uma série de funções e atuações como auxiliar o treinador em decisões referente às rotinas do treinamento da semana, à determinação da escalação da equipe e, principalmente, no tocante às definições sobre os posicionamentos táticos iniciais da equipe e as possíveis alternativas de mudanças táticas e de atletas realizadas no transcurso da partida.

Por fim ainda, como conhecimentos importantes de um Auxiliar Técnico, uma boa parte dos entrevistados relatou considerar importante conhecimentos sobre tática, técnica, psicologia, equipes, pessoas, treinamento, sociedade, ética e moralidade.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O objetivo geral do estudo foi identificar as funções e atuações do Auxiliar Técnico futebolístico; seu perfil, formação, e papel profissional, educativo e social, pretendendo-se que a presente reflexão subsidie processos de aperfeiçoamento futebolístico e processos de auto-aperfeiçoamento de quem quer que atue ou queira atuar com futebol, especialmente o Auxiliar Técnico.

Após a análise da literatura e dos resultados das entrevistas, entende-se que o trabalho desse profissional do futebol, embora de assessoria, é de suma relevância, pois traz consigo muita responsabilidade, especialmente no que diz respeito às relações intercomplementares entre especialidades e ainda por seu caráter educativo formador. No contexto e na essência da atuação desse técnico, estão envolvidos conhecimentos, habilidades e atitudes, desenvolvidos em naturezas diversas de atividades, como: no plano / preparo para o jogo; no treino; no desenvolvimento da prática; na avaliação e organização da informação; na inteiração do contexto e da situação geral e na interação com o Técnico / Treinador, e cujas repercussões são sentidas em instância posterior, nos resultados e conseqüências do futebol e também nos procedimentos didático-pedagógicos da orientação.

O Auxiliar Técnico é um profissional que precisa conhecer o futebol sobre muitos aspectos, inclusive contextuais; deve entender sua organização, características e funcionamento. Isso implica em compreender seus sistemas, seus esquemas de jogo, táticos e técnicos; saber quais as funções de cada componente das comissões técnico-científica e de apoio; identificar claramente suas próprias atribuições; saber conviver com pessoas e em equipe; ser um profissional que dê assistência ao treinador e oriente os jogadores

Confirma-se que o Auxiliar Técnico está ligado ao Treinador, também chamado Técnico principal. É seu assistente direto e praticamente indispensável; é o profissional que mantém maior relação com o treinador. Tudo o que um faz e concebe influi no que o outro realiza; suas atividades, enquanto componentes da equipe técnica de futebol, se intercompletam, são indissociáveis.

Uma de suas mais importantes funções é realizar contribuições ao Treinador, aos demais integrantes da comissão técnica, e aos jogadores. . Ou seja o Auxiliar Técnico deve ser um profissional e cidadão que tenha competência em termos de intercomplementaridade e que possua várias competências. Sua atuação no futebol é muito relevante, pois, é elemento chave

nos elos e interrelações técnico-táticas, dentro e fora do campo; o Auxiliar Técnico atua na articulação de processos, procedimentos e na educação das pessoas.

Por estes e outros motivos, evidencia-se que o cargo de Auxiliar Técnico é, de fato, importantíssimo na estrutura de um clube de futebol.

Concluo que o Auxiliar Técnico é um tipo de profissional que auxilia o Treinador em muitos aspectos, tem peso nas decisões, influi nos resultados futebolísticos, financeiros, midiáticos e sociais, deve possuir uma série de conhecimentos e competências, e deve ter extrema consciência ético-moral, sendo que deve atuar com extrema responsabilidade social, ética e moral, e com forte intervenção para a melhoria do mundo, não sendo assim indiferente às injustiças e sofrimentos alheios, e assim aproveitando bem a possibilidade que tem de influir intensamente na melhoria do mundo, e na redução dos sofrimentos e injustiças alheios.

REFERÊNCIAS

ACCAME, Felice. **Futebol en Zona. Metodología e Didáctica**. Madrid: Editorial Gimnos, 1994.

ANDRADE, Guilherme Pereira de. **Qualidades Físicas, Técnicas, Táticas e Psicológicas dos goleiros de futebol de campo**. Florianópolis: UFSC, 2008. (Monografia do Curso de Licenciatura em Educação Física).

ARROYO, Ricardo Olivós. **Fútbol: Análisis del Juego**. Sevilla: Wanceulen Editorial Deportiva S.L. 1997.

ATLAS MODERNO DE EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA. São Paulo: Egéria S.A.1971.

BALDO, Roberta; MANZANETE, Celeste M.; GIACOMINI FILHO, Gino. **Responsabilidade Social Corporativa: Mudanças de paradigmas do século XXI**. Belo Horizonte: Anais, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação / INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003.

BAUER, W. & GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARTLE, Phil. **Organizar para fortalecer**. Disponível em <http://www.scn.org/mpfc/modules/sta-orp.htm>. 2008. Acessado em 20 maio de 2009.

BETTI, Mauro. **Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo**. Ijuí: UNIJUÍ,1997.

BETTI, Mauro. **A Janela de vidro: Esporte, Televisão e educação física**. Campinas: Papirus, 1998.

BILHIM, João Abreu de Faria. **Teoria Organizacional: Estruturas e Pessoas**.São Paulo: ISCSP, 2006.

BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: Uma introdução**. Ijuí: Unijuí, 2003.

BRUNORO, José Carlos & AFIF, Antonio. **Futebol 100% profissional**. São Paulo; Gente, 1997.

CAMPOS,C. **Futebol Feminino: O Papel assumido e permitido as mulheres durante a criação do jogo de futebol**. Florianópolis: UFSC, 1998. (Monografia do Curso de Licenciatura em Educação Física).

CAMPOS,P. C. **Técnicas de Entrevista**. [2008]. Acessado em 15.05.2009. Disponível em <http://webmail.faac.unesp.br/~pcampos/Tecnicas%20de%20Entrevista.htm>.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix Ltda, 1996.

CARRAVETA, Élio. **Modernização da gestão no futebol brasileiro**: perspectivas para a qualificação do rendimento competitivo. Porto Alegre: AGE, 2006.

CARRAVETA, Élio. **O jogador de futebol: Técnicas, Treinamento e Rendimento**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.

CASTELO, Jorge. **Futebol, Modelo Técnico-Tático do Jogo**. Lisboa: Edições FMH – Universidade Técnica de Lisboa, [1995].

CHIAVENATO, Idalberto. **Desempenho humano nas empresas**. São Paulo: Atlas S. A., 2001.

COELHO, P.V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2006.

COIMBRA, Edu Antunes. **Método Sensorial no Futebol. Da infância à fase adulta**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

CORRÊA, Filipe T.B.S.; MEDEIROS, João R. **Responsabilidade Social Corporativa para quem?** Disponível em www.ethos.org.br ; acessado em 16.09.2008.

CRUZ CÁRDENES, Antonio. **Fútbol. Análisis del Juego. Terapia Correctora**. Madrid: Editorial Gymnos, 1999.

DELORS, J. et al. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Educação para o Século XXI. 4 ed. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2000.

DRUBSKY, Ricardo. **O Universo Tático do Futebol. Escola brasileira**. Belo Horizonte: Health, 2003.

DUARTE, Orlando. **Futebol: Histórias e Regras**. São Paulo: MAKRON Books do Brasil editora Ltda, 1997.

FAZENDA, I. C.A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. Campinas, Ed. Papirus, 1995.

FERNANDES, José Luís. **Futebol: Ciência, Arte ou...Sorte!** São Paulo: Pedagógica e Universitária Ltda, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio, O Dicionário da Língua Portuguesa**. Ed. Especial. Curitiba: Positivo, 2008.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do Futebol**. Campinas – SP: Autores Associados, 2003

FUNDAÇÃO DARCI RIBEIRO. **Interdisciplinaridade**. [2008]. Disponível em http://www.fundar.org.br/temas/texto_7.htm. Acessado em 13.05.2009.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao Sol e à Sombra**. Porto Alegre: L&PM Editores, 1995.

GARCIA, Valéria Martinez. **A visão interdisciplinar e Multidisciplinar dos Profissionais da Saúde em relação a Fisioterapia no tratamento da síndrome de Down.** Trabalho publicado em 18.03.2008. Disponível em www.vgate.com.br. Acessado em 28.05.2009.

GOLDGRUB, Franklin. **Futebol: Arte ou Guerra? Elogio ao drible.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

INSTITUTO ETHOS DE EMPRESAS E RESPONSABILIDADE SOCIAL. **Indicadores Ethos de Responsabilidade Social Empresarial.** São Paulo, 2000. p. 07. Disponível em: <<http://www.ethos.org.br>>. Acesso em: 23 jun. 2008.

LEAL, Julio César. **Futebol arte e ofício: histórico, sistemas, táticas, técnicas, planejamento.** 2. edição. Rio de Janeiro: Sprint Ltda, 2001.

LUFT, Celso Pedro. **Mini Dicionário Luft.** 4.ed. São Paulo: Ática,s.d.

MELO NETO, Francisco Paulo de e FROES, César. **Responsabilidade Social e Cidadania Empresarial: a administração do terceiro setor.** Qualitymark : Rio de Janeiro, 1999.

MELO, R.S. **Qualidades físicas e psicológicas e exercícios técnicos do atleta de futebol.** Rio de Janeiro: Sprint Ltda, 1997.

MINICUCCI, Agostinho. **Relações Humanas: psicologia das relações interpessoais.** 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

MONTANA, Patrick J. **Administração.** 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

MOREIRA, Antonio F. B.; MACEDO, Elizabeth Fernandes de. **Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades.** Porto:Portugal: Porto editora, 2002.

OLIVEIRA, José Arimatés de. Responsabilidade social em pequenas e médias empresas. **Revista de Administração de Empresas.** v. 24, n. 4, p. 203-210, out./dez. 1984. p. 204.

PARREIRA, Carlos Alberto. Organizado por Carlos Eduardo Farias. **Evolução Tática e Estratégias de Jogo.** Brasília: Escola brasileira de futebol, 2005.

PESSINA, Antonio de Lyra. **Futebol e Mídia: o Corinthians na Série B do Brasileiro e sua Presença na Mídia Impressa Paulista.** Florianópolis: UFSC, 2008. (Monografia do Curso de Licenciatura em Educação Física).

POPCORN, Faith & LYS, Marigold. **CLICK – 16 tendências que irão transformar sua vida, seu trabalho e seus negócios no futuro.** Rio de Janeiro: Campus, 1997.

REIS, L. da C. A mulher brasileira que joga futebol. In: **I prêmio INDESP de literatura desportiva.** Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1999.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário Enciclopédico Escolar.** São Paulo: Scipione, 1996.

SANTOS FILHO, J. L.A. **Manual de futsal.** São Paulo: Sprint,2000.

SOUZA, Ricardo Arruda. **A discriminação como forma de violência no futebol profissional**. Florianópolis: UFSC 2007. (Monografia do Curso de Educação Física).

TEODORESCEU, I. . **Orientações e tendências da teoria e da metodologia de treino nos jogos desportivos**. Lisboa: Livros Horizonte, 1984.

TOLEDO, Luiz H. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec, 2002.

VIANA, Adalberto R. & RIGUEIRA, José Elias. **Futebol Prático. Preparação Física, Técnica e Tática**. Viçosa/MG: UFV Imprensa Universitária, 1990.

WIKIPEDIA. **Futebol**. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Futebol> / acessado em 22/04/2009

ZENATTI, Adriana. **Futebol Feminino: A discriminação e as dificuldades para a evolução do esporte no Brasil**. Florianópolis: UFSC 2008. (Mono. Curso de Ed. Física).

MATERIAL ANEXO

- Apêndice 1: **Itens da Entrevista semi-estruturada**
- Apêndice 2: **Características da Trajetória / Perfil dos Auxiliares Técnicos Entrevistados**

- Anexo 1: **Organograma de Comissões Técnicas**
- Anexo 2: **Modelo de Equipe Técnica no Futebol Brasileiro**
- Anexo 3: **Organograma da Diretoria de Futebol**

UFSC - CENTRO DE DESPORTOS - CDS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
Pesquisa Subsidiária à Monografia de Conclusão do Curso:

ATUAÇÃO DO AUXILIAR TÉCNICO NO FUTEBOL

Orientador: Prof^a Msc Marize Amorim Lopes
Acadêmico: Pedro Francisco Crema - 2009.1 / 2009.2

ENTREVISTA COM O AUXILIAR TÉCNICO

Itens da Entrevista semi-estruturada com perguntas abertas

- 1- Faça um breve resumo de sua trajetória relacionada ao futebol, informando se foi jogador ou não, os cargos que ocupou no futebol, e sua formação relacionada ao futebol.
- 2- Você é um auxiliar técnico do tipo que permanece fixado a um clube independentemente da contratação e dispensa dos treinadores que passem pelo clube, ou você é um auxiliar técnico do tipo que acompanha um treinador pelos diversos clubes pelos quais vocês forem contratados?
- 3- Liste suas funções e atuações enquanto auxiliar técnico futebolístico.
- 4- Quais conhecimentos, competências e habilidades você considera importantes um auxiliar técnico possuir?
- 5- Você emprega algum princípio didático-pedagógico em sua rotina de trabalho? Se sim, cite aquele que você mais utiliza.
- 6- Para você, um técnico pode ser considerado um professor, e/ou um educador? E para você, um auxiliar técnico pode ser considerado um professor, e/ou um educador? Por que?
- 7- O auxiliar técnico é um profissional cujas ações causam repercussões na sociedade, incluindo-se aí efeitos benéficos ou maléficos na sociedade e no mundo. Você considera que o auxiliar técnico tenha que ter funções sociais, intervenções sociais, responsabilidades sociais, e obrigações ético-morais em sua atuação profissional?

CARACTERÍSTICAS DA TRAJETÓRIA / PERFIL DOS AUXILIARES TÉCNICOS ENTREVISTADOS

Auxiliar Técnico 1:

- É formado em Educação Física;
- Foi jogador profissional de futebol antes de ser Auxiliar Técnico;
- Já dirigiu o time várias vezes na ausência do treinador;
- É auxiliar técnico fixo do clube;
- Atuou com vários técnicos;
- Foi treinador de juniores;
- Não viaja e realiza orientação dos jogadores que não viajam.

Auxiliar Técnico 2:

- É formado em Educação Física;
- Foi jogador profissional de futebol, também no Exterior, antes de ser Auxiliar Técnico;
- É primeiro auxiliar do clube;
- Atuou fora do futebol por 5 anos, mas sempre acompanhou o futebol;
- Acompanha o técnico nas viagens.

Auxiliar Técnico 3:

- É formado em Educação Física;
- Foi jogador de futebol profissional antes de ser Auxiliar Técnico;
- Atuou como jogador no Brasil e no Exterior;
- Fez Curso de Treinador de Futebol e outros (enquanto não trabalhava);
- Foi treinador de Categoria de base;
- Fez estágios com treinadores de futebol profissional;
- Montou escolinhas de futebol, squash, tênis;
- É Auxiliar Técnico que acompanha o treinador (há 6 anos).

Auxiliar Técnico 4:

- É formado em Educação Física;
- Foi jogador de futebol profissional antes de ser Auxiliar Técnico;
- Tem experiência como Auxiliar Técnico em diversos clubes de futebol profissional;
- É o único Auxiliar Técnico do clube atualmente.

Auxiliar Técnico 5:

- É formado em Educação Física com Pós-Graduação;
- Foi jogador de futebol antes de ser Treinador;
- Foi Treinador antes de ser Auxiliar Técnico;
- Foi treinador de Categoria de base e profissional;
- Atuou como treinador no Brasil e no Exterior;
- É Auxiliar Técnico que acompanha o Treinador.

Auxiliar Técnico 6:

- É formado em Educação Física;
- Não foi jogador de futebol profissional;
- Foi Treinador / Dirigente da Categoria de base por 10 anos;
- Viaja com o Treinador e os Atletas;
- Acompanha o Treinador pelos clubes.

Auxiliar Técnico 7:

- É formado em Educação Física;
- Foi jogador de futebol profissional antes de ser Auxiliar Técnico;
- Viaja para observar futuros adversários;
- Possui larga experiência como Auxiliar Técnico;
- É Auxiliar Técnico fixo do clube.

Auxiliar Técnico 8:

- Tem formação superior mas não em Educação Física;
- Não foi jogador de futebol;
- Realizava atividade bem distante do futebol, mas gostava de ver e observar jogos;
- Sabia observar os jogos e pelos comentários que fazia nas horas de lazer foi convidado por um Técnico a ser seu auxiliar;
- Acompanha um Treinador pelos clubes;
- Já passou por 4 clubes.

Auxiliar Técnico 9:

- Formado em nível superior mas não em Educação Física;
- Foi jogador (Goleiro);
- Começou cedo como Auxiliar Técnico;
- Acompanha o Treinador nos Clubes;
- Acompanha o Técnico nas viagens para jogos na casa do adversário;
- Só trabalhou com 1 treinador e o acompanha até hoje;
- Único Auxiliar Técnico do clube.

Auxiliar Técnico 10:

- Foi jogador profissional de futebol;
- É Auxiliar Técnico que acompanha o Treinador pelos clubes;
- Não definiu sua formação; não é formado em Educação Física.

Auxiliar Técnico 11:

- Formado em Curso Superior diferente de Educação Física;
- Não foi jogador de futebol antes de ser Auxiliar Técnico;
- Foi Auxiliar Técnico de infantis e juniores antes do profissional;
- É Auxiliar Técnico fixo clube;
- Auxiliar Técnico Analista de desempenho, utilizando-se da tecnologia esportiva.

Auxiliar Técnico 12:

- Formado em Educação Física e em Treinamento Esportivo;
- Não foi jogador de futebol ;
- Envolveu-se com esporte desde adolescente. Não era bom jogador, mas organizava jogos em escola, rua, bairro;
- Já foi Treinador de escolinha;
- Foi professor de futebol nas escolas no Japão (3 anos);
- Auxiliar Técnico que acompanha o treinador ;
- Já trabalhou como treinador;
- Atua como Auxiliar Técnico nove anos;
- Já foi gerente de futebol de base e até massagista na categoria de base.

Auxiliar Técnico 13:

É formado em Educação Física;

Foi treinador de Escolinha num clube;

Foi atleta amador, não chegou a se profissionalizar;

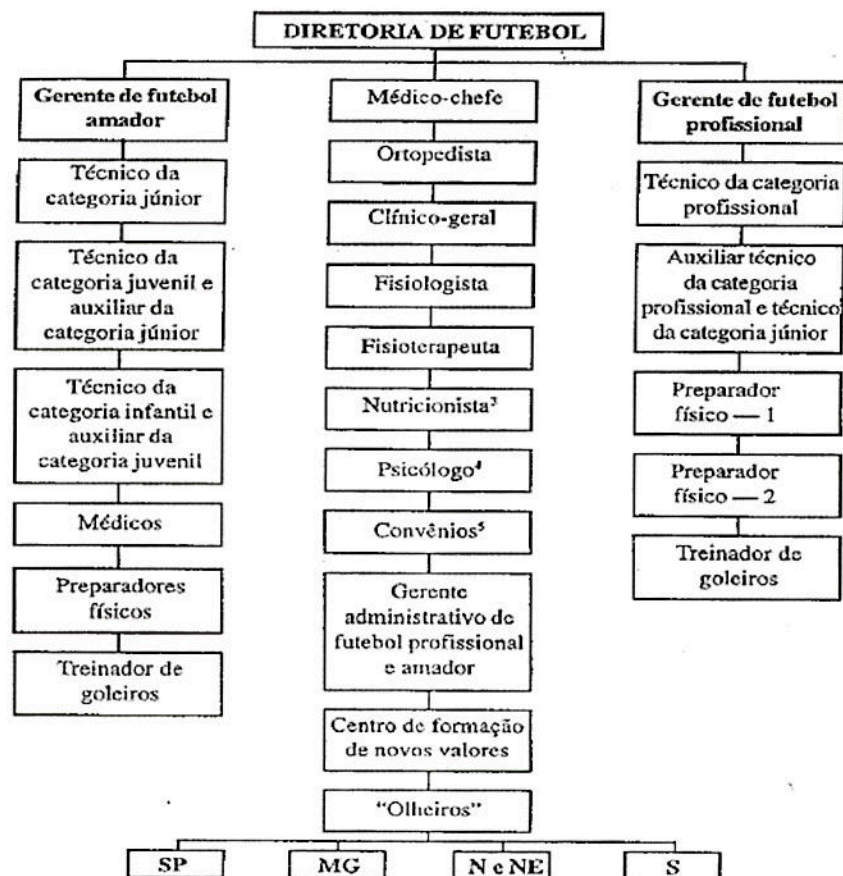
Foi Auxiliar Técnico dos Juniores, treinador dos juvenis, juniores e aspirantes de um clube;

Foi observador técnico de um clube;

Foi treinador interino de um clube.

Organograma Brunoro e Afif (1997,p.60)

ORGANOGRAMA DO DEPARTAMENTO TÉCNICO



³Profissional que poderá prestar assessoria.

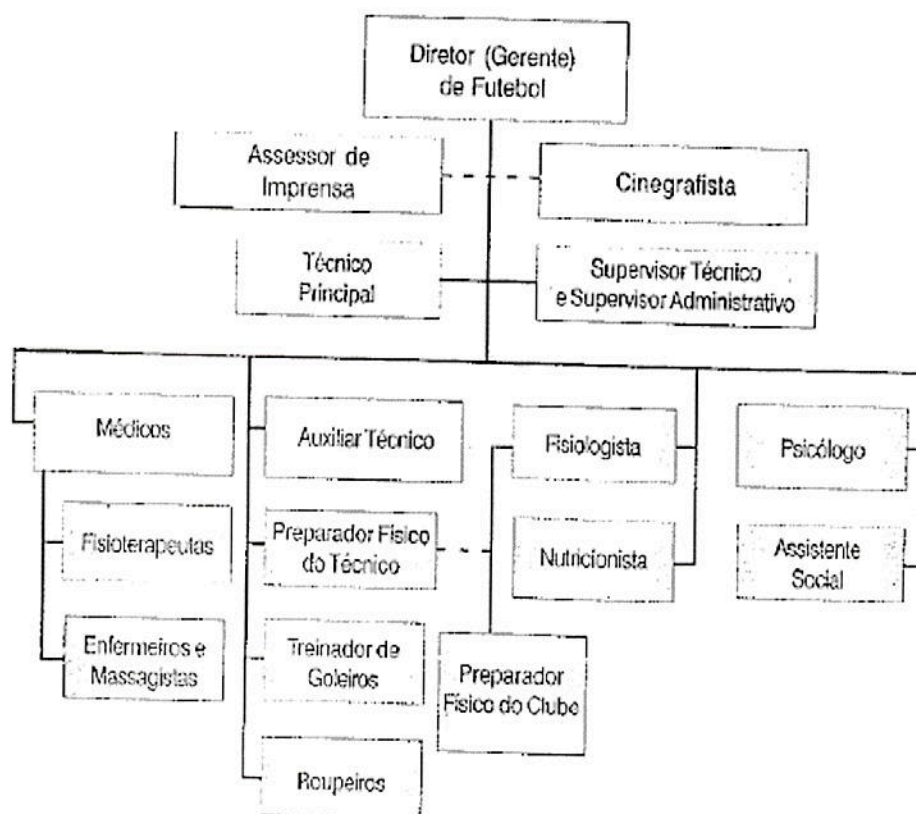
⁴Profissional que poderá prestar assessoria. Função ligada ao técnico.

⁵Para cirurgias e tratamentos odontológicos.

Brunoro e Afif (1997,p.60)

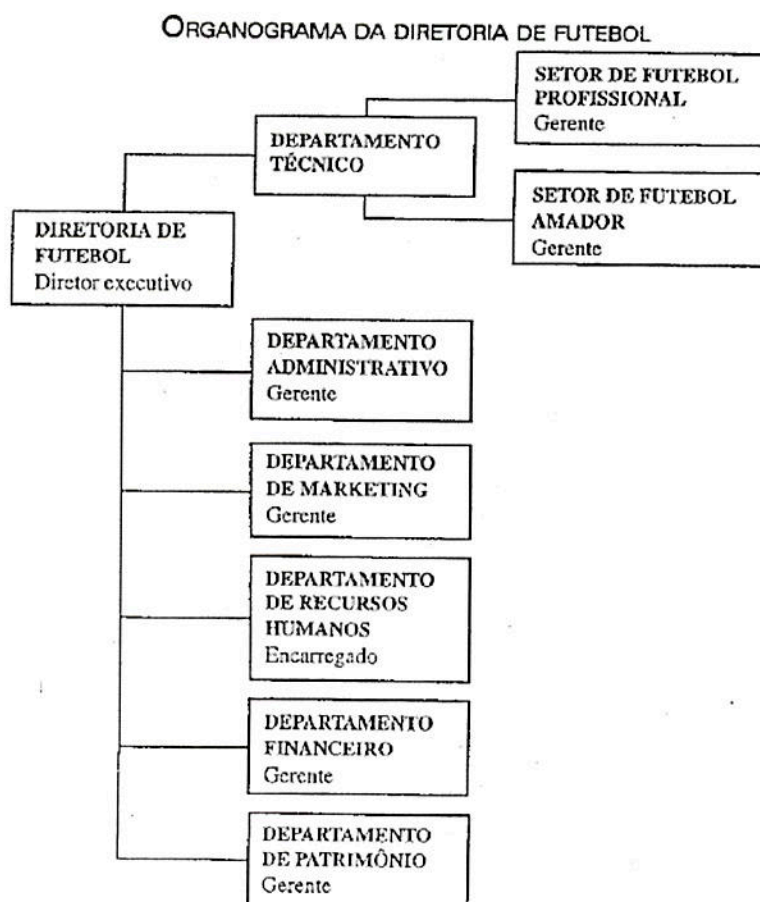
Modelo de Equipe Técnica no Futebol Brasileiro

MODELO DE EQUIPE TÉCNICA NO FUTEBOL BRASILEIRO



Drubscky (2003,p.58)

ORGANOGRAMA DA DIRETORIA DE FUTEBOL
Brunoro & Afif (1997, p.58)



BRUNORO & AFIF, 1997, p.58